

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FLÁVIO ROGÉRIO PÁTARO

HEADBANGERS: DISPOSIÇÕES CONFLITUOSAS

MARINGÁ

2019

FLÁVIO ROGÉRIO PÁTARO

***HEADBANGERS*: DISPOSIÇÕES CONFLITUOSAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Sociedade e Práticas Culturais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zuleika de Paula Bueno

MARINGÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

P294h Pátaro, Flavio Rogério
Headbangers: disposições conflituosas / Flavio Rogério Pátaro. -- Maringá, 2019.
107 f. : il., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Zuleika de Paula Bueno.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2019.

1. *Headbangers* - Socialização. 2. *Heavy Metal* - Estilo musical. 3. Cultura. I. Bueno, Zuleika de Paula, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDD 21.ed. 302.32

Elaine Cristina Soares Lira - CRB 1202/9

FLÁVIO ROGÉRIO PÁTARO

Headbangers: disposições conflituosas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA



Prof.^a Dr.^a Zuleika de Paula Bueno
Universidade Estadual de Maringá – UEM (Presidente)



Prof. Dr. Hilton Costa
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.^a Dr.^a Elisabeth Murilho da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Aprovada em: 26 de abril de 2019

Local de defesa: Bloco H-12, sala 014 *campus* da Universidade Estadual de Maringá

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha amiga, professora e orientadora Dr^a. Zuleika de Paula Bueno que mesmo durante um período difícil de sua vida teve comprometimento e paciência me ajudando sempre que possível, sua ajuda como amiga e orientadora foi indispensável. Agradeço ao professor Dr. Hilton Costa por estender a mão sempre que precisei, sua ajuda foi essencial para escrever esse passo em minha história. Agradeço a professora Dr^a. Elisabeth Murilho da Silva pela presença e participação em minha defesa, sua ajuda engrandeceu este trabalho. Gostaria de agradecer a todos os professores do departamento de ciências sociais da UEM que de uma forma ou de outra me apoiaram, em especial ao professor Ednaldo Ribeiro que deu início a esta caminhada. Agradeço aos interlocutores que tornaram esse trabalho mais do que uma pesquisa, mas um aprendizado que carregarei comigo sempre. Agradeço a minha mãe, Sueli Aparecida Nicolau por ser a melhor mãe do mundo. Por fim, um agradecimento mais do que especial a minha esposa, Juliana Guerra Sgorlon, sem você esse trabalho jamais seria possível, você me deu o apoio, o suporte e a liberdade para crescer, sua presença sempre extraí o melhor de mim e cada dia ao seu lado é uma vitória.

***Headbangers*: disposições conflituosas**

RESUMO

A segunda metade do século XX foi marcado pelo acirramento dos conflitos políticos da guerra fria, um momento de crescimento econômico, mas um ambiente conservador que cerceava as liberdades. Neste contexto surge o *Movimento Beat*, que se espalhou inicialmente pela Europa e Estados Unidos, sendo a válvula de escape e expressão dos jovens a um ambiente de extremo conservadorismo. O *Rock n' Roll*, gênero musical proveniente da união do *Blues* e do *Country*, que já havia se tornado um fenômeno entre os jovens, recebe toques melódicos e sombrios em bandas como *Led Zeppelin* e *Black Sabbath* dando origem a um novo estilo, era tempo do *Heavy Metal* conquistar fãs ao redor do mundo com sua visão distópica. O *headbanger*, nome adotado pelos fãs de *Heavy Metal* para sua identidade, é a materialização da angustia de uma geração, a representação encarnada daqueles que veem a sociedade moderna como uma distopia, uma voz que fala daquilo que não se deve falar, um indivíduo dissonante e estigmatizado. Os *headbangers* são indivíduos que possuem características marcantes, muitas vezes assumindo um padrão visual como cabelos longos e roupas pretas como símbolo de sua rebeldia. O presente trabalho procurou estudar os processos de socialização desses indivíduos e como, embora esse discurso subversivo se mantenha até os dias de hoje, alguns integrantes do grupo passaram a assumi-lo apenas como forma de diferenciação. Para isso a pesquisa utilizou uma metodologia baseada nos estudos de Bernard Lahire, empregando extensas conversas e entrevistas durante o período deste trabalho, contudo, isso só foi possível limitando o número de interlocutores. A análise sobre as disposições, obtidas nos processos de socialização, demonstraram que, assim como a identidade *headbanger*, os conflitos gerados por seus posicionamentos podem retroalimentar e fortalecer os vínculos identitários. Além disso, nota-se a existência de um paradoxo em relação a identidade *headbanger* e seu estigma que é visto de forma positiva dentro do grupo.

Palavras-chave: *Headbangers*; Socialização; Cultura; Disposições.

Headbangers: conflicting dispositions

ABSTRACT

The second half of the twentieth century was marked by the escalation of political conflicts in the Cold War, a time of economic growth, but a conservative environment that curtailed freedoms. In this context comes the Beat Movement, which spread initially to Europe and the United States, being the outlet and expression of young people to an atmosphere of extreme conservatism. Rock n 'Roll, a musical genre from the union of the Blues and Country, which had already become a phenomenon among young people, receives melodic and somber tones in bands like Led Zeppelin and Black Sabbath giving rise to a new style, it was the time of Heavy Metal to conquer fans around the world with their dystopian vision. The headbanger, a name adopted by Heavy Metal fans for their identity, its the materialization of the anguish of a generation, the embodied representation of those who see modern society as a dystopia, a voice that speaks of what one should not speak, a dissonant and stigmatized individual. Headbangers are individuals who possess striking characteristics, often assuming a visual pattern, such as long hair and black clothing as a symbol of their rebellion. The present work sought to study the socialization processes of these individuals and how, although this subversive discourse continues to this day, some members of the group started to assume it only as a form of differentiation. For this, the research used a methodology based on the studies of Bernard Lahire, using extensive conversations and interviews during the period of this work, however this was only possible limiting the number of interlocutors. The analysis of the dispositions, obtained in the socialization processes, showed that, just like the headbanger identity, the conflicts generated by their positions can feedback and strengthen the identity bonds. In addition, its noted the existence of a paradox regarding the headbanger identity and its stigma that is seen positively within the group.

Keywords: Headbangers; Socialization; Culture; Disposition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CAPÍTULO 1	12
1.1 BORN TO BE WILD	13
1.2 CHILDREN OF THE GRAVE.....	17
1.3 HIGHWAY TO HELL	19
1.4 BREAKING THE LAW	21
1.5 TRIBO'S BAR – LIVING AFTER MIDNIGHT	24
2. CAPÍTULO 2	30
2.1 DIFFERENT WORLD	31
2.2 THE WIZARD.....	36
2.3 GHOST OF THE NAVIGATOR	39
2.4 WE ROCK!.....	42
2.5 DREAMER.....	46
2.6 IT'S A LONG WAY TO THE TOP	53
2.7 MASTER OF PUPPETS	60
2.8 INTO THE VOID	66
2.9 HEAVY METAL BREAKDOWN.....	70
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
4. APÊNDICE A	76

Introdução

Somos o reflexo de nossa história, uma história de aprendizado, sentimentos e conflitos, uma relação de dependência externa que extrapola a individualidade. Esse fluxo de trocas, constituído de nossa vivência, também pode ser chamado de *processo de socialização*, ele nasce na interação, uma jornada de relações, um caminho traçado por discursos, condutas e expectativas, uma jornada socializadora que transforma o ser, acumulando experiências e construindo sua biografia. O processo de socialização possui o peso de moldar valores, definir condutas, mas também criar uma zona de conflito entre diferentes disposições. Contudo esse processo não é engessado, muito menos se adere sem questionamentos, cabe ao pesquisador analisar e interpretar como cada um reage e constrói sua história.

Como humanos dotados de vontades e desejos, o processo de socialização pode se apresentar como um ato coercitivo, levando ao enfrentamento e criando ainda mais tensão nessa relação, o que por vezes pode levar o indivíduo a contrapor-se as “normas sociais”. A construção dessas disposições individuais é complexa, sua relação com o meio é profunda e ela representa os anseios deste indivíduo, materializados em uma conduta condizente ou não com o que a sociedade espera. Suas disposições podem ainda assumir uma forma de reivindicar seu pertencimento a determinados grupos ou então se apresentar de forma a construir uma “fronteira”, uma forma de diferenciação. Deste modo, a socialização leva a diferentes tendências individuais, essas podem ser múltiplas e mesmo contraditórias, são disposições no modo de agir, de pensar e nas crenças que dependem do contexto e de sua necessidade, assim o indivíduo que em seu processo de socialização assume através de suas disposições uma representação e um comportamento fora do que é entendido como normal, pode ser marginalizado ou estigmatizado. Diante disto, este estudo as margens do cânone, nasce e tem como objetivo discutir os processos de socialização e as disposições de pessoas relacionadas e pertencentes ao grupo dos *headbangers*¹.

Como sujeito participante e integrante dos *headbangers* durante boa parte de minha vida, o primeiro desafio foi construir um pensamento crítico resultante de um distanciamento ou “estranhamento”. Nunca houve entretanto o objetivo de “produzir uma pesquisa asséptica”, não

¹ Headbanger é um termo usado para designar a cultura de fãs de heavy metal e suas variantes. O termo foi criado pelo hábito de balançarem a cabeça nos shows.

era intuito deixar de lado minhas origens, me distanciando de tudo que se relacionava aos *headbanger*. Esse distanciamento inicial foi importante para desconstruir algumas hipóteses e contribuiu com novas interpretações, novas questões a serem respondidas. O afastamento, também não quer dizer me isolar por completo como pesquisador, é necessário um movimento de aríete, uma capacidade de ver através da perspectiva do grupo sem perder o olhar científico. Durante a pesquisa, essa possibilidade de aproximação com o grupo foi essencial, muitas vezes retirando a figura do pesquisador, um corpo estranho, um sujeito fora do contexto e me possibilitou um trânsito imperceptível no ambiente do grupo, um pertencimento que era livre de restrições ou desconfianças, capaz de observar em loco o grupo sem causar nenhum tipo de alterações de comportamento. A proximidade também foi fundamental na interação com meus interlocutores, nossa ligação com a cultura *headbanger* proporcionava um ponto de partida em comum, um vínculo de empatia e confiança que me possibilitou aprofundar questões mais complexas sobre suas vivências.

Todavia, se minha relação com o grupo foi importante para garantir fácil acesso a essa cultura, volto aqui a falar sobre uma “sombra que permanecia constante em meu pensamento”, um aviso de alerta que me forçava a buscar uma “imparcialidade” científica, um discurso aos moldes acadêmicos. Esse alerta não é incomum aos pesquisadores, é uma força que condiciona as regras do campo, é um discurso que domina a academia e conduz muitos pesquisadores a buscar essa neutralidade científica, que ao contrário do que muito se acredita, não é uma prerrogativa do pesquisador, ela é fruto de uma construção, de um paradigma ainda muito presente na academia, um discurso de apoio a uma imparcialidade, que apesar de ter perdido força, ainda domina o campo científico e que como pesquisadores somos obrigados a buscar, as vezes em excesso, para legitimar nosso pertencimento ao campo. Esse compromisso com o discurso e com a retórica científica não pode ser visto como imparcial, ele atende a interesses de paradigmas já estabelecidos. Para além disso, como pessoas singulares, muitas vezes nossas disposições nos conduzem a caminhos de interesses e afinidades que tendem a escapar desta norma, há então uma força contrária que nos conduz a modelos pré-definidos de pesquisa. Essa relação entre pesquisador e campo científico é assimétrica e muitas vezes o pesquisador precisa dobrar-se aos moldes do paradigma dominante para manter-se no jogo.

Como pessoas, somos nossos caminhos, nossas vivências únicas, compostas de disposições dinâmicas e ações que muitas vezes independem de nossos desejos, são tendências

em escolher objetos, temas ou certas afinidades que conduzem o que vemos como importante. Essas disposições traçam e constroem nosso caminho em um vaivém de diálogos sociais e dessas relações nascem novas disposições. Logo, em uma pesquisa que muitas vezes nasce e cria-se sobre uma erige da imparcialidade, o pesquisador por vezes abre mão de suas disposições, para moldar-se a fim de buscar um encaixe teórico, preenchendo lacunas determinadas dentro de paradigmas já estabelecidos, aceitando conceitos e categorias sem questioná-las, condenando essa “imparcialidade”, que foi construída durante o percurso acadêmico através do discurso e da retórica científica, a ser destruída. A imparcialidade passa-se então ao molde de uma obrigatoriedade que muitas vezes se impõe como forma de permanência no jogo, o campo passa a ditar as regras, o jogo transforma a imparcialidade em dogma e a academia em um campo de reprodução mecânica de pesquisas.

Capítulo 1

Some people say my love cannot be true
Please believe me, my love, and I'll show you
I will give you those things you thought unreal
The sun, the moon, the stars; all bear my seal!²

² Trecho da música N.I.B da banda Black Sabbath

1.1 Born to be wild³

Compreender as origens dos *Headbangers*, termo pelo qual são conhecidos os fãs de *Heavy Metal*⁴, passa por reconstruir, mesmo que brevemente, um contexto histórico, uma análise do momento econômico, político e cultural do mundo pós-guerra. O *Heavy Metal*, como estilo musical que conhecemos hoje tem sua origem na década de 70, mas sua genealogia passa pelo *movimento beat*⁵, um movimento de contracultura nascido na Europa que se espalhou pelo mundo ao final da segunda guerra mundial.

Voltaire Schilling retrata em seu livro *América: a história e as contradições do império*, como ao final da segunda guerra os Estados Unidos saíram em vantagem desse emaranhado de conjunturas sendo à única potência a sair da guerra praticamente ileso, uma vez que seu território não sofreu ataque direto durante a guerra e suas principais cidades não foram afetadas diretamente pelo conflito. Os Estados Unidos, que já despontavam como uma grande potência econômica da época, puderam também firmar sua ideologia capitalista ao mundo. O autor ainda ressalta, que os antagonistas dos americanos, os soviéticos, também saíram vitoriosos do combate, no entanto, sofreram com a morte de quase 20 milhões de pessoas, tiveram suas aldeias devastadas, lavouras abandonadas e perdas significativas no rebanho bovino (SCHILLING, 2004, pg.200). Outro importante autor que trata sobre o período pós-guerra é Eric J. Hobsbawm, em *A era dos extremos*, ele descreve as disparidades de condições impostas pela guerra e como as duas forças antagonicas, Estados Unidos e União Soviética, puderam marcar suas posições, muito embora o governo soviético demonizasse o antagonismo, voltando-se a pregar as ideias socialistas, os Estados Unidos defendiam o capitalismo com um discurso “anticomunismo apocalíptico” representado pela figura do senador Joseph McCarthy (HOBSBAWN, 1995, pg.232). O mundo assistia ao embate entre as duas potências quando um fato muda o ritmo e a conduta dessa luta, a morte do então presidente americano Franklin D. Roosevelt em 1945 e a ascensão do novo presidente eleito Harry S. Truman, que tinha o apoio de um congresso republicano, conservador e acabou abandonando a postura de colaboração com a União Soviética, partindo para o conflito aberto, a Guerra Fria.

³ Música da banda Steppenwolf.

⁴ Gênero musical do rock característico de som massivo e encorpado.

⁵ Movimento influenciado por religiões como o Budismo e a ideia de purificação do espírito.

Durante este período os Estados Unidos experimentavam uma onda de conservadorismo, um abandono as políticas sociais como o *New Deal*⁶, a criação do Comitê de Atividades Antiamericanas e o *Macarthismo*⁷. Para contextualizar uma frase de Herbert Marcuse representa o sentimento da época, “Uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial desenvolvida, um testemunho do progresso técnico” (MARCUSE, 1973, pg.23). Naquele contexto, a sociedade da razão, ciência e progresso passa a ser questionada por uma parcela da juventude e apesar do *american way of life*⁸ proporcionar grande crescimento econômico, o ambiente era de extremo conservadorismo e esses jovens pregavam uma sociedade menos coercitiva e mais livre. Esse comportamento subversivo para época ganha força na música e na literatura através do que ficou conhecido como movimento *beat*, um movimento artístico, geralmente ligado a jovens brancos de classe média europeus e americanos que pregavam a liberdade, uma vida aventureira e ideais contrastantes a visão conservadora da sociedade. Para Wlisses James de Farias Silva (2014, pg.14), em um primeiro momento “os beats em geral rejeitavam o rock adolescente dos anos 1950, e musicalmente eram mais próximos do *Jazz* e do *Be-bop*”. Esses jovens eram os frutos do *baby boom*⁹, de um *welfare state*¹⁰ que predominou nas primeiras décadas do pós-guerra e possuíam um maior poder de compra se comparados com as gerações anteriores.

Nesse contexto é realizado em 1969 nos Estados Unidos o *Woodstock*¹¹, evento que se tornou um marco dessa juventude e contou com a participação de *Janis Joplin*, *Creedence Clearwater Revival*, *Santana*, *Jimi Hendrix*, etc. O sucesso do evento já apresentava os resultados de uma expansão da indústria fonográfica nos Estados Unidos, passando de um faturamento de 255 milhões de dólares em 1955 para 2 bilhões em 1973. “Cada membro do grupo etário de cinco a dezenove anos, nos EUA, gastava pelo menos cinco vezes mais em disco em 1970 do que em 1955” (HOSBSBAWM, 1995, pg.321).

⁶ Um plano de medidas econômicas adotadas por Roosevelt que tinha como base o auxílio aos mais pobres e o combate ao desemprego gerado pela crise de 1929.

⁷ O Termo se refere a prática do ideal anticomunista pregado pelo Senador Joseph MacCarthy.

⁸ Modo de vida americano.

⁹ Nome dado a alta taxa de crescimento de natalidade no período.

¹⁰ Estado de bem-estar social, em tradução livre.

¹¹ Festival de música que aconteceu na fazenda Bethel no estado de Nova Iorque.

Toda essa conjuntura tornou possível, ao final da década de 60 e início dos anos 70, que o *Rock n' Roll*¹², que era a mescla de dois estilos musicais: o *Rhythm and Blues*¹³ e o *Country and Western*¹⁴, fosse adotado como o porta voz dessa juventude. Na mesma época, subiam aos palcos dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, bandas como *Black Sabbath*, *Led Zeppelin*, *Pink Floyd* entre outras, estas bandas possuíam em seu repertório críticas ao conservadorismo, ao modelo de sociedade da época, as guerras e de temas considerados tabus. Essas bandas representavam um louvor a liberdade e a juventude, criticando o controle social e o momento histórico no qual estavam inseridos. Em *Another Brick in the wall*¹⁵, música lançada em 1979, (trecho abaixo) pela banda britânica *Pink Floyd*, a crítica ao sistema disciplinar eram a expressão do sentimento de restrição e controle do período que marcou a infância dos músicos.

Another Brick in the Wall

We don't need no education
We dont need no thought control
No dark sarcasm in the classroom
Teachers leave them kids alone
Hey! Teachers! Leave them kids alone!
All in all it's just another brick in the wall. ”

Em *Sweet Leaf*¹⁶ e *Snowblind*¹⁷, com trechos representados abaixo, ambas do *Black Sabbath*, a banda fez referências ao uso de drogas, tema considerado tabu, uma depravação dos costumes da época.

Sweet Leaf

“My life was empty, forever on a down
Until you took me, showed me around
My life is free now, my life is clear
I love you sweet leaf though you can't hear. ”

¹² Estilo musical criado da junção de dois estilos musicais nos Estados Unidos.

¹³ Estilo musical marginalizado, normalmente associado aos negros nos Estados Unidos.

¹⁴ Estilo musical marginalizado e associado aos brancos pobres da zona rural americana.

¹⁵ Outro tijolo na parede, em tradução livre.

¹⁶ Erva doce, em tradução livre.

¹⁷ *Snowblind* é uma música do álbum Vol. 4 do *Black Sabbath*.

Snowblind

“What you get and what you see
Things that don't come easily
Feeling happy in my vein
Icicles within my brain
(cocaine)”

Esse comportamento avesso aos preceitos daquela sociedade, que trazia ao debate questões polêmicas como sexualidade e liberdade sexual, a violência do Estado e o acúmulo de capital, a religião e a família, o uso de drogas e outros temas considerados tabus, teve seus conceitos incorporados pelo que mais tarde ficou conhecido como *Heavy Metal*, um novo gênero musical nascido do *Rock n' Roll* e com inspiração na música clássica, no *Blues* e no *Jazz*. Para Jeder S. Janotti Junior (1994, pg.13) “a década de setenta e marcada pela fragmentação onde o pensamento utópico se esfacela, e seu reflexo no rock vai ser delineado através de diversos estilos musicais”. O *Heavy Metal*, um gênero musical que falava das mazelas sociais de forma crua e que apresentava uma visão distópica da sociedade, dá seus primeiros passos. Janotti Junior (1994, pg.20) “O rito macabro do *Sabbath*¹⁸ abre uma nova escritura jovem diante do mundo: não mais paz e amor, agora os parâmetros são outros, o inferno é aqui e agora, é o fardo do dia a dia, simbolizado pelas imagens metálicas”.

¹⁸ Trata-se da banda Black Sabbath.

1.2 Children of the grave¹⁹

Esse novo estilo musical híbrido e contestador, muitas vezes se utiliza de um discurso macabro, da figura do diabo e de velhos medos que atormentam a humanidade para expressar seu descontentamento com o mundo. O *Heavy Metal* já nasceu na era da produção de massa, da indústria cultural e muitas vezes é visto como um produto acrítico, de superficialidade aparente e sem importância, além disso é possuidor de características vistas como um desvio moral, o que mantém boa parte dos indivíduos afastados. Mesmo assim, o *Heavy Metal*, ou rock pesado como também é conhecido no Brasil, foi abraçado pelos jovens que buscavam maneiras de se insurgir contra as tradições e normas da sociedade em que estavam inseridos. Segundo Janotti Junior (1994, pg.98) “O *headbanger* se mostra a sociedade e se impõe como tal, e ao mesmo tempo, esconde a semântica grupal, restrita aos iniciados”.

Essa ligação com o satanismo, além de reforçar a ligação do *Heavy Metal* com o inconsciente, dá mais coesão interna a tribo metálica. Isso porque essas imagens além de afastar os mais desavisados da música *Heavy*, criam um laço quase religioso entre os fãs, pois só os iniciados compartilham das mensagens satânicas como um meio alternativo aos padrões tradicionais impostos pela cultura ocidental. (JANOTTI, Junior. 1994, pg.67)

Esses jovens reunidos deram origem aos *headbangers* ou *metalhead*²⁰ e para poder trabalhar com esses indivíduos, com características variadas pela imensidão de suas individualidades, tratarei neste capítulo de um modelo de *headbanger*, um tipo ideal que forneça uma base de comparação. Dito isto, estas pessoas, possuidoras de algumas características marcantes, são de fácil construção arquetípica e muitas vezes essas construções nos remetem a um estereótipo, o “metaleiro”, porém, vale ressaltar que esse indivíduo é fruto de uma teia de significados que acompanham o *Heavy Metal*. Significados estes que foram construídos historicamente e moldados por conjunturas que atribuíram valores tanto para os *headbangers*, quanto para os indivíduos com o qual essa cultura se relaciona. “Os *headbangers*

¹⁹ Música do álbum *Master of Reality* da banda *Black Sabbath*

²⁰ Gíria utilizada para se referir aos fãs de *Heavy Metal*.

com suas calças jeans surradas, cabelos compridos e as camisetas que estampam o grupo preferido, já fazem parte da paisagem urbana contemporânea” (JANOTTI, 1994, pg.97). Assim, em se tratando de sua aparência, os *headbangers* de maneira geral buscam algo que os diferencie, cabelos longos, algumas modificações corporais como as tatuagens e *piercings*, adereços pouco rotineiros como colares e braceletes de *spikes*²¹ e uma indumentária que representa sua “filiação”, assim, ao mesmo tempo em que buscam se diferenciar, esses jovens abraçam características que possam construir “laços identitários” com um grupo de fãs específico. Mas devemos evitar o equívoco de ver seus trajes de maneira superficial, essa indumentária aparentemente simples, juntamente com a música, tornou-se a base da cultura *headbanger*. A indumentária tem o poder de condicionar comportamentos, agregar sentidos e está constantemente acumulando significado. Na perspectiva de Daniel Miller (2013, pg.22), “as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser”, porém, o fato de não serem superficialidades não as torna compostas por significados profundos, não se trata de uma dicotomia entre profundidade e superficialidade, ou uma análise a partir da teoria semiótica, mas de um “eu/coisa” que cresce acumulando sentidos. Temos no engessamento desse imaginário um vício do pensamento humano, uma tendência a “congelar” as coisas no tempo para que possamos definir uma categoria, uma identidade, um significado fixo, segundo Miller (2013, pg.31), “isso decorre de uma preferência histórica por identidades relativamente fixas e hierárquicas”. Esse estilo de se vestir extrapolou as fronteiras do grupo e deu origem a novos estilos, teve seu centro criador expandido a partir dos Estados Unidos e atingiu escala global no final do século XX, mas não carregou seus significados, a indumentária tornou-se apenas um apelo visual. O sexo representado pelo *bondage*, invocado pelos adereços de couro, as calças jeans surradas dos *mosh pit*²², a predominância da cor preta de seu luto permanente com a sociedade, são significados que ficaram restritos ao grupo. Entretanto, essa indumentária que acumulou sentidos, foi tomada pela indústria do consumo e perdeu grande parte de seu significado original, o estilo perdeu seu sentido.

²¹ Um bracelete produzido com diversas pontas de aço.

²² Uma forma de dança, praticada em gêneros de música mais agressivos, como o Thrash Metal.

1.3 Highway to hell²³

Como Clifford Geertz, assumirei o sentido de cultura proposto por Max Weber, assim a cultura é “uma teia de significados construídos pelo homem” (GEERTZ, 1978, pg.4), portanto todo o processo histórico descrito anteriormente ajuda a compreender como foram moldados os fãs e a cultura *headbanger*. Essa cultura marcada por um comportamento subversivo, surge de um desejo de romper com os paradigmas, um clamor de liberdade nascido do caos, que teve suas bases no enfrentamento dialógico com a sociedade conservadora do pós-guerra. Dentro desse embate, da contracultura com o paradigma dominante, o indivíduo que se identifica com o grupo, se forma em um processo de socialização onde sujeitos constroem suas disposições, um trajeto de compreensão de si e de suas intervenções no social, assim como, das imposições culturais presentes na sociedade em que vive. Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão (1986, pg.10), “a identidade se constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação uma com as outras [...]”. Assim as características identitárias dos *headbangers* são construídas não somente da relação e inclusão do indivíduo com o grupo de fãs e a sociedade, mas também da exclusão do indivíduo enquanto diferente dos outros, dos contextos em que estão inseridos e de um emaranhado de identidades acionadas em um embate político. Em meio a este conflito de identificações nos espaços sociais, o indivíduo pertencente aos *headbangers* torna-se uma anomalia social e suas características subversivas alimentam ainda mais a pressão do *status quo*²⁴, criando as bases para a negação de sua identidade e o estigma que paira sobre os *headbangers*.

A discussão da relação do estigma com o indivíduo mostra-se bem concretizada, Erving Goffman em seu livro *Estigma: Notas sobre manipulação da identidade deteriorada*, nos apresenta vários aspectos referentes a relação indivíduo, sociedade e as expectativas criadas no “instante do encontro com alguém”, assim, não cabe aqui discutir além do necessário o estigma como uma forma depreciativa do indivíduo, porém, vale ressaltar que para Goffman, “quando o objetivo político último é retirar o estigma do atributo diferencial, o indivíduo pode descobrir que os seus esforços podem politizar toda a sua vida”, essa tentativa de desconstrução do estigma teria um efeito negativo para a vida do estigmatizado, pois acabaria “tornando-a ainda mais diferente da vida normal que lhe foi inicialmente negada” (GOFFMAN, 1988, pg.98).

²³ Highway to hell é uma música da banda australiana AC/DC.

²⁴ *Status Quo* ou *Statu quo* é uma expressão do latim que significa “estado atual”.

Portanto, o estigma relacionado aos *headbangers* pode fornecer uma boa variável, são pessoas com características bem marcantes, mas seu estigma é fruto de uma construção social que se baseia em uma conduta moral. Não há necessariamente características étnicas, físicas, ou gênero, tão pouco, condições que pudessem originar uma fronteira identitária *a priori*. A exclusão dessas variáveis é necessária para que se possa analisar apenas as questões que dizem respeito a uma forma de estigma que tratarei aqui como auto imposta e que essas condições possam representar os *headbangers* de maneira geral. Assim, assumindo que os indivíduos pertencentes aos *headbangers*, mesmo que inconscientemente, conhecem as características da identidade *headbanger* e do estigma social referente, surge uma proposta de discussão. Como boa parte desses indivíduos, que desenvolveram suas disposições em um processo de socialização que os inseriu em uma cultura nascida do grito de liberdade, de caráter progressista, subversiva e caótica, que em geral deseja manter sua identidade “rebelde”, passou a assumir um discurso conservador? Como esses indivíduos construíram suas disposições de agir e de crenças?

1.4 Breaking the Law²⁵

Inicialmente podemos ressaltar que esse comportamento subversivo se tornou um traço marcante do movimento *headbanger*, como aconteceu com seus movimentos predecessores. Bandas como *Kiss*, *Mercyful Fate*, *Judas Priest*, *AC/DC*, *Twisted Sister* e *Montley Crue* são apenas alguns exemplos de bandas que foram censuradas em alguns países, acusadas de atentarem contra a moral e os bons costumes. Além da censura, cantores como Ozzy Osbourne, King Diamond ou Dio que colecionam processos dos mais variados tipos, em sua maioria com base em normativas de valores ou conduta moral. Essa luta, pela inversão ou manutenção dos valores, de uma maneira explícita ou velada pode ser encontrada em todos os grupos minoritários e com os *headbangers* não é diferente.

Com a pressão exercida pela sociedade na manutenção de seus costumes e condutas, os *headbangers* tendem a assumir uma postura de enfrentamento, seja pelo questionamento dessa moral, ou por tomarem posturas consideradas tabus sociais. Além disso, as relações ainda dependem de outros fatores não relacionados com sua identidade *headbanger*, tais como, idade, cor e classe social, fatores estes que podem extrapolar o objetivo deste trabalho que tem como foco este grupo específico. Os *headbangers* de modo geral também são associados com frequência a falta de ordem, o uso exagerado de álcool, as drogas ilícitas, a irracionalidade, a depravação, condições usualmente avessas a uma normativa social. “A embriaguez possui uma relação com a luxúria, e elemento dionisíaco, portanto símbolo da libido, é uma forma de buscar uma ponte inconsciente contra a mesmice do dia a dia” (JANOTTI, 1994, pg.51). Diante disso, pode-se notar que os *headbangers* são por vezes estigmatizados como grupo, um conjunto de indivíduos ou grupo minoritário, de moral deturpada, possuidores de um carácter avesso ao padrão convencional. Cria-se assim um estereótipo que se sobrepõem ao indivíduo, transbordando seus atributos a todos os fãs do estilo. É importante ressaltar que mesmo dentro dos fãs de *Heavy Metal* há diferenças em relação a maneira com que cada indivíduo é visto, com quais bandas ele se identifica, o que pode alterar a maneira como ele se relaciona. Outro ponto é a existência de diferentes vertentes nascidas do *Heavy Metal*, cada qual com suas

²⁵ Música da banda Judas Priest, do álbum *British Steel*.

características, o que levou a várias subdivisões de estilos, cada qual com seu grupo de fãs, mas por questões de logística tratarei de maneira geral a todos como *headbangers*.

Segundo Pierre Bourdieu (2006, pg.124), as minorias, dominadas pelas relações de forças simbólicas, “não tem outra escolha a não ser a da aceitação [...], da definição dominante da sua identidade ou da busca da assimilação a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma”. Essa noção de luta pela exclusão ou da subversão das relações simbólicas é constante em grupos minoritários e também está presente no grupo dos *headbangers*. Em suas relações sociais, os *headbangers* se veem submetidos a crenças, valores e modelos de vida já incorporados socialmente, o que os coloca em uma posição de enfrentamento, seja com sua própria inabilidade em aceitar os modelos estabelecidos, ou com indivíduos que foram capazes de incorporar esses modelos e os reproduzem.

Vivemos em sociedades em que as pessoas podem incorporar crenças (normas, modelos, valores, ideais...), sem ter os meios (materiais e/ou disposições) para respeitá-los, para concretizá-los, para atingi-los ou realizá-los. Por exemplo, viver mergulhado num ambiente ideológico-cultural que valoriza os benefícios do consumo pode conduzir os atores de uma sociedade a sonharem com acessar o consumo para “se sentirem bem”, “serem felizes” ou “estarem na moda”. No entanto, esses mesmos atores podem estar destituídos dos meios econômicos que os permitem agir no sentido de sua crença, vivendo essa situação sob o modo de frustração temporária ou permanente. (LAHIRE, 2017, pg. 42)

Considerando a sociedade como condicionante do estigma, devido a seus valores morais e tradições contrárias as do indivíduo pertencente aos *headbangers*, a felicidade e a realização encontraria-se no reconhecimento de seu estilo de vida e no seu modo de ser, mas dá-se uma relação no mínimo inusitada dos *headbangers* com seu estigma. Ao se levar em conta que a sociedade possui uma moral enraizada que busca manter, a luta do indivíduo que pertence ao grupo dos *headbangers* seria para subverter esses valores morais, ou tornar seus próprios valores aceitos. Assim, sua luta acabaria quando seus valores e modo de vida fossem aceitos socialmente, eliminando com isso boa parte de seu estigma. Porém, através de seu

reconhecimento, como sujeito pertencente a um grupo identitário de caráter rebelde e subversivo, o *headbanger* ao posicionar-se em relação a sua identidade, não quer que seu estigma desapareça, sendo exatamente seu estigma rebelde que dá sustentação a sua forma de socialização com o grupo. Para a existência então dessa identidade *headbanger* há a necessidade da manutenção dos valores sociais já dominantes, da moral e da religião, da tradição e dos modos de vida já estabelecidos, instituindo-se então uma relação de paradoxo. Para que o *headbanger* mantenha sua identidade, pressupõe-se que haja a manutenção das diferenças, de uma conduta moral que ele deveria em tese lutar para subverter.

Se “o estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema e que termina na institucionalização do grupo produzido” (BOURDIEU, 2006, pg.125), um grande contingente do grupo dos *headbangers* se encontra hoje neste estágio. O grupo que historicamente abraçou seu estigma baderneiro, transformando-o em uma bandeira, um diferencial característico, viu-se aos poucos inserido e domesticado, reproduzindo uma ordem, de uma moral e dos costumes dominantes. O *metaleiro*, alcunha com a qual alguns brasileiros se referem aos *headbangers*, transformou-se na figura que combatia, assumindo uma postura conservadora e abandonando seus ideais progressistas. A identidade aos poucos perdeu seu sentido político, viu-se em uma sociedade que passou a aceitar, mesmo que parcamente as diferenças e o “ser” *headbanger* transformou-se em grife, em um discurso sem ação, uma disposição sem apetência, seu estigma desapareceu, não por que venceu-se a luta, mas por que deu-se por derrotado, o *headbanger* foi enquadrado no modelo ideológico dominante.

A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (BOURDIEU, 2006, pg. 125).

1.5 Tribo's Bar – Living After Midnight²⁶

Se possível fosse concentrar todas as representações do *Rock n' Roll* Maringaense em um único lugar, este seria o *Tribo's Bar*. Um estabelecimento aberto no início da década de 90, com o nome de *Ópera Bar* que, após algumas mudanças permanece em funcionamento até os dias atuais. Durante estes quase 30 anos, o *Tribo's Bar* representou um ponto de encontro de todas as “tribos” presentes na cidade, tornando-se um ícone da contracultura da cidade.

Inicialmente inaugurado na avenida Cidade de Leiria (figura 1), sua presença foi constantemente motivo de conflito. Para uns era um antro de baderna, para outro o bar era um oásis do rock em meio a diversas boates e danceterias da região.

Figura 1 – Tribo's Bar Antigo – Avenida Cidade de Leiria.



Autor: Eduardo Cavalari

Este conflito perdurou até 2007, quando o bar se mudou para a avenida Cerro Azul, local onde funciona desde então. Esta mudança reconfigurou os circuitos existentes entre os

²⁶ Música da banda Judas Priest.

grupos que frequentavam o local e tornou-se um marco importante para o público. Para facilitar, nesta pesquisa a história do bar será dividida em dois períodos, um anterior a 2007 que será tratado como a primeira fase ou *Tribo's* antigo e a segunda fase pós 2007.

Durante sua primeira fase o *Tribo's Bar* sofria diversos tipos de ataques dos moradores e dos estabelecimentos vizinhos, por se tratar de um local fortemente ligado a uma contracultura, o bar era visto como recanto de marginais, onde as drogas e a vulgarização eram liberadas. Como se não bastasse, a melhor descrição que se poderia fazer do ambiente não seria fiel o bastante para igualar sua realidade, não quero com isso condenar ou julgar o ambiente, pelo contrário, sua aparência era um forte apelo com seu público, mas não há como ignorar que ela fomentava um certo asco do cidadão mais tradicional. Nesse ponto, a dissonância do *Tribo's Bar* com a região da cidade em que se encontrava não poderia ser mais evidente. Localizado no centro da cidade, o bar estava cercado por clínicas médicas, lojas de produtos importados e apartamentos residenciais, além de ter em sua área uma danceteria tradicional da cidade.

Figura 2 – Fachada do *Tribo's Bar* na década de 90.



Autor: desconhecido. Fonte: Maringá Histórica

O bar funcionava em um estabelecimento construído a partir de uma casa antiga de madeira (figura 02), com alguns anexos feitos de laje e uma área coberta por uma lona preta,

que foi substituída no passar dos anos por um telhado simples e um toldo, ambos com o objetivo de proteger os usuários na área externa nos dias de chuva. As paredes eram pintadas de preto e cobertas com grafites e desenhos de todos os tipos, as janelas, assim como as paredes, encontravam-se cobertas de desenhos feitos pelos seus usuários, além é claro de centenas de assinaturas deixadas pelos frequentadores (figura 3).

Figura 3 – Paredes do Tribo's Bar Antigo



Autor: Eduardo Cavalari

O palco era pequeno e baixo (figura 04), confinado a um canto próximo ao balcão. Construído de madeira compensada sem nenhum tipo de acabamento. Sobre ele a bateria e alguns equipamentos de som eram fixos e um tapete vermelho escuro com desenhos florais chamava a atenção. Sua aparência pouco importava aos usuários, mas provavelmente este era outro ponto a causar dor de cabeça aos bombeiros, não obstante, com o passar dos anos ele ficou instável, balançando conforme a banda tocava e o público subia para realizar seus saltos

conhecidos como *stage dive*²⁷. Para ser sincero, seu balançar condizia com o ritmo do *headbanging*²⁸ criando uma atmosfera ainda mais perfeita.

Figura 4 – Palco do Tribo's Bar Antigo



Autor: desconhecido. Fonte: Maringá Histórica

O ambiente era quente mesmo em dias frios, o que gerava um odor característico que se misturava a fumaça dos cigarros. O abraço das paredes sufocava, mas era evidente que ninguém se importava, a escuridão do ambiente, fruto da baixa luminosidade, do teto baixo e das paredes negras o tornava ainda mais claustrofóbico, mas a seu modo, representava bem o sentimento das pessoas que ali estavam. Nesse sentido o bar era a encarnação material dos sentimentos e de seus usuários, mas também a encarnação de todo caos, violência e bandidagem que povoam a imaginação da sociedade maringaense da época. A primeira fase foi muito marcada por essa sensação de “não pertencimento”, a uma representação que se manteve fora dos padrões da cidade, que apesar de possuir um grande desenvolvimento urbano, tem em seu núcleo uma

²⁷ Stage dive é o salto do palco sobre a multidão.

²⁸ Headbanging se refere ao ato de balançar a cabeça, característico dos entusiastas do heavy metal.

formação rural, de forte dominação conservadora e uma elite pouco interessada nas minorias. Não que essa situação tenha mudado completamente durante a segunda fase, mas a pressão existente anteriormente para a remoção do bar tornou-se notória até para seus frequentadores. Essa primeira fase também ficou marcada na memória do público, um sentimento nostálgico, uma fase onde a relação com o bar era íntima, onde o *Tribo's Bar* era uma extensão de seus usuários. É possível que essa sensação, essa visão intimista, tenha relação com o contexto da época, onde o bar representava a fuga de um forte conservadorismo. O *Tribo's Bar* era o ponto onde jovens de diversos grupos marginalizados marcavam seus encontros.

Na primeira fase do *Tribo's Bar*, nem todos os dias havia a cobrança de ingressos, muitas vezes a entrada era franca, nesses dias havia no bar uma televisão com shows que proporcionavam a música ambiente. No *Tribo's Bar* tocavam bandas de Maringá e região, ocasionalmente shows de bandas de *Rock n' Roll* conhecidas nacionalmente. Diversos estilos passaram pelo bar, mas em geral eram shows de *Heavy Metal*, *Thrash Metal*, *Death* ou *Black Metal* e vez ou outra um rock clássico. O cardápio de bebidas era variado e tinha em seus *drinks* um dos fatores que tornaram o bar conhecido mesmo para quem não frequentava. Bebidas como Marvada, Kissifoda, Vaca-Lactia, Diabo Verde tornaram-se conhecidas na região, eram chamarizes para diversos tipos de público, não era raro que marinheiros de primeira viagem experimentassem todas as preparações e terminassem no hospital universitário. Além dos *drinks*, o bar servia uma grande variedade de bebidas, mas provavelmente seu ponto forte era a cerveja, na época vendida a um preço convidativo e sempre bem gelada. Como já dito, o ambiente escuro e de pouca iluminação contribuía para criar um clima que os usuários procuravam, as paredes desenhadas, a decoração macabra, tudo era feito para e pelo seu público. Vale aqui ressaltar um fator importante, essa decoração não foi algo instalado junto com a inauguração do bar, muito do ambiente foi construído pelos usuários que frequentavam, peças de decoração, desenhos, o bar era uma metamorfose constante. Nessa metamorfose, o bar, até por ser praticamente o único local da cidade onde os dissonantes podiam se encontrar, atraiu pessoas de diferentes grupos, eram as mais diversas representações e apesar de frequentarem o mesmo local, esses grupos permaneciam unidos e fechados, formando grupos baseados em suas afinidades com seus estilos musicais.

A mudança de endereço foi um marco na história do *Tribo's Bar*, não somente pela sua nova localização, mas por romper os vínculos criados de seu público com a antiga “casinha”.

O novo estabelecimento também possuía as paredes pintadas de preto, mas sua fachada, quase que totalmente fechada, não permite a interação das pessoas que estão no interior do bar com as que permanecem na calçada, como acontecia no antigo endereço, além disso, mesmo a pequena porta que dá acesso ao interior do bar permanece fechada durante os shows, isso se deve as novas leis que regulamentam o funcionamento das casas de shows da cidade. Ao entrar, o usuário se depara com uma área ampla e coberta, há nesse espaço algumas mesas e cadeiras dispostas de forma regular do lado esquerdo e uma porta a direita que leva a um segundo ambiente. Seguindo pelo “corredor” de mesas, ao fundo do lado direito, encontra-se uma nova sessão com mesas e cadeiras a céu aberto, ali um pacto tácito determina o local da “área de fumantes”, desta área também é possível ter acesso aos banheiros. Entrando pela porta mencionada anteriormente a direita, o usuário encontra-se no local onde os shows e apresentações acontecem. Nesse ambiente existem os banheiros ao fundo, o bar, que fica cercado por um balcão e algumas banquetas, e o palco, que fica posicionado no canto direito ao fundo, deixando uma área ampla para que as pessoas possam acompanhar os shows. Se o novo estabelecimento, mais amplo e novo pode ser visto de forma positiva se comparado as antigas acomodações do bar, para muitos dos antigos frequentadores, com as mudanças o bar perdeu sua essência “underground”. Nessa “segunda fase” o bar se encontra na avenida Cerro Azul, a cerca de 3 kilometros de sua localização original e permanece até hoje como um dos poucos estabelecimentos a atender o público *headbanger* na região.

Capítulo 2

Society failed to tolerate me
And I have failed to tolerate society
Still I can't find what you adore
Inside I hear the echoes of an inner war
Nothing can take the horror from me
Your sick world the loss of all morality
My hate has grown as strong as my confusion
My only hope, my only solution
Is a violent revolution²⁹

²⁹ Música da banda Kreator.

2.1 Different World³⁰

Muitas vezes a ciência é vista como representante da neutralidade, um método puro de análise, que traz em sua essência o elemento legitimador de suas práticas. Essa visão romântica da ciência não é exclusividade da academia, ela perpassa o campo científico e se consolida no espaço público, criando a ideia de uma prática que carrega em si sua legitimidade. Esse imaginário pode conduzir o pesquisador a reproduzir a ciência de modo dogmático, deixando escapar de sua análise pontos relevantes, definidores de processos, ou criando aos olhos do pesquisador uma realidade *a priori* capaz de sobrepor a própria realidade. Para o sociólogo Bernard Lahire (2004, pg.19) “as ideias que realmente servem para compreender o mundo social não são muitas, pois elas pressupõem a existência de pesquisadores que conseguiram encontrar os caminhos teórico, metodológico e empírico que levam da ideia à compreensão de certas dimensões do mundo social”. Assim o trabalho científico requer do pesquisador a capacidade de impor-se ao seu objeto, de mergulhar e participar do campo, mas também a sensibilidade de se dobrar a ele quando necessário, ou seja, a capacidade de produzir uma interpretação dos fenômenos sem que para isso seja necessário aparar suas arestas.

Um campo científico onde a sensibilidade do pesquisador se faz sempre necessária, é o campo das ciências humanas. A dificuldade não está apenas em interpretar as relações e produções humanas, mas em produzir ciência a partir de objetos familiares e que podem carregar algumas noções já estabelecidas pelo senso comum. Lahire (2004, pg.24) alerta que “se os objetos de estudo legítimos do sociólogo fossem reduzidos aos objetos designados pelos atores sociais, terminaríamos nos submetendo ao senso comum, e essa submissão já foi explicitamente reivindicada”. Há na academia um discurso negativo em relação ao pesquisador que escolha trabalhar com fenômenos, objetos ou grupos próximos a ele, talvez seja exatamente pela existência deste paradigma, que o pesquisador, preocupado em demonstrar sua imparcialidade de forma mais rigorosa, tende a buscar a todo custo uma neutralidade, mesmo que esta seja fictícia. O problema encontra-se na busca exagerada desse discurso corrente de neutralidade da ciência, que pressupõe um afastamento e uma imparcialidade “ideal” do objeto de estudo. Essa ideia ignora o fato de não haver ciência imparcial, pois toda pesquisa parte de um interesse, seja ele um interesse em fenômenos distantes ou em objetos do cotidiano, de certo modo toda pesquisa possui um viés assimétrico, sendo o interesse do pesquisador o norteador

³⁰ Música da banda Iron Maiden.

de suas escolhas. Assim, ao pesquisador, de maneira geral, cabe a consciência de buscar interpretar suas análises da forma mais crítica possível, sem ignorar ou mascarar seus vínculos com o objeto. Outro ponto que julgo importante é conciliar o poder das análises teóricas, com a capacidade de ouvir o que o campo tem a dizer, pois não é incomum ouvir de pesquisadores, que ao retornarem de uma etnografia, desconstruíram suas hipóteses. Esse fenômeno de desconstrução não deve ser interpretado de modo a incutir no pesquisador a fragilidade de sua hipótese, mas de compreender que certas categorias ou conceitos tem sua relevância no meio acadêmico, mas que o campo muitas vezes fornece a esses fenômenos pouca ou nenhuma relevância. Para Lahire (2004, pg.19) “ao passar da ideia à pesquisa, o mesmo pesquisador percebe todos os limites e imperfeições desta, o que se deve sobretudo ao fato de que a ideia nem sempre encontra as condições ideais no momento de sua aplicação”. Portanto, não é que o pesquisador, ao coletar seus dados, deva se dobrar inquestionavelmente a interpretação fornecida por seus interlocutores, a análise dos dados é sobretudo a função do pesquisador visto que muitas vezes o interlocutor não tem ciência das influências externas que povoam seu pensamento, mas cabe a pesquisador a sensibilidade em não hierarquizar ou impor de modo autoritário seus conceitos.

Para que fique claro, este trabalho nasceu de um interesse pessoal, uma vontade em compreender quais caminhos ou disposições levavam um indivíduo a colocar-se espontaneamente, em um grupo que é muitas vezes visto de forma negativa por boa parte da sociedade. Este grupo, cujo qual fiz parte, ficou conhecido no Brasil como “metaleiros”, são na verdade os fãs de *Heavy Metal*³¹, ou *headbangers*. A busca em compreender esse processo me levou também a levantar outras questões, a exemplo, entender como um grupo nascido de uma cultura marcadamente subversiva passou a aceitar um discurso e uma aura conservadora? Ou quais os aspectos determinavam o pertencimento ou não ao grupo, eram esses aspectos reconhecidos internamente ou socialmente? Munido de várias dúvidas, o caminho lógico foi buscar na academia um ponto de partida já consagrado. Assim, com apoio de professores e colegas, inicialmente o estudo me levou ao conceito de identidade social, este já muito difundido nas ciências sociais e com uma ampla gama de teóricos ao meu dispor. A identidade é um conceito que ao meu ver expressa diferentes representações e que contém em sua essência uma tendência a reivindicação política. Dito isto, é importante ressaltar brevemente algumas características deste conceito. Como definição clássica a “identidade social” é a representação

³¹ Heavy metal é uma variação do rock n’ roll que possui algumas características singulares.

do sujeito perante um grupo, uma acomodação categórica. Uma das primeiras formas de identidade estabelecida que me deparei, foi a identidade nacional. Zygmunt Bauman (2005, pg.26) fala da construção dessa identidade nacional por uma imposição do estado, onde o mesmo:

[...] fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania nacional. Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade [...]

O autor propõe que acima dos anseios individuais, a nacionalidade marca, principalmente na sociedade moderna, a soberania do estado sobre todas as outras representações do indivíduo. Para expandir este conceito, Stuart Hall (2000) argumenta que se o “objetivo é entender a identidade social”, é necessária uma abordagem interdisciplinar, pois as ciências sociais pecam ao desenvolverem um conceito suficiente. Com isso em mente, o autor supracitado propõe a identidade como um processo nunca completo, uma construção permanente que envolve o social e o individual. Segundo Hall (2000), diferente do senso comum, a identificação não é um reconhecimento de iguais, mas sim um estabelecimento de fronteiras simbólicas e envolve um trabalho discursivo, ou seja, um trabalho de dominação e hierarquia onde é considerado a posição desses agentes. A identidade será construída da luta entre o sujeito e o social, fazendo com que a produção dessa identidade não seja lógica, mas sim coletivamente e construída por meio do discurso. Bauman (2005) salienta que na pós-modernidade as mudanças na formação da identidade transcenderam a então identidade nacional. Para ele na sociedade contemporânea, o indivíduo busca nas construções do cotidiano e nas relações o “eu”, onde esse sujeito possa se identificar socialmente. Esse caráter heterogêneo da identidade pós-moderna é tratado também por Hall (2000) como uma fragmentação das velhas identidades, o nascimento de uma identidade descentralizada e plural, uma “crise de identidade”, pois essas identidades não representam as paisagens culturais tradicionais. Na pós-modernidade “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, pg.35).

A identidade trabalha com a ideia de construção através de uma relação dialógica, indivíduo e sociedade, ação esta, que tende na maioria das vezes a expor um conflito, uma reivindicação política, uma vontade em determinar o pertencimento a um grupo específico, ou a negar as diferenças em relação as demais pessoas. Essa noção de identidade deixa a parte todo o processo de socialização e demais determinantes que o constituem, ou seja, tudo que também contribuiu para determinar seus comportamentos, pois ao acionar a identidade o indivíduo procura colocar-se em uma categoria específica. Deste modo, ao aplicar o conceito ao discurso dos interlocutores do grupo em foco, muito do que fazia parte de sua construção social ficava subjetivado ou ignorado. Essa característica de exclusão dos demais determinantes pode ser relacionada ao ato de “impor” essas categorias a toda uma construção social que escapa aos sentidos do próprio indivíduo, mas que não deve ser menosprezada pelo pesquisador. Não que este atributo, categorizador em certo sentido do conceito, deva ser visto de forma negativa, mas pode ser um limitador das possíveis interpretações. Bernard Lahire, sociólogo francês argumenta no mesmo sentido,

Não se pode compreender tudo do mundo social se baseando unicamente nessas reivindicações de identidade. Os homossexuais que reivindicam (sua identidade) em uma parada gay são, por outro lado, operários, engenheiros, universitários, e isso contribui amplamente para determinar seus comportamentos. No entanto, não carregam um cartaz com os dizeres "Eu sou um operário gay da fábrica Renault, da terceira geração de imigrantes, etc.". Eles são realmente *definidos* (no sentido de *determinados*) por tudo isso, mas só expressam o que é um problema do ponto de vista político. (LAHIRE, 2015, pg.292)

Assim, não é uma questão de abrir mão do conceito, mas de identificar suas limitações e expandir a análise para além de seus limites. Foi com esse intuito que a pesquisa me conduziu a uma nova abordagem, uma análise da construção social do indivíduo com base em suas disposições. Esse método é proposto por Lahire (2004, pg.20) em seu *livro Retratos Sociológicos – Disposições e variações individuais*, como uma sociologia experimental e busca “testar empiricamente a validade e a pertinência relativas aos conceitos de disposição,

competência, apetência, transferibilidade, ou de aplicar um dispositivo metodológico inédito para as necessidades dessa reflexão”. Essa abordagem não só redefiniu grande parte do trabalho e abriu possibilidades até então inexploradas, como também proporcionou uma análise aprofundada dos discursos e das entrevistas com os atores do grupo. Essa mudança no método não foi instantânea, mas um caminho que passou por diversos autores, cada qual contribuindo de diferentes maneiras com a construção da pesquisa e entre eles um que considero de extrema importância, Pierre Bourdieu.

2.2 The Wizard³²

Bourdieu foi um importante intelectual do século XX e sua influência é sentida em diversos autores, alguns bebem de sua fonte, outros aproveitam suas ideias para desenvolver suas próprias teorias. Bourdieu nasceu em agosto de 1930 na França, em uma região rural chamada Béarn e faleceu em janeiro de 2002. Autor de dezenas de livros, desenvolveu análises sociológicas no âmbito da educação, cultura e classes sociais. Sua sociologia tinha como objetivo, compreender o mundo, o que para Bourdieu era um poderoso instrumento de libertação. Para Catani (2008), Bourdieu assim como várias gerações de intelectuais, queria compreender como um pequeno grupo de indivíduos consegue se apoderar dos meios de dominação. Para isso, Bourdieu concedia a cultura um importante papel no processo de dominação, Catani (2008, pg.45) transcreve as definições de cultura dominante do autor como:

[...] gostos e formas de apreciação estética, a cultura é central no processo de dominação, constituindo-se na imposição da cultura dominante como sendo “a cultura” que faz com que as classes dominadas atribuam sua situação subalterna à sua suposta deficiência cultural [...]

Para que o processo de imposição da cultura dominante tome forma, Bourdieu esclarece que o ensino desempenha seu papel, visto que, o que é ensinado, é estabelecido antes de mais nada, pela cultura dominante e logo se estabelece como paradigma. Catani (2008) sintetiza esta ideia de Bourdieu argumentando que a função do sistema de ensino é servir de instrumento de legitimação, realçando a dominação cultural. Desse modo, o sistema longe de ser libertador, é conservador, pois mantém por meio do acesso desigual à cultura a dominação.

Bernard Lahire, sociólogo francês da contemporaneidade também concede a Bourdieu grande parte de sua construção acadêmica, segundo ele, “a meu ver, é a sociologia mais rica dessa geração, e é na continuidade desse modelo que tento desenvolver criticamente minha

³² Canção da banda Uriah Heep.

própria linha de pesquisa” (LAHIRE, 2015, pg.284), porém, o autor não se vê como um discípulo, assim como outros, Lahire utiliza-se de Bourdieu para construir sua própria argumentação, segundo ele “não fui um discípulo de Bourdieu. Ele é uma espécie de saco de pancada para mim: treino com ele, mas como em um ringue de boxe: eu bato! ”. Para Lahire, a obra de Bourdieu é importante, pois

Em sua obra encontram-se, especialmente, as noções de interiorização das estruturas objetivas ou de incorporação das estruturas sociais, de esquema, de disposição, de sistema de disposições, de fórmula geradora ou de princípio gerador e unificador das práticas, de *habitus*, de transponibilidade ou transferibilidade dos esquemas ou disposições (LAHIRE, 2004, pg.24).

É exatamente no conceito de *habitus*, nas disposições e no conjunto de esquemas herdados, ou nas tendências de ação que este trabalho começou a tomar forma, se os desdobramentos de meu percurso acadêmico me levaram a questionar o núcleo de minha própria pesquisa, Bourdieu foi o estopim dessa minha disposição. Uma análise que agora procurava encontrar nas relações do grupo com a cultura dominante as bases para sua interpretação. Essa interação entre o grupo dos *headbangers* e a sociedade apresentava elementos presentes nas correntes macrosociológicas, como processos de coerção, estruturas e determinantes culturais, mas também disposições individuais que eram comuns em teorias de autores que defendem correntes da microsociologia. O *habitus* então foi o primeiro conceito a formar uma ponte de ligação entre essa estrutura e o agente, esta que apesar de assimétrica, possibilitava uma análise do discurso de forma mais abrangente.

Vasconcelos-Oliveria (2008, pg.3) aponta que para autores como Bronckart e Schurmans, o conceito de *habitus* era o que permitia a “mediação dialética e permanente entre determinismo externo e processos individuais”. O *habitus* seria fruto das experiências passadas e estaria inscrito nos agentes de forma a não mecanizar os efeitos coercitivos da estrutura, ao mesmo tempo que seria um efeito limitador da ação consciente de um indivíduo que atua de maneira livre.

Para a socióloga Maria Carolina de Vasconcelos e Oliveira (2008) Bourdieu ainda iria destacar que o *habitus* seria fruto de duas frentes, uma formada durante a primeira infância, quando o indivíduo é posto de frente aos sistemas de incorporação social ou *inculcação* e uma segunda etapa, quando estas disposições se combinariam com efeitos de sua trajetória social, gerando assim um *habitus* secundário. Ao se chocar e produzir uma trajetória desviante, este indivíduo acabaria por “cumprir a função de ressaltar o *efeito da trajetória coletiva*”. “Assim, o *habitus*, as *disposições* e o conjunto de *esquemas* herdados configuram o que seria uma tendência de ação – em outras palavras, o *senso comum* – para indivíduos que ocupam um determinado espaço social, em função dos seus diversos tipos de capital” (BOURDIEU, 1980^a apud VASCONCELOS-OLIVEIRA, 2008). Para Vasconcelos-Oliveira (2008, pg.4), “o pressuposto da existência de uma trajetória típica coletiva (da classe ou do grupo) é um dos principais alvos de críticas da teoria bourdieusiana”, ela aponta o fato de que autores como “Bernard Lahire, entre muitos outros, questionam a existência de *uma trajetória coletiva típica* como algo dado a priori”.

Para este trabalho, se há não existência dessa *trajetória coletiva típica* nos mostra um ponto de partida, este inscreve-se na possibilidade de buscar na análise das trajetórias individuais, ou no percurso biográfico dos atores, o modo como processos de socialização e disposições de agir diferentes podem levar ao mesmo caminho. Trata-se de estudar o social, suas instituições, grupos e campos, inscritos e incorporados no corpo individual. “Os comportamentos individuais não são, em todos os casos, senão a exteriorização do produto da interiorização dos constrangimentos sociais” (LAHIRE, 2017, pg.48).

2.3 Ghost of the Navigator³³

A mudança na perspectiva da pesquisa, partindo de uma interpretação do ponto de vista do indivíduo sobre sua identidade, para os processos de socialização que afetam sua formação, foi o primeiro passo dentro de uma corrente que me conduziu até Bernard Lahire. Sociólogo, professor da *École Normale Supérieure de Lyon*, sua trajetória no ensino superior teve início em 1981, onde se interessou em estudar o “fracasso escolar nos meios populares”. Segundo o próprio Lahire em uma entrevista concedida em 2011 e publicada posteriormente no periódico *Sociologias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* em 2015,

Na época, havia os trabalhos de Bourdieu e Passeron sobre a reprodução, de Baudelot e Establet sobre a escola capitalista na França, etc. Mas havia também uma falta de compreensão sobre o que se passava realmente nas aulas para entender como se construía o fracasso escolar das crianças (LAHIRE, 2015, pg.282).

Com uma trajetória científica voltada a sociologia da educação e da cultura, o autor também publicou diversas reflexões sobre outras “questões de ordem epistemológica, teórica e metodológica”. Para Lahire (2015, pg.283), questões como “Que teoria da ação e do ator deve-se elaborar para explicar as práticas em um mundo social altamente diferenciado? ”; “Como as Ciências Sociais podem pensar os fenômenos cognitivos? ”; “O que caracteriza a epistemologia das Ciências Sociais? ”; ou ainda, “Para que serve a Sociologia? ”, foram fundamentais para a formulação de sua teoria da ação disposicionalista e contextual.

Bernard Lahire parte então da ideia de que todos os indivíduos são frutos de um processo múltiplo de socialização, que não são completamente autônomos, mas que detêm uma certa reflexividade. Para ele, essa reflexão torna-se possível graças as experiências adquiridas durante inúmeros momentos do cotidiano, nos diferentes contextos de socialização e no enfrentamento de valores contraditórios. Isso permite que indivíduos apresentem um grau de reflexividade

³³ Música da banda Iron Maiden.

maior ou menor sobre suas práticas e seus espaços de socialização, distanciando-se da ideia de Bourdieu. O autor ainda argumenta, baseado em um exemplo do próprio Bourdieu sobre a *performance* esportiva que “a prática de um esportista é constituída de momentos de *performance* na urgência, sem reflexividade, mas também de gestos que foram preparados por reflexividade antes da *performance*”. A ideia é que mesmo em esportes como, o futebol a exemplo, o dia que antecede o jogo é marcado pelo estudo do adversário, o planejamento de movimentos a serem executados e uma infinidade de reflexões que predeterminam as condições dessa *performance*, para ele, “existem, portanto, momentos de reflexividade, momentos de preparação, de planejamento, momentos de urgência prática e momentos de exame da prática” (LAHIRE, 2015, pg.289).

Outro ponto importante para entender o pensamento de Lahire é compreender sua visão a respeito das disposições individuais. “Há disposições fortes e disposições fracas e a força ou fraqueza relativa das disposições depende, em parte, da recorrência de suas atualizações (LAHIRE, 2017, pg. 46).

Para Maria Carolina de Vasconcelos e Oliveira, a teoria de Bernard Lahire:

Concebe os agentes sociais como portadores de um amplo leque de disposições, sendo que cada uma delas tem sua própria disponibilidade, composição e força relacionadas ao processo de socialização em que foi adquirida, e sendo ainda que a intensidade com que essas diversas disposições afetam comportamentos depende do contexto específico em que se dá a ação (VASCONCELOS-OLIVEIRA, 2008, pg.8).

Sua sociologia de certo modo, evoca o passado dos indivíduos para compreender o presente, por isso ele propõe em sua pesquisa, que deu origem ao livro *Retratos Sociológicos – Disposições e variações individuais*, a utilização de entrevistas profundas sobre diferentes aspectos da vida, ou como Lahire (2004, pg.20) apresenta, “o dispositivo metodológico que sustenta o trabalho de pesquisa é inédito (uma série de seis entrevistas longas sobre diferentes

domínios de atividade ou distintas dimensões da vida social, com os mesmos entrevistados)”. Para ele, essa é uma forma de sociologia que vê o indivíduo “*como produto complexo de processos múltiplos de socialização*” (LAHIRE, 2003 apud VASCONCELOS-OLIVEIRA, 2008, pg.11). Para defender sua argumentação, Lahire contrapõe sua sociologia a de outros autores, a qual se refere como “sociologias do ator sem passado”, dentre esses autores Erving Goffman e Norbert Elias merecem destaque. Segundo ele “Goffman nos descreve a ordem da interação sem evocar necessariamente a socialização passada dos atores”, o que produziria uma análise inacabada, enquanto Elias “ainda que evoque os processos de interiorização dos limites sociais e mencione as *estruturas pulsionais e conscientes*, ou o *habitus*, em suas reflexões sociológicas... não evoca mais o passado dos indivíduos do que o sociólogo que estuda a ordem da interação ou os sistemas de ação” (LAHIRE, 2004, pg.21).

Se o estudo de biografias individuais se torna uma ferramenta para compreender a ação social, “ao considerar uma série de informações relativas à maneira como o ator se comporta, age e reage em diversas situações”, é papel do pesquisador formular o princípio que dá origem a esses comportamentos, pois “falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc.” (LAHIRE 2004, pg.22).

Adaptando a nossa realidade os métodos utilizados por Bernard Lahire, principalmente no que diz respeito ao tempo disponível para esta pesquisa, propomos uma série de entrevistas com quatro interlocutores distintos sobre diversos assuntos, sendo que as entrevistas possuíam um tema proposto, mas não havia interferência do entrevistador em relação a um tempo limite ou a um foco específico. Após a abertura da entrevista, com um tema inicial, a mesma seria conduzida como um debate, salientando assim as próprias disposições do entrevistado.

2.4 We Rock!³⁴

O personagem principal desta pesquisa não é o pesquisador, esta é uma vaga preenchida e dominada pelo objeto de pesquisa, ou neste caso em específico, os interlocutores, estes foram os responsáveis por fornecerem o material utilizado para construir uma análise interpretativa sobre os processos de socialização e as disposições que constroem a identidade do *headbanger*. Encontrar estes interlocutores exigiu paciência, coragem e um certo grau de autocontrole, afinal a experiência etnográfica era algo novo para mim, mas o ambiente, apesar de um longo tempo afastado, era bem familiar, eram bares de minha cidade, bares onde as distrações estão sempre presentes, amigos, música, bebidas e um pouco de torcicolo, mas também onde residia a esperança de encontrar a peça chave dessa pesquisa, os *headbangers*. Em se tratando dos espaços do *Heavy Metal* em Maringá, alguns eram velhos conhecidos, outros novos é verdade, uns mudados pelo tempo, mas no geral não pude deixar de sentir um pouco de nostalgia. A proposta era simples, voltar a frequentar um ambiente que sempre trafeguei com naturalidade, desfrutei por anos e fiz muitas amizades, bom, essa era a expectativa, mas a realidade se mostrou outra. Nos mais de dez anos que estive fora da “cena metal”, muita coisa mudou, a começar por mim, hoje no auge dos meus 36 anos, não tenho a energia de outrora. Se minha “noitada” não tinha hora para acabar, hoje, mal vejo a hora de acabar. Sou, com certo pesar, o domesticado, me tornei um “senhor” caseiro, que adora assistir series, jogos eletrônicos e estar com minha esposa. Hoje, se há algo que não me atrai como antigamente é a ideia de passar a noite acordado com a “barriga” em um balcão de bar até o dia amanhecer. Minha surpresa com a constatação dessa drástica mudança só não foi maior que o choque tomado ao perceber que a galera do metal estava desaparecendo, grupos que antes eram numerosos como os fãs de *Heavy* ou *Punk*, agora não representavam juntos uma pequena porcentagem do público. Essa mudança também se refletiu no *Tribo's Bar*, o *point* mais *Metal* da cidade, se no passado o bar dedicava 3 dias, dos 4 de funcionamento na semana, ao *Metal* e vertentes, hoje o *Heavy Metal* está recluso a um ou outro show em uma data específica do mês. Após este primeiro choque, não desanimei, afinal, como cantado por Ronnie James Dio, “*Metal Will Never Die*”, em busca de novos *points*, novos estabelecimentos que pudessem atrair o meu interlocutor. Dentre esses novos estabelecimentos, nenhum era especificamente voltado ao público *headbanger*, porém vale lembrar, mesmo o *Tribo's Bar* a exemplo, nunca se propôs a ser um bar exclusivo dos “metaleiros”, alcinha como éramos conhecidos pelos não iniciados, foi a existência de um

³⁴ Música de Dio, do álbum *The Last in Line*.

público numeroso do *Heavy Metal* que o transformou em um *point*. Um desses novos estabelecimentos é o Porão Bar, nele a mescla de público foi a mais heterogênea que pude encontrar, haviam pessoas de várias faixas etárias e de diferentes gostos musicais, mas *headbangers* eram poucos. No bom e velho *Tribo's Bar* o público era majoritariamente de jovens, um ou outro gato pingado de minha época e foi exatamente neles que me apoiei para entender as mudanças dos últimos anos, mas principalmente para localizar meu público alvo, foi por este caminho que localizei meus interlocutores.

Meu primeiro representante é da “nova safra” de *headbangers* da cidade, seu nome é Eduardo, um jovem de 25 anos, cabelos longos e pretos, cuja aparência já denunciava sua filiação ao estilo. Em nossas conversas ficou claro que a música tinha grande importância em sua vida, seja com a banda que participa ou com os eventos e shows que frequenta com regularidade. Uma das entrevistas de Eduardo está transcrita e encontra-se no apêndice A. Meu segundo interlocutor era Robert, ele não era um estranho, eu o conhecia a anos, mas não do circuito do *Heavy Metal* maringaense, éramos de épocas diferentes, o conheci através de amigos e não sabia de seu lado *headbanger* até que o assunto veio à tona em uma de nossas antigas conversas. Talvez uma rápida descrição ajude a entender o motivo, ele é um homem de 33 anos, apesar de aparentar ser mais jovem, psicólogo de formação, cursava o doutorado no momento de sua participação na pesquisa, que foi realizada no segundo semestre de 2017. Magro, com aparentemente 1,70 m, sem tatuagens aparentes, com cabelo curto, apareceu para entrevista vestido de regata vermelha, bermuda bege e chinelos, nem de longe a figura construída do *headbanger*. No entanto, ao longo de nossas conversas, agora pautadas pelo interesse de pesquisa, ficou claro que sua identificação com o grupo era forte, Robert era pouco mais jovem que eu e em seu discurso ficava claro a empolgação de lembrar de seu passado, os shows, os amigos, os conflitos, tudo estava ligado a uma vida regada a muito *Heavy Metal*. Robert não foi meu primeiro interlocutor, mas sua participação nesta pesquisa transformou e mudou os rumos deste trabalho, sua descrição detalhada de fatos, momentos que marcaram sua vida, suas companhias e suas emoções. A ideia inicial era uma entrevista semiestruturada, com questões pontuais que me ajudassem a compreender o universo do *headbanger* com um olhar agora “externo”, de estranhamento. Mas se o campo muitas vezes nos surpreende, muito disso se deve ao encontro com interlocutores como Robert. O que seria uma entrevista rápida, como outras que eu já havia realizado, tornou-se profunda e não fazia sentido manter uma estrutura de

questões pré-estabelecidas. Nossas conversas foram longas, nem todas transcritas ou gravadas, mas a participação de Robert mudou a metodologia inicialmente proposta para esta pesquisa.

Na jornada para encontrar novos interlocutores dispostos a fornecer uma grande quantidade de informações, padrão estabelecido pela metodologia, me levou a um jovem que eu já conhecia chamado Jaime. Diferente de Robert, Jaime apresenta o estereótipo clássico do *headbanger*, cabelos compridos, uma tatuagem no antebraço e estava todo vestido de preto em nossa primeira entrevista. Jaime é um jovem de 27 anos que conheço a alguns anos e sei que ele tem uma personalidade mais reservada. Por coincidência, também é graduado em psicologia assim como Robert, o que me levou a chama-lo para uma entrevista em conjunto. A ideia era criar um clima menos formal, onde a entrevista pudesse transcorrer assim como uma conversa de bar, ambiente já familiar para o *headbanger*. Em nosso encontro, em uma choperia as duas horas da tarde de um sábado, Jaime e Robert me forneceram uma entrevista longa, que foi transcrita e encontra-se no apêndice A. O último participante foi escolhido a dedo, alguém que fez parte da primeira fase do Tribos' Bar e que também esteve presente na segunda fase. Arya sempre foi conhecida entre os *headbangers* da cidade, é uma mulher jovem, de cabelos claros e diversas tatuagens de bandas que gosta e que representam seu vínculo com o estilo. Sempre colaborando muito com o *Heavy Metal* maringaense, ela possibilitou através de seus esforços a primeira experiência de muitos jovens com bandas de fora, seja organizando shows e ou promovendo excursões para fora da cidade. Arya assim foi escolhida por tudo que representa para o *Heavy Metal* maringaense, mas também por ser uma *headbanger* “old school” que sempre esteve muito envolvida com a música e com o grupo em geral, uma representante de um período em que o estilo estava em “alta” na cidade.

Com os participantes estabelecidos, era o momento de compreender através de suas vivências, os caminhos que levaram meus interlocutores a se identificar com o grupo dos *headbanger*. Para isso, é preciso que fique claro, se a família podia ser entendida no passado como o início da jornada de socialização, uma visão quase que unilateral nos primeiros contatos dos indivíduos com a língua, as tradições e as normas, hoje, em nossa sociedade moderna ela não detém mais o papel central na formação das disposições primárias. Para que fique evidente, no estilo de vida da maioria das sociedades contemporâneas a família não possui mais o monopólio da educação legítima das crianças, esse papel aos poucos e cada vez mais cedo tem se transferido as instituições e isso tem afetado a formação dessas disposições primárias. Esse

contato com diferentes indivíduos em nosso círculo social, que se dá através dos amigos, das instituições ou no ambiente virtual, é capaz de produzir, seja pelo conflito ou pela simples diferença de perspectivas, disposições secundárias cada vez mais cedo, enfraquecendo a influência da família. Ao analisar essas relações, o objetivo principal da pesquisa foi encontrar as formas de socialização que conduziram os interlocutores a interagirem e ingressarem ao que denomino de cultura *headbanger*. Logo, a compreensão da relação estabelecida entre a família e os grupos subsequentes torna-se mais clara ao analisar a história fornecida pelos interlocutores em nossas conversas, principalmente as entrevistas selecionadas que se encontram no apêndice A. Vale ressaltar que o objetivo é a compreensão de sua história como participante do grupo dos *headbangers*, assim como a visão dos participantes sobre este tema, assim o foco das entrevistas era a relação dos participantes com a cultura e o grupo supracitado. Os dois primeiros casos apresentados são de indivíduos que passaram por sua juventude e adolescência na década de 90 e os dois últimos atravessaram o mesmo período no início dos anos 2000, essa diferença de 10 anos em média é importante, pois acrescenta variáveis interessantes dentro do contexto social vivenciado pelos participantes.

2.5 Dreamer³⁵

O primeiro caso é o de Robert, nascido em uma família, que para o senso comum pode ser entendida como tradicional, religiosa e bem estruturada, ele relata que seu primeiro contato com disposições diferentes das aprendidas foi ainda garoto, aos 11 anos. Robert ainda jovem teve seu primeiro contato com um grupo de amigos de seu irmão que o influenciaram e marcaram sua juventude, era o nascer de suas disposições secundárias, um embate entre suas bases familiares e as encontradas com o grupo de amigos. Sobre sua base, sua criação, ou como proposto por Bernard Lahire, suas disposições primárias, Robert aponta que “Meu pai e minha mãe cantavam em igreja, tocavam, sempre se envolveram muito, então de certa forma, assim, eu fiz catequese, fiz crisma, eu já convivi com pessoas que falavam de renovação carismática”. Como sua família possui um vínculo forte com a religião e seus pais sempre participativos, tocam e fazem parte do coral, havia em sua infância uma estreita ligação de sua família nas ações e eventos da igreja. Sua construção como indivíduo passava então por todo o processo de formação e socialização religiosa e familiar, o que forneceu as bases para suas disposições primárias, moldando sua forma de vivenciar e agir. Como dito, o contraste com diferentes grupos surgiu mais tarde, através de seu irmão mais velho. Para ele, “O fato de eu ter um irmão mais velho e viver rodeado por amigos mais velhos desde minha infância, eu era muito influenciado pela dinâmica própria desses colegas do meu irmão e pela rede de relações que ele tinha”. Para Robert a influência de seu irmão e dos amigos foi determinante em sua adolescência: “Então eles gostavam de tal futebol, os caras curtiam determinado tipo de música que na época era voltada para um *dance*, os caras falavam sobre mulheres por exemplo, então tudo isso me influenciou muito”, essa discrepância entre um ambiente familiar construído ao redor de uma prática religiosa e amigos de interesses distintos e variados, alimentou a formação de suas disposições secundárias e foi um dos extopins para que ele trilhasse seu próprio caminho, suas disposições secundárias agora eram atualizadas constantemente, enquanto a base construída com sua família perdia força.

Porém, em se tratando do *Heavy Metal* e dos *headbangers*, sua relação com a cultura “*banger*” não foi instantânea, sua primeira experiência com uma música que divergia de suas

³⁵ Música do álbum *Down to Earth* - Ozzy Osbourne.

experiências não foi com o *Heavy Metal*, mas marcante mesmo assim pela dissonância, o suficiente para deixar marcas. Segundo ele:

Em se tratar um pouco de música, por exemplo se os caras me apresentavam um pouco de *Rock n Roll*, me lembro que com onze anos meu primeiro contato com uma coisa de “rock”, que me chamou muito a atenção foi o álbum “*nevermind*” do Nirvana, com a música “*smells like teen spirit*”, pensei “caralho” velho, só que mesmo assim achei muito agressivo, nossa que bagulho pesado, essa guitarra, o que era esse bagulho. Me lembro que isso ao mesmo tempo foi um choque, mas também comecei a criar um elo de identificação. Acho que um pouco posterior a isso, a partir dos meus doze ou treze anos, aí já comecei a me incluir nesse tipo de movimento, meus camaradas falavam “não vei, tal bagulho é loco” e eu já fui criando um ciclo de identidade com isso.

Esse contraste entre o grupo de amigos do irmão e suas próprias vivências, balançaram as bases até então de uma disposição alimentada exclusivamente por sua relação familiar. Esse choque também foi a base do seu processo de socialização, Robert formou disposições secundárias ao relacionar-se com outras perspectivas, em um processo contínuo e dinâmico que caminhou junto com sua história.

Só que é claro que com esse ciclo de identidade com o rock, foi muito interessante por que eu também não consegui estabelecer outros vínculos com outros meios, principalmente, não só musicais, mas até com a superficialidade com que as pessoas lidavam com determinados pontos.

Esse conflito, nascido do embate entre suas disposições primárias e os discursos encontrados em suas relações sociais, geraram novas disposições e desse processo surgiu um novo indivíduo. Segundo ele, seu convívio extrafamiliar levantou questões que o

incomodavam. Para ele “as pessoas só falavam de futebol, mulher, coisas muito padronizadas e parecia muito superficial e esse tipo de coisa, desde minha pré-adolescência me incomodava muito”, de certo modo, desse incomodo brotava o interesse em explorar outras possibilidades e junto vinham questões, “eu pensava, velho só existe esse tipo de contato, só existe este tipo de diálogo, só existe esse tipo de coisa?”. Foi através de suas relações sociais com os amigos que Robert criou seu próprio caminho, “Então, esses meus camaradas mostravam esse outro tipo de perspectiva da realidade está ligado”. Para ele, esse caminho também foi fruto de seu convívio com o estilo musical e com um lado de sua personalidade que encontrava sua representação no *Rock n’ Roll*.

O rock não só me chamou em uma questão de identidade com determinado grupo, mas também para mostrar: velho, não existe só esse caminho, não existe só essa coisa, tem isso aqui velho. Além disso, era um mundo que me identificava com um lado meio sombrio da existência que eu não queria reconhecer, mas que existe dentro de mim, são coisas que me levaram também a psicologia. Eu pensava, o mundo não é esse sorriso, o mundo não é só Xuxa, bem astral, em que as pessoas têm que ficar só sorrindo.

Se o estilo fazia essa ligação com uma personalidade e emoções reprimidas, sua influência não se limitava apenas a música, para Robert, o vocalista da banda *Nirvana* foi sua primeira inspiração visual, o que o levou a adotar o estilo e os cabelos longos, “com meus quatorze anos me identificava muito com o Kurt Cobain, ele era uma pessoa que eu idolatrava e ele era um cara que tinha se suicidado, um cara que viveu muita coisa pesada na vida, mas eu tinha aquela coisa meio adolescente”. Sua identificação com o *Rock* não se restringia a uma mudança visual, mas com experiências diferentes, segundo ele, “eu vivia no Matrix e aí eu tomei a pílula vermelha quando me apresentaram o *Rock n’ Roll*”. A identidade *headbanger* não se resume ao gostar de *Heavy Metal*, sua construção tem diversas fases, diversos caminhos, mas algo muito marcado é que ela constrói seus vínculos através de relações de choque, ou dito de outra maneira, a identidade *headbanger* ganha força sempre que sua existência é posta em cheque, seja pelas relações familiares ou pelo estigma que o grupo carrega. Assim, se o *Rock n’ Roll* sempre aparece no discurso de Robert e fez parte de sua construção social, cabe levantar

os exemplos apresentados durante a entrevista selecionada que demonstram como sua identificação com os *headbangers* ganhou força e conduziu suas disposições.

Um dos primeiros relatos de Robert sobre o conflito entre esse jovem adolescente que passou a questionar a vida religiosa, a sociedade e seus valores, foi durante as reuniões de catequese que frequentava, onde sua edumentária e suas disposições eram questionadas.

Eu já fui com uma camisa daquele álbum *in utero* do Nirvana, com um anjo e a catequista lá, olhar para mim e falar: “pelo amor de Deus, você não pode usar isso”, e o pai dela olhar de cima para baixo e criar aquele estereotipo absurdo do tipo, não use, vai queimar, você vai para o inferno. Uma vez eu cheguei assim e me falavam que se eu me masturbasse eu ia queimar no inferno, aí pensava, “ah para mano, qual é, nem fodendo”. Mas eu já fiz parte disso, já fui em movimentos que, na realidade era um encontro religioso que os caras faziam uma lavagem cerebral.

Essa relação com a religião, com os grupos que ele frequentava se deteriorou com o passar dos anos e segundo ele mudou sua visão de religiosidade, “hoje eu tenho uma crença muito diferente. Tanto que o conceito que eu conheço de religião para mim é o conceito de *religare*, o ligar-se a algo, algo que é propenso para o ser humano se desenvolver”, Robert ainda crítica a visão de algumas religiões da vida:

O que importa é o *after-life* está ligado, essa vida é uma merda, mas se eu rezar bem eu vou me salvar. É o caralho, por que eu não posso modificar minha vida aqui? A realidade está imposta, mas isso não quer dizer que eu tenha que ficar lamentando e buscando em alguém, eu tenho que assumir a responsabilidade da minha vida e dos caminhos que eu escolho e isso é um dos fardos mais pesados para o ser humano.

Para Robert sua relação com o estilo o ensinou a ver um lado positivo, onde as pessoas veem apenas negatividade, “o *Heavy Metal* me traz uma perspectiva, não só o *Heavy Metal*, mas o *Rock ‘n Roll* como um todo, é ver o lado positivo da agressividade. É como se fosse o bom no ruim”. Robert dá o exemplo do suicídio, um dos temas tratados no *Heavy Metal*, um fenômeno social visto como tabu, mas que para ele pode carregar um lado positivo,

Se você deixar a moralidade de lado um pouco, será que você não passa a dar mais valor na sua vida, quando você pensa na possibilidade da sua morte? E ela ganha um outro significado quando você pensa: velho será que minha vida está valendo ser vivida dessa forma? Particularmente eu posso falar, quantas vezes eu já passei por momentos de pensar, será que minha vida está valendo a pena? Será que não vale mais a pena morrer? Já passei, eu já tive crises existências voltadas para isso. Só que hoje, hoje eu sou uma pessoa que já tive essas crises e falar que essas crises foram ruins, elas não foram, só passa por uma forma simbólica de como eu quero ver esse fenômeno. Esse fenômeno ele foi fundamental para a construção do que eu me tornei e para o que eu quero me tornar. Nem de tudo é ruim.

Essa relação do *Heavy Metal* com as questões que abordam tabus, ou vistas de forma negativa, acentua o abismo entre o grupo dos *headbangers* com os demais grupos sociais. “As pessoas podem falar muito que elas são ecléticas, mas a partir do momento que você mostra um gutural³⁶ pesado que o cara está urrando, elas tendem a ter preconceitos”. Esse “isolamento” do restante da sociedade, leva os integrantes a fortalecerem ainda mais os laços uns com os outros, o que transforma a forma como os *headbangers* se relacionam e aprofunda as disposições criadas dessa relação, quanto mais profunda a relação com o grupo, mais fortes suas disposições, pois elas são atualizadas constantemente. Outro ponto importante é que dentro do grupo dos *headbangers* sua cultura é vista como superior, um estilo de vida adotado apenas pelos mais “eruditos”. Essas diferenças enxergadas pelo grupo, entre os *headbangers* e os pagodeiros, os cabeludos e os carecas, os críticos e os alienados, eruditos e os simplórios, por vezes transformam o “outro” em um inimigo a ser combatido. Assim, a existência individual

³⁶ Um estilo de vocal, uma técnica que se baseia em produzir um som rouco, grave e profundo.

desaparece, não importando suas características particulares, o fator preponderante nessa relação é a qual grupo se pertence.

Os símbolos, as formas de expressão, a maneira como se compartilha as informações, o descobrir de novas bandas, todo esse processo pode ser compreendido como um ritual e ele se restringe aos integrantes do grupo, um conhecimento restrito aos praticantes. Ainda com relação a esse sentimento de superioridade, Robert lembra que esse sentimento é comum, algo juvenil, “na minha adolescência eu falava, eu curto um *Rock*, então eu sou melhor que você”, mas comenta que apesar de ser um sentimento muito relacionado a juventude, ainda “hoje eu tento diferenciar um pouco, mas eu não posso deixar de lado meu narcisismo, se eu consigo assimilar músicas mais complexas que a maioria das pessoas eu me sinto mais inteligente”.

Isso não se restringe necessariamente ao *Heavy* ou *Progressive*, mas quando eu escuto *Jazz* ou outros tipos de músicas que saem um pouco desse padrão, principalmente falando da realidade brasileira, eu me sinto uma pessoa muito melhor. Sem brincadeira, hoje eu ainda vejo que existe uma decadência relacionada com a música, uma objetificação maciça, por exemplo com o *Funk* ou Sertanejo. Hoje acho que o *Funk* está pior do que o Sertanejo Universitário, se a uns dois ou três anos o Sertanejo estava no seu ápice, parece que hoje está se voltando muito para o *Funk*.

Foram as diferenças entre os *headbangers* e ouvintes de outros estilos, da visão dos colegas de escola com o aluno dissonante e das visões de vida contrastantes com as de sua família que colaboraram para criar em Robert uma maior identificação com o *Heavy Metal* e os *headbangers*. Essa vida contrastante com o “normal”, fortaleceu e conduziu boa parte da juventude *headbanger* de Robert, criou-se dessa relação uma fronteira, uma zona de segurança que o ajudou a posicionar-se em relação a sociedade e definiu suas disposições.

Essa relação conflituosa, marcada pela luta por estabelecer fronteiras, pelo embate dentro de um ambiente avesso as suas práticas, torna o convívio entre o *headbanger* e a sociedade uma disputa por legitimidade, um vínculo que se fortalece nas diferenças. Essa talvez

seja não a única, mas uma das características mais marcantes dessa identidade *headbanger*, a força dessa identidade se manifesta ao impor a manutenção dessas diferenças, elas precisam ser atualizadas constantemente. Aqui fica um ponto interessante, não há no grupo uma luta para estabelecer uma nova visão, uma que acabaria com seu estigma, não há objetivos a serem alcançados, o conflito existe exatamente para garantir que essa luta não acabe. A existência do grupo está de certa forma condicionada a manutenção e defesa dessa diferenciação, sendo que quanto maior as diferenças enfrentadas em sua socialização, maior o vínculo com a identidade. Para o *headbanger* o atrito, o embate “político” entre indivíduo e sociedade torna-se o objetivo final e não um meio para atingir seus objetivos. Alguns *headbangers* então fabricam sua identidade nas diferenças e estas não podem ter fim, a identidade se fortalece no conflito e como tal não se sustenta fora desse embate.

2.6 It's A Long Way To The Top³⁷

Como relatado, uma das características responsáveis pela criação de disposições secundárias é o embate e o convívio com disposições contrárias, essas geralmente associadas a interação com instituições externas a família. Porém a compreensão dos motivos que levam o fortalecimento de uma identidade *headbanger* também passa por outra característica marcante que pode ser encontrada no relato de Arya. Ela, diferente de Robert, não precisou marcar sua posição constantemente, suas disposições não foram alteradas e atualizadas no conflito, seus pais sempre aceitaram seu caminho, seus amigos apoiam suas escolhas e em seu ambiente de trabalho nunca houve problemas, sua luta para manter suas disposições era outra, Arya é baterista e compositora de uma banda de *Heavy Metal*. Se em sua família e relações Arya comenta que nunca houve uma resistência, ou nas palavras dela “nenhuma, foi tudo muito natural. Me apoiaram sempre”. É preciso buscar em sua história como suas disposições foram conduzidas, como se deu seu processo de socialização, como foi seu caminho e seu envolvimento com os *headbangers*.

Cada integrante do grupo possui suas particularidades, mas se os *headbanger* tem uma característica que os representa de forma uníssona é sua ligação com a música e Arya não foge a essa regra. Sua relação com a música é de longa data, algo que sempre esteve presente em sua vida e que segundo ela foi algo espontâneo e particular em sua infância, “minha família nunca teve interesse na música, também não me influenciaram em nada musicalmente e eu comecei por mim mesma, comecei tocando piano. Acredito que já era da minha essência estar ligada a música”. Proveniente de uma cidade de pequeno porte, Arya sempre teve que correr atrás de informações e das músicas que desejava, não havia amigos com quem compartilhar seus gostos e suas descobertas, do mesmo modo que não havia quem as compartilhasse, sendo que essas experiências de compartilhamento são um dos pilares da interação social dentro do grupo. “Até meus 10 anos eu sempre morei em cidade pequenininha. Mas pequena mesmo, de 3 mil habitantes. Então, não havia mesmo como ter influência de amigos, nem nada, por que era muito difícil o acesso a esse tipo de música”, esse relato é importante, pois as dificuldades em suprir seus anseios impulsionaram sua vontade, pode se dizer que seja uma característica humana, desejamos com afincado aquilo que não temos. Outro fato que corrobora com seu discurso sobre a falta de repressão no ambiente familiar, em contraste com o apresentado por Robert a

³⁷ Música da banda AC/DC.

exemplo, tem relação ao envolvimento de seus pais com a religião. Em um país de maioria cristã, Arya que se declara espírita, é filha de um pai católico e uma mãe também espírita, e segundo seu depoimento, não houveram problemas por suas escolhas religiosas, seus pais, apesar de religiosos, nas palavras dela “não são fanáticos”, não aconteceu no caso de Arya, pelo menos durante sua infância, um choque de disposições contrárias as adquiridas em seu núcleo familiar, tanto em relação a música e seu estilo, quanto em relação as suas disposições.

Se sua infância foi aberta aos descobrimentos de um estilo próprio, sem grandes enfrentamentos, em sua adolescência já morando em Maringá, começaram a surgir suas primeiras disposições secundárias. Esse período é o início de um novo caminho, tanto em relação as suas disposições, quanto na sua experiência com a música. As mudanças em suas disposições e estilo podem estar ligadas as novas vivências experimentadas por Arya em sua nova cidade, mas isso se deve principalmente pela influência de suas bandas favoritas. Arya com o tempo assimilou o estilo *headbanger*, com camisetas e tatuagens que são no caso dela, feitas dos símbolos e logotipos de suas bandas favoritas. Agora suas escolhas não se resumiam apenas a sua vestimenta, mas estavam espalhadas e eternizadas por seu corpo, “sempre vesti a camisa das bandas, eu sempre estava vestida com a camiseta de uma banda que eu gostasse. Depois vieram as tatuagens e todas as tatuagens que eu tenho ou são de bandas que eu gosto, ou elas têm algum significado para mim”. As tatuagens são uma constante nos integrantes dos *headbangers*, porém nem sempre elas representam as bandas ou mesmo uma ligação com o *Heavy Metal* como no caso de Arya, mas tornaram-se uma das características do grupo e historicamente ajudou a formar o estereótipo do grupo. Segunda ela, “nunca sofri nenhum preconceito com isso, muito pelo contrário, acham bacana”. Essa afirmação é importante, por que contrasta com o discurso dos outros interlocutores, o que levanta a hipótese de que o gênero pode ter influência na maneira com que o estigma do *headbanger* se propaga ou o contexto em que Arya estava inserida em sua adolescência já apresentava disposições capazes de aceitar suas alterações corporais, como as tatuagens e por isso tiveram pouca ou nenhuma influência na vida de Arya. Dito isto, porém, não era incomum que as tatuagens representassem outro ponto de embate entre os *headbangers* e a sociedade, as tatuagens tinham o poder de representar uma visão estereotipada, de um sujeito perdido, do tipo que se quer distância, marginalizado aos valores sociais. Outro aspecto é que em relação aos homens que escolhiam ter cabelos compridos, esses de maneira geral, eram coagidos por familiares ou amigos a cortar os cabelos, ou então conviviam com *bullying* e piadinhas sobre sua sexualidade. Para as mulheres cabelos

longos eram o padrão, levando as mulheres de cabelos curtos ou raspados a passarem pelo mesmo problema. O desvio do que é condicionado como padrão visual é parte do que constrói e caracteriza o estereótipo do *headbanger* e isso povoa o imaginário social e o estigma do grupo. Esse pensamento de certo modo corrobora com o discurso de meus interlocutores, Arya tem cabelos longos, loira e jovem, mesmo que seu corpo e sua vestimenta deixem clara sua filiação ao grupo, ela se manteve em um padrão visual aceito socialmente, já Eduardo, a exemplo, afirma que “Já deixei de trabalhar em uma empresa por ter cabelos longos”, esse tipo de afirmação não é incomum entre os pertencentes aos *headbanger*, diversos são os casos onde o preconceito, envolvendo os integrantes do grupo e sua aparência, se sobrepõem as suas qualidades. Ainda sobre a questão de preconceito, Arya diz que nunca sentiu nenhum, mas ela comenta que, “eu senti que no começo a galera queria me testar. Aquela coisa de se eu conhecia mesmo, mas para mim isso não foi problema não”. Essa afirmação remete a uma recorrência dentro do grupo, uma forma de relação que extrapola as questões de gênero e que tende a hierarquizar os indivíduos baseados na abrangência de seu conhecimento, tanto no que se refere ao número de bandas conhecidas, quanto a quão profundo é este conhecimento, dentro do grupo isso tende a categorizar os indivíduos como *posers*³⁸ ou *true*³⁹.

Se Arya comenta que nunca teve a intenção de fazer parte de nenhum grupo, com suas disposições caminhando em direção as suas escolhas, ela viu seu vínculo com o grupo se fortalecer ao trilhar este caminho. Esse fortalecimento não era seu objetivo, mas quando passou a organizar excursões para outras cidades, ou trabalhar para que bandas de fora da cidade pudessem se apresentar na região, esse interesse, que já era fruto de suas disposições secundárias, conduziu suas decisões e desejos, aprofundando sua relação com o grupo, sua participação constante atualizava suas disposições e mantinha sua identidade *headbanger*. Se para ela o interesse era simples, “as excursões nasceram da minha vontade de assistir aos shows, com a vontade da galera em ver também”, esse ato “simples” abriu as portas para que muitos *headbangers* da região pudessem ter seu primeiro contato com o ambiente de shows e grupos externos a cidade, o que também aprofundou a participação e o envolvimento de Arya com o grupo. Apesar da importância que a organização dos shows e as excursões tiveram para o grupo maringense, esse trabalho extra nunca foi rentável e não podia se sustentar, o que acabou

³⁸ Poser é um termo utilizado para se referir a um indivíduo que assume apenas a aparência, fingindo ser algo que ela não é, também se refere a alguém que desconhece ou conhece pouco sobre a cultura *headbanger*.

³⁹ Um termo utilizado para se referir a alguém que vive a cultura *headbanger*, em tradução livre significa verdadeiro.

minando sua dedicação, “hoje eu não faço mais, não tenho condições, não tenho tempo né para organizar”. Outro ponto é que o cenário do *Heavy Metal* maringaense decaiu, para ela a cena *metal* não é mais a mesma, entre outras coisas, por causa das mídias. “Hoje todo mundo tem acesso pelo computador, assiste os shows pelo *youtube* e acaba deixando de lado, de ir frequentar os shows, sem comprar CD’s”, esse cenário para ela é “no Brasil em geral”. Sobre a queda no interesse do público maringaense e a relação dessa queda com a mudança de local do bar que o grupo frequentava, ela ainda afirma que continua indo ao *Tribos’Bar*, “as vezes quando tem um show que eu gosto, ou que eu esteja aqui em Maringá eu vou”. Para Arya o público do bar mudou, mas o estabelecimento também mudou, “ninguém sobrevive de *Metal* aqui nesse país né” e acrescenta,

Hoje a galera está mais acomodada e não é uma questão de grana, nós éramos mais quebrados de grana e a galera ia. Acho que a galera está mais velha, a idade pode ter influência. Acho que a idade faz isso nas pessoas. Inclusive eu, antes eu era show assim, toda semana, hoje não. Hoje eu fico mais em casa, sabe, então acho que a idade, é a única explicação.

Uma outra diferença em relação a Robert e a forma de interação com o grupo é que Arya passou boa parte de sua vida com a banda, sendo que as dificuldades enfrentadas para manter sua banda de *Heavy Metal* à mantiveram em um caminho que atualizava suas disposições constantemente. Se Arya continuou ligada ao estilo é, em boa parte, fruto de seu interesse e sua atenção com a banda, suas disposições sempre estiveram voltadas a cultura *headbanger*, mesmo quando precisou se dedicar a uma nova profissão.

Como foi tratado anteriormente, a música pode ajudar a promover o “senso crítico”, não somente em quem ouve, mas principalmente em quem compõe. O pensar sobre, transforma o ato de compor, a música se torna uma maneira de expressar sua insatisfação, ou mesmo a opinião do artista sobre diversos fenômenos sociais. Quanto a isso, Arya não se omite, ela aponta que esteve sempre envolvida, seja na produção das músicas ou mesmo através de suas leituras. Sua maneira de ver e suas disposições também a conduziram a se posicionar em relação

ao momento que o país atravessa e segundo ela, isso é natural pois a crítica faz parte da cultura do *headbanger*,

Não é coisa de momento. Tanto que a maioria das letras da banda são questões políticas. Tem uma letra que eu escrevi baseada em um livro chamado *Urania* e a música também chama *Uranie*, a música fala em um trecho que nós humanos erguemos estatuas para líderes que nos matam, então tem tudo haver, foi bem atemporal, digamos. Por que as pessoas acabam venerando, falando vulgarmente, pessoas que estão fod.... com a gente, sabe, e não percebem isso. Então eu sempre gosto de escrever a respeito disso. Tem outra letra nossa também, a *Partners in Crime*, que fala sobre guerras religiosas, a questão da ganância, sobre a destruição do mundo e no clipe nós tentamos retratar tudo isso, então também é um tema bem atual. Gosto de escrever letras que as pessoas possam refletir.

Ela acredita que o fã de “verdade” adquire um senso crítico, que as músicas são emoções, mas também há reflexão, caso contrário essa pessoa estaria apenas passando por uma fase de sua vida, “não chegava a analisar de maneira profunda o que (os artistas) estavam querendo dizer”, sobre isso ela comenta que “automaticamente quando você é fã mesmo de *Heavy Metal*, de *Rock n’ Roll*, você cria um senso crítico para questionar tudo que acontece ao nosso redor. Então acho que isso é uma coisa natural que acontece”. Sobre isso, essa capacidade de questionar, Robert não acredita que ela seja inata aos *headbangers* e comenta que também existe no grupo indivíduos incapazes de desenvolver esse olhar crítico, para ele “há um conservadorismo massivo, extremamente perigoso que pode se tornar tão preconceituoso quanto outras concepções” e complementa,

Do que adianta, por exemplo, eu sou contra o Bolsonaro, por que ele é um asno, por que ele é um idiota, por que fala coisas padronizadas e superficiais, como alguém da corda para um cara que fala que “bandido bom é bandido morto”, fazendo uma análise extremamente superficial da coisa, mas do que adianta ser um *headbanger* e falar “isso aqui (o Bolsonaro) é o melhor que tem e se você não concorda vtnc você é um lixo”. Então ser um metaleiro ao extremo e aceitar essas concepções não é só perigoso, é burrice.

Sobre esses indivíduos que possuem a tendência a abraçar o estilo, mas não suas disposições, Arya salienta que essas pessoas podem gostar do ambiente, do visual *headbanger*, mesmo não compactuando com a visão subversiva do *Heavy Metal*.

Mas eu também não julgo as pessoas. É legal também da mesma forma, é bacana você ir em um show e ver quantidade também. Para você que está no palco, para quem está organizando, é legal, pelo menos tem gente ali que está gostando da sua música, gostando do show que você está fazendo.

O fervor de Arya cresceu com o tempo, seu vínculo com a identidade se fortaleceu e seu desejo a manteve no caminho. Apesar de não conseguir se dedicar 100% do tempo, ou como gostaria, em 2018 sua banda completou 18 anos e ela continua a percorrer o longo caminho para quem gosta de *Rock n'Roll*. O *Heavy Metal* segue vivo para ela através de sua banda, de sua paixão pelo estilo, e mesmo que digam que o *Metal* está em “decadência”, ela segue fazendo o que gosta, ouvindo o que lhe dá prazer e sendo quem ela se dispôs a ser,

Estávamos com um projeto com o SESC né, então estávamos tocando com o SESC mais no estado de São Paulo. Então a ideia é que no ano que vem, estaremos tocando mais com o lançamento do CD novo. Até hoje eu saio daqui ouvindo um *Running Wild*, então *Metal*, *Rock* é uma coisa assim que eu escuto diariamente, então é o tempo inteiro. Se estou dirigindo eu estou ouvindo, se estou no meu quarto estou ouvindo. Eu não me limito só ao *Heavy Metal* e *Rock n' Roll*, eu gosto de música clássica, trilhas sonoras de filmes, tipo Conan, então também gosto muito dessa área. Mas basicamente é o *Rock n' Roll* e o *Heavy Metal* que eu escuto.

Se a identidade *headbanger* de Arya não se alimentou dos mesmos conflitos vivenciados por Robert, ela se fortaleceu nas dificuldades enfrentadas para alcançar seus desejos, seus objetivos, segundo ela “sempre quis ser vocalista, mas logo vi que não deu muito certo (risos), daí tentei guitarra, tentei baixo, mas nunca me dei bem com instrumento de corda e a bateria foi a última opção. Ninguém queria ser, eu falei, vou tentar né”. Esse tipo de comprometimento, nascido de uma disposição forte, apaixonada, alimentou e fortaleceu os vínculos com sua identidade *headbanger*, algo que nasceu em sua juventude e manteve-se até hoje. Para ela, a fascinação pelo estilo teve início ao assistir o *Hollywood Rock*⁴⁰ em 1994,

Eu tinha uns 13, ou 12 anos. Eu já tinha conhecido *KISS*, essas coisas, foi quando passou o *Hollywood Rock* em 94, eu assisti né, então fiquei bem deslumbrada. Mas, como eu morava em cidade pequena eu não tinha muito acesso, era mais moda de viola, Sandy e Junior, essas coisas (risos). Então era mais esse tipo de coisa que eu ouvia na época né e coisas de piano. Ai, foi aqui em Maringá que eu tivesse acesso a tv a cabo, estava passando um clipe do *Aerosmith* e eu fiquei simplesmente deslumbrada, apaixonei.

Através do relato de Arya nota-se que a identidade *headbanger* é dinâmica, sua existência ganha força no conflito, como demonstrado no discurso de Robert, mas também se alimenta nas vivências, na trajetória e nas decisões, mas principalmente da vontade e resiliência em seguir este caminho que muitas vezes se torna tão tortuoso. Arya comentou que nunca desejou fazer parte de nenhum grupo, não se tratava de obter um círculo social de indivíduos de gostos semelhantes, isso aconteceu pelas escolhas, pelos caminhos, pelas disposições e pelos desafios que lhe foram apresentados ao buscar seu objetivo. Sua identificação nasceu de uma paixão e manteve-se no afeto de suas vivências, na resiliência de encarar por 18 anos os desafios de manter uma banda de *Heavy Metal*.

⁴⁰ Festival realizado no Rio de Janeiro em 1994.

2.7 Master of Puppets⁴¹

É o momento de apresentar o terceiro participante, Jaime, um jovem que já faz parte de uma nova geração de *headbangers*, uma que desde cedo conviveu com as inovações tecnológicas e um acesso facilitado ao conteúdo e as músicas de *Heavy Metal*. Seja pela televisão a cabo, ou pelo acesso a internet desde pequeno, Jaime possuía os meios para satisfazer sua curiosidade em relação ao estilo. Filho de pais separados, foi criado por sua mãe com auxílio de seus avós, o que pode ter influência em suas disposições. Ao inclinar-se a um estilo “que não eram sonzinhos simpáticos e bonitos”, ele demonstrou uma pré-disposição de expressar seu descontentamento através de seu estilo, sua aparência tornou-se o retrato dessa indignação. Isso não quer dizer que a falta de uma figura paterna é negativa ou positiva em si, mas para algumas crianças que não experimentaram essa vivência, o sentimento de revolta nasce ao se constatar que existem diferenças. Assim, mesmo que isso esteja restrito a seu subconsciente, a marca imposta pela ausência de um pai não pode ser ignorada.

Já em sua narrativa, assim como nas de Arya, ele demonstra que nunca houve, por parte de sua mãe ou de sua família, uma resistência em relação ao estilo que abraçou. A ausência de conflitos com seus familiares, tanto em relação a construção de seu estilo, que carrega o estereótipo já discutido, quanto a uma influência religiosa, como ocorrido com Robert, abriram o caminho para que Jaime ao aprofundar sua vivência com o *Heavy Metal* experimenta-se a cultura *headbanger* apenas como um estilo musical e não uma forma de insurgência contra restrições impostas, seja por uma moralidade contrastante com a normativa, ou pelo visual que escolheu. Em relação a sua infância, suas disposições primárias foram construídas em um ambiente que era propenso a formar uma ligação com o estilo, segundo ele, sua mãe sempre gostou de *Rock 'n Roll*,

⁴¹ Música da banda Metallica.

Me lembro que quando eu era criança, minha mãe gostava muito de MPB e uns rocks clássicos, então quando eu era criança ela já me apresentou *Pink Floyd*, *Queen*, *Beatles*, esses rocks mais normaizinhos e eu fui por esse viés, desde novo eu já gostava de uns sons assim, não era *Heavy Metal*, mas era *Rock*, assim nunca tive atração por outros estilos. Aí, quando eu tinha uns doze, treze anos começou com uns sons tipo *Linkin Park*, *Slipknot*, que eram os sons que estavam rolando. Comecei a ouvir essas bandas, não eram bem um *Heavy Metal* ainda, mas foi onde eu conheci e comecei a escutar, eu já me identificava com esse lance da revolta, do subversivo, aquele lance de sair da infância e ir para outro momento, uma identificação com algo que traz emoções diferentes.

Para ele a música o ajudou a questionar a ideia de uma vida perfeita, mostrando uma perspectiva diferente da realidade. “Se você teve uma família bem estruturada igual eu tive, você passa a infância acreditando que a vida é tranquila, de boa, por que tivemos uma boa estrutura familiar ali. Mas daí, nesse ponto, junto com a música veio também esse choque de realidade”, essa afirmação levanta novamente a hipótese de que a música serviu como um estopim, uma porta que se abriu e permitiu que Jaime passasse a ver sua própria existência de outra forma. Nesse sentido, o estilo do *headbanger*, com seus cabelos longos, roupas pretas e semblante carrancudo, pode externar uma revolta contida, uma forma de expressar seu descontentamento, uma imagem construída pela supressão dos desejos.

Nesse caso, pode-se argumentar que a estrutura familiar consagrada, formada pelo homem, pela mulher e filhos, que permeia o discurso social, é como um ídolo, uma visão já estabelecida, construída com base em valores morais de uma sociedade de maioria cristã. Para essa sociedade, ser mãe solteira, ou a própria dissolução do casamento é um estigma, um que na grande maioria das vezes atinge apenas as mulheres e seus filhos. Se essa visão de estrutura familiar é consagrada no discurso, na vida real ela não se sustenta, como ídolos de pés de argila, sua base não suporta o peso das contradições da sociedade moderna, onde o número de divórcios é crescente e o próprio conceito do que é uma família é dinâmico. Assim, ao sujeito cuja existência se encontra fora dos padrões, o estigma fornece um peso extra, um lastro que cria novas disposições e um novo modo de experimentar suas vivências. As contradições

carregadas nos discursos, entre o que boa parte da sociedade entende como família estruturada, com a forma de vivência e de estrutura nas famílias modernas, podem parecer fora de contexto inicialmente, mas o *Heavy Metal* ficou marcado por estabelecer relações intrínsecas com temas considerados tabus sociais, essa é uma característica forte do estilo. Falando sobre isso Jaime acredita que “é um dos únicos estilos musicais que abordam temas pesados como o suicídio”. Ele também considera um estilo capaz de alterar suas energias, de expressar essas emoções e atribuir significados a momentos e vivências, “tem vezes que você escuta uma música, ela te marca, você não sabe do que fala a música, mas quando você pega a letra você vai ver e faz total sentido com o momento que você está passando”, a música para ele também tem um efeito que seria semelhante as drogas psicotrópicas, “a música é como uma droga, a música propicia emoções que são como as drogas, ela traz a multidão, dá uma energia e isso é uma coisa que no dia-a-dia é útil. As vezes estou com um humor mais rebaixado, pego uma música para ouvir, já melhora meu dia”.

Jaime, assim como Robert, acredita que ao ser capaz de ouvir um estilo considerado em sua essência, dissonante dos padrões brasileiros, isso elevaria sua autoestima, “as pessoas estão muito acostumadas com refrão, músicas estruturadas e ser capaz de escutar esse estilo de música *progressive*, nesse sentido, dá um *boost*⁴² para o ego. De você se sentir superior”, Jaime ainda aponta que existe um “caráter subversivo dentro do *Heavy Metal*, mas ao mesmo tempo um conservadorismo exagerado que você vê dentro das pessoas que fazem parte do *Heavy Metal*. Há muito preconceito”, ele complementa dizendo que “uma das fases de minha identificação com o *Heavy Metal* durante minha adolescência, foi justamente este, de me encontrar neste estereótipo e acreditar que aquilo era superior. Tudo fora daquilo era bosta, era lixo”. Sobre isso, Robert acrescenta,

⁴² Impulso em tradução livre.

Dependendo de como você se envolve com o *Heavy Metal*, ele pode ser até perigoso. Por que, você não cria somente um vínculo com o *Heavy Metal*, mas você se aliena naquele própria vínculo que você estabelece. Por que você pode até se fechar em uma coisa e julgar as coisas que você acha ruim, mas você não vai se observar enquanto está fechado naquilo. Então assim, para mim você se alienar no *Heavy Metal* é tão ruim quanto se alienar no sertanejo por exemplo.

Essa característica do *headbanger* foi marcada no discurso de Robert e Jaime, mas também foi presente em todos os participantes da pesquisa. Na juventude do *headbanger* seu estilo é visto como algo intelectualmente superior, uma cultura musical que foge dos padrões estabelecidos e por isso se restringe aqueles capazes experimentar suas melodias na plenitude, uma espécie de gênero restrito a aristocracia. É provável que esse sentimento tenha relação com as origens do *Heavy Metal*, que apesar de nascer do *Rock n' Roll* incorporou alguns dos “preciosismos” da música clássica como forma de buscar uma separação da cultura popular, uma *Rock n' Roll* que “exigia ir além” em sua produção. Para Robert, esse sentimento não se resume ao escutar *Heavy Metal*, mas a todos os estilos desviantes dessa “realidade brasileira”,

Isso não se restringe necessariamente ao *Heavy* ou *Prog*, mas quando eu escuto *Jazz* ou outros tipos de músicas que saem um pouco desse padrão, principalmente falando da realidade brasileira, eu me sinto uma pessoa muito melhor. Sem brincadeira, hoje eu ainda vejo que existe uma decadência relacionada com a música, objetificação maciça. Por exemplo com o *Funk* ou *Sertanejo*.

A esse respeito, tanto Robert quanto Jaime, acreditam que estilos como o Sertanejo ou o *Funk*, representam o momento do país, um espelho que reflete as idéias, estas que permeiam o imaginário social, Robert ainda acredita que,

A música em si é uma frequência de energia que ela possibilita uma concepção de uma linguagem que não necessariamente as palavras em si emitem. Mas para você assimilar, quer dizer que você precisa se esforçar para assimilar e você pegar uma música com uma certa profundidade em um primeiro momento ela é difícil de assimilar, mas quando você entende é uma música que mexe com você. Não sou um expert em música, mas se você pega os campos harmônicos, maior e menor, pode se tornar muito fácil fazer assimilação independente se você tem conhecimento musical ou não. Quando você entra em uma concepção mais de minuta, dominante de minuta, você vê que ele soa estranho, independente do seu conhecimento em música, é dissonante, mas quando você consegue assimilar você abre outras portas.

Já para Jaime a simplificação faz parte do apelo para se tornar popular, “é que a interpretação que surge a partir disso é algo que não requer muita análise, não requer muita abstração. É uma coisa simples, superficial” e Robert também aponta que,

É uma música de consumo, mas ao mesmo tempo ela se torna popular, por que uma massa condizente da população se identifica com essa coisa, com esse momento. Pelo menos essa é minha perspectiva. Então, se eu escuto uma coisa muito melhor que esse padrão, quer dizer que eu estou muito melhor que esse padrão, não é certo falar isso, mas me sinto um ser humano melhor.

Voltando ao discurso de Jaime, esse “choque” causado em sua perspectiva de realidade também aconteceu com relação a religião, outro fator que costuma causar discórdia por todo o estigma de moralidade que o *headbanger* carrega. Segundo ele, apesar de sua mãe ter fé, ela nunca o obrigou a frequentar a igreja e a música o ajudou a procurar sua própria forma de crer, “o *Metal* expressa esse movimento de ter o teu, de procurar a sua crença, de procurar a sua ligação”, ele complementa:

Minha família é católica, sempre foi, minha mãe é uma católica espírita, ela não é muito religiosa, de ir para igreja, de cultuar ou fazer “parte” da religião, mas ela me ensinou a rezar, a “ser uma pessoa que crê”. Mas, nesse momento que eu comecei a ter minhas próprias ideias, que também coincidiu com o momento musical, foi um momento que eu também comecei a questionar isso aí, então eu não me consideraria uma pessoa religiosa, nunca, mesmo por que como eu falei, minha mãe não era uma pessoa que frequentava, então eu não fiz catequese, não fiz crisma, essas coisas, mas eu acreditava.

Outro ponto importante na narrativa de Jaime é sua relação em seu círculo de amigos ou no colégio, para ele era tudo “normal”, nunca houve nenhum tipo de *bullying* ou mesmo perseguição por seu estilo *headbanger*, suas disposições nesse sentido nunca foram colocadas a prova. As diferenças nas experiências relacionais, entre a velha e a nova safra de *headbanger*, pode ser fruto de uma visão contemporânea, onde vieram atona debates de gênero, classe, etnia, etc. O convívio das novas gerações com esses debates, que emergiram com a redemocratização do país e que se consolidaram nos governos a partir de 2002, abriram novas possibilidades de convivência. O *headbanger* com o tempo deixou de ser uma figura obscura, sua existência já não causava tamanho desconforto e isso mudou a forma como os *headbanger* experimentavam suas relações com os demais grupos. Ainda assim, as disposições dos jovens *headbangers* continuaram a formar suas fronteiras, a definir seus limites e sua identidade. Para Jaime “o adolescente curte os rótulos né. Criar umas categorias, para dizer eu faço parte disso ou daquilo. A minha identidade é essa, então defender esse rótulo”. Essa identificação do *Heavy Metal* com a juventude foi algo bastante debatido entre os dois interlocutores em uma de nossas entrevistas, Robert acredita que “essas coisas acontecem na adolescência por que é o lugar onde você quer criar e se identificar com alguma coisa, criar algo para você, então é muito comum as vezes você se fechar”. É interessante que ao recapitular sua biografia, Jaime aponta que apesar de sempre ter se considerado um *headbanger*, nunca precisou se posicionar como tal e completa: “olhando para trás, agora, não acredito que eu tenha sido realmente um *headbanger*, acho que eu era um *nerd*, um garoto *nerd* que gostava de *Heavy Metal*”. Se o reconhecimento de sua identidade *headbanger* se dá no conflito, ou em uma disposição para o enfrentamento, em sua relação dialógica com o social. A falta deste conflito conduziu as disposições de Jaime, enfraquecendo seus vínculos com a identidade *headbanger* e conseqüentemente transformando seu caminho de maneira cada vez mais divergente a experiências vivenciadas por Robert e Arya.

2.8 Into The Void⁴³

Eduardo é um jovem de 25 anos que apresenta o visual clássico dos *headbangers*. Cabelos longos, camiseta de banda e calça *jeans* preta, ele foi o primeiro interlocutor a compartilhar suas histórias e sua relação com o *Heavy Metal*. Apesar de sua idade ser próxima a de Jaime, suas experiências com a cultura *headbanger* têm uma correlação similar com as vivenciadas por Robert e Arya.

Sua relação com o *Heavy Metal*, começou ainda jovem, segundo ele, “comecei com uns 12 anos, com alguns amigos, principalmente com um vizinho meu, que é um grande amigo meu até hoje, ele era um pouco mais velho e curti muito *Heavy Metal*, então ele me influenciou bastante nessa faixa da minha vida”. É impossível dizer quão profunda foi essa influência, mas há fortes indícios que suas disposições foram alteradas por suas novas vivências. Seus pais, católicos, carregam uma moral que por vezes é contraposta as ligadas ao grupo dos *headbangers*, na música, nunca exercerão nenhum tipo de influência e nunca foi uma parte importante de sua infância. Porém, a família sempre foi sua maior influência, segundo ele a família tem grande importância em sua formação, “todos os valores que tenho são graças a família, aos exemplos que meus pais me davam quando criança e adolescente. Acho extremamente importante”, mas se sua família tinha planos para sua trajetória cristã, sua relação com a religião nunca foi algo espontâneo, “era mais por imposição da minha família, quando eu era criança ou adolescente eu não tinha muita escolha, mas quando eu pude escolher eu parei de seguir”. Além disso, a influência dos amigos também mudou sua relação com a música, Eduardo passou a estudar bateria, a frequentar bares e shows de *Heavy Metal* regularmente, essas disposições conduziram sua trajetória e o levaram a passar por experiências que marcaram sua vida.

⁴³ Música do álbum *Master of Reality* da banda *Black Sabbath*.

Ouço muito em casa, mas também vou em bares e costumo viajar para ir a shows. Já fui para São Paulo, Curitiba, para Porto Alegre e agora vou ao *Wacken* (festival de *Metal*) em agosto na Alemanha, então nunca tive dó de gastar para ir em shows, por que é uma coisa que eu gosto muito. Conheci pessoas legais, sempre conheço gente nova que é uma coisa que me marca muito, além do show que tem uma pegada meio nostálgica, por exemplo, no show do *Black Sabbath* que foi uma das primeiras bandas que eu ouvi e depois, uns 12 anos depois, que para minha idade é bastante, ver os caras e “tals”, velhos, isso é uma coisa muito f***.

Se o *Heavy Metal*, através de seus amigos, transformou sua vida, também deixou marcas que vão além da música. Para ele o *Heavy Metal* “é um estilo de vida, tem o estilo de se vestir, cabelo, opiniões políticas e religiosas que vem do *Metal*, muito mais forte do que um simples entretenimento”, essa afirmação carrega as características dos *headbangers* que foram apresentadas anteriormente e que compõem a percepção dessa cultura, além de abrir as portas para que ele pudesse emitir uma opinião sobre o governo de Michel Temer, presidente do Brasil no período.

Acho o governo atual bem ruim, eu sou muito leigo no assunto, não costumo falar muito disso por ser muito leigo, mas a impressão que eu tenho é que o governo atual beneficia uma classe muito específica da sociedade, quem tem mais grana, empresas e tudo mais, e eu por exemplo, como sou pobre acabo me ferrando um pouco mais. Parece que o poder aquisitivo do salário fica bem baixo, por exemplo, antes eu conseguia viajar de avião bem mais fácil que hoje em dia. Tem combustível, alimentos, eu percebo que as medidas do governo beneficiam grandes empresas e ferram quem é da classe mais baixa.

Por sua relação com a bateria, e os estudos que se fazem necessários para tocar o instrumento, Eduardo expandiu suas influências musicais e assim como Arya, sua vivência em uma banda apresentou novas experiências,

Minha banda por exemplo é de *Punk Rock*, um estilo que nunca fui muito fã, mas aí apareceu o convite para tocar e eu comecei a ouvir um pouco, foi uma coisa nova para mim, tem cerca de um ano. Eu costumo ouvir um pouco de música clássica, como eu faço aula de bateria, as vezes eu me deparo com um estilo que eu preciso aprender, como *Jazz* ou *Blues*.

As interações com outros estilos transformaram as disposições de Eduardo, contribuindo para mudar a visão, muitas vezes intolerante, que o *Heavy Metal* carrega dos outros grupos. Essa intolerância que pode funcionar como uma fronteira, visa separar os *headbangers* de outros grupos, como por exemplo, fãs de outros estilos musicais ou quaisquer pessoas não integradas aos ritos da cultura *headbanger*. Essa forma de relação social segrega os *headbangers*, criando nos integrantes a sensação de pertencimento a um grupo especial, uma “seita” onde somente os iniciados podem conhecer seus segredos. Essa característica alimenta o estigma do *headbanger* que povoa o imaginário da população, mas também contribui para aumentar a intolerância dos *headbangers* com os demais grupos.

Para Eduardo, a existência de uma divisão dentro do grupo dos *headbangers*, entre *poser* ou *true*, a busca por essa identidade rígida, que venha a fortalecer os vínculos com o grupo ao mesmo tempo que se distancia dos não-integrados e a percepção de superioridade são comuns nos *headbangers*, mas ficaram na sua adolescência.

Quando eu era mais novo, adolescente assim, eu ficava pirando muito nisso, mas hoje em dia eu acho uma coisa um pouco retardada na verdade. Acho que nunca é tarde para começar a ouvir e curtir, você não precisa saber tudo, pois acontece muito de quem está começando a ouvir e os amigos começam a ficar zoando, chamando de *poser* e tal, mas acho que não tem nada haver não, a pessoa está começando a ouvir, assim como eu comecei um dia. Acho que quando somos adolescentes somos mais intolerantes, mas agora sou bem mais mente aberta.

O extremismo, causado em grande medida pela vontade juvenil de se posicionar e defender sua identidade *headbanger*, é uma das possíveis causas de um comportamento intolerante durante a adolescência e de uma “síndrome de superioridade” que arrebatou grande parte dos *headbangers* nesse período da vida. O amadurecer é um caminho natural, que passa, como apontado por Arya e Robert, pelo desenvolvimento de um senso crítico e a aceitação das diferentes vivências que se apresentam no convívio social. Não se trata de abrir mão da cultura *headbanger*, mas sim de um caminho de amadurecimento que vem com o tempo e que também aparece nos discursos de Robert, Arya e Jaime. Apesar disso, se o amadurecimento transforma a relação do *headbanger* com a sociedade, o inverso ainda apresenta barreiras a serem superadas, barreiras essas impostas pelo estigma que o grupo carrega ou por um simples corte de cabelo “tive problemas com emprego já. Já deixei de trabalhar em uma empresa por ter cabelos longos”.

2.9 Heavy Metal Breakdown⁴⁴

Ao recapitular a pesquisa, fica claro que os *headbangers* usualmente tem seu primeiro contato com a cultura ainda muito jovens e esse contato passa a influenciar suas disposições. São em geral indivíduos que gostam de *Rock n' Roll* e seus derivados, mas normalmente são mais conhecidos como “os fãs de *Heavy Metal*”. O *Heavy Metal* como estilo musical deriva do *Rock n' Roll* e sua genealogia aponta para o movimento *beat*, tendo uma história marcada por uma aversão ao que é tido como “padrão ideal” do momento. O *headbanger* passa a representar a imagem do rebelde, um estereótipo já enraizado, o sujeito subversivo e degenerado que se opõe as condutas e valores morais de sua época. Sendo um grupo estereotipado e que carrega um estigma moral tão característico, o *headbanger* simboliza e representa, através de sua própria imagem, as angústias de um sujeito que carrega um asco das normativas sociais. Assim sendo, era importante definir quais fatores podem levar um indivíduo a se identificar com o grupo dos *headbangers*? Quais as semelhanças encontradas entre os integrantes do grupo? Quais são suas características mais marcantes? O que conduz um indivíduo a se colocar espontaneamente em um grupo que carrega um estigma tão marcado? Essas questões povoavam minha mente, um desejo inconsciente de compreender, quem sabe, minha própria trajetória. Durante a pesquisa, a resposta veio através dos interlocutores, foi através deles que pude estabelecer as disposições e os caminhos que conduziam os indivíduos aos *headbangers* e ao subgrupo dos “metaleiros”.

Primeiramente, foi possível determinar que na grande maioria das vezes, o *headbanger* não escolhe esse caminho por estar satisfeito, esse não é um caminho escolhido por aqueles que se sentem representados ou se encaixam nos moldes sociais, há um desejo de demonstrar seu descontentamento, sua aparência torna-se o símbolo externado desse conflito, seja qual for o contexto, o *headbanger* possui uma tendência a negar o que seria socialmente aceito como “correto”. Em segundo lugar, criou-se a possibilidade de dividir e apontar a existência de um subgrupo, os “metaleiros”, este sim, composto em sua maioria por indivíduos que aceitaram as condições sociais impostas, seja pela moral dominante ou por assumirem sua identidade apenas pelo apelo visual. Outro ponto que ficou marcado e se provou importante em relação aos *headbangers* é que, mesmo com vivências únicas, há sentimentos que se conectam, há angústias

⁴⁴ Música da banda Grave Digger, lançada no álbum de mesmo nome.

que se transformam em revolta, euforia e tristeza, desejos e liberdades suprimidas, um compartilhamento de emoções que interliga os *headbangers* fortalecendo seus vínculos. Um exemplo é a tristeza que Robert pode compartilhar durante um desses shows,

Eu fui no show do Katatonia e já tem esse âmbito muito “depre”. Mas velho, foi uma “depre” de uma vivencia única. Foi uma reação forte e eu olhava para o meu amigo e ele tem uma relação forte com a banda, ele estava em prantos e ele é um amigo meu de muitos anos, muito difícil você ver o cara chorando. A galera em prantos e de algum modo, bêbado, eu encontro um cara do Rio de Janeiro e o cara me fala “Sabe por que curtimos Katatonia? Por que de algum modo estamos todos fodidos, ninguém vem curtir Katatonia por que não está fodido”.

Há diversos motivos, tristeza, angústia, depressão, uma sensação de “não-pertencimento”, mas o sentimento naquele momento era o mesmo, indivíduos de vivências únicas que viam seus sentimentos compartilhados durante o show, de um modo que Robert expressou como “um momento de vivencias compartilhadas”, a ligação do grupo nesse instante ganha força na empatia, o *headbanger* se identifica com seus “iguais” e reafirma seu local de pertencimento. É claro que nem todo show carrega sentimentos melancólicos, no geral, as experiências vivenciadas têm uma forte ligação com um sentimento de liberdade, onde os desejos e anseios reprimidos no dia-a-dia dão lugar a uma onda de dopamina e adrenalina, que durante o show se converte no *mosh*, ou no balançar de cabeça tão característico. No momento do show não há valores a seguir, não há coerção de comportamentos, só há energia, frenesi e uma identificação que independe de palavras. Com as experiências dos interlocutores, foi possível demonstrar que, as disposições fracas, frutos da supressão dos desejos, da negação dos conflitos ou em congruência com o esperado socialmente, podem levar a um declínio da identidade *headbanger*. Também foi possível demonstrar que essa identidade pode se reconstruir e “amadurecer” mesmo em indivíduos de disposições fortes, que buscavam no conflito ou na luta por marcar seu espaço sua forma de vivência. O debatido, e também experimentado pelos interlocutores é que o “amadurecimento” seria a aceitação da “realidade” e das diferenças, mantendo as características subversivas da identidade, assim suas fortes disposições permaneceriam

canalizadas para um posicionamento crítico perante a sociedade, mas ao mesmo tempo se afastaria das práticas intolerantes e dogmáticas que permeiam a juventude dos *headbangers*.

Há também a existência de indivíduos que negam essas características, o que teria conduzido alguns *headbangers* a aceitarem as velhas condições dessa sociedade e assumirem seu estigma apenas como uma grife, um símbolo que foi transformado e moldado pela indústria cultural. O *headbanger* anti-subversivo ou o “metaleiro” torna-se apenas o consumidor de um estilo, sua vivência não se baseia no conflito, suas disposições se tornam fracas e correlatas a da maioria, sua existência, agora aceita e transformada, se enquadra então no que é socialmente aceito. Os *headbangers* “domesticados” assimilam características da sua identidade rebelde, como a vestimenta, ou a aparência, mas para-se por aí, a identidade *headbanger* desaparece, ficando apenas o estilo *metaleiro*, onde o discurso e o enfrentamento deixaram de ser condicionantes de suas disposições. Possivelmente essa seja a origem de um imaginário que apresenta o *headbanger* como conservador, mas essa imagem é apenas uma generalização, são características de alguns “metaleiros” que são transferidas ao grupo do mesmo modo que seu estigma. Janotti Junior ainda argumenta que, “Talvez seja essa diferença que faz do *Punk* um movimento ligado ao anarquismo e bastante politizado, enquanto o *Metal* lida com elementos de todas as classes sociais, sem exigir um posicionamento mais crítico diante da sociedade” (JANOTTI, 1994, pg.30). Assim, fica claro que diferente de suas origens, parte dos *headbangers* modernos assumem sua identidade apenas como uma marca, uma forma de manter sua aparência “rebelde”, mas que assumem muitas vezes um posicionamento correlato com a sociedade sobre diversos assuntos, o que conduz a uma nova identidade e que denominei *metaleiro*, um indivíduo que abraça velhas normativas contrapondo-se ao movimento subversivo contemporâneo. O *metaleiro* se inspira na rebeldia, mas nascido e domado na indústria cultural torna-se uma besta disciplinada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AC/DC, Highway to Hell, **Highway to Hell**. Miami/Londres, Atlantic Records: 1979.
- AC/DC, It's a Long Way to the Top, **T.N.T.** Sydney, Albert Studios: 1975.
- AVRITZER, L., DOMINGUES, J. M. **Teoria social e Modernidade no Brasil**. Editora UFMG, 2000.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a BeEduardoetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BLACK SABBATH, Children of the Grave, **Master of Reality**. Birmingham, Vertigo: 1971.
- BLACK SABBATH, Into the Void, **Master of Reality**. Birmingham, Vertigo: 1971.
- BLACK SABBATH, N.I.B., **Black Sabbath**. Birmingham, Vertigo: 1970.
- BLACK SABBATH, Snowblind, **VOL. 4**. Birmingham, Vertigo: 1972
- BLACK SABBATH, Sweet Leaf, **Master of Reality**. Birmingham, Vertigo: 1971.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 14º ed. Editora Bertrand, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986
- BRONCKART, Jean-Paul e SCHURMANS, Marie-Noëlle, 2001. “**Pierre Bourdieu – Jean Piaget: habitus, schèmes et construction du psychologique**”. In LAHIRE, Bernard (org.), 2001. *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu. Dettes et critiques*. Paris: La Découverte.
- CATANI, A. M. **Pierre Bourdieu e seu Esboço de auto-análise**. *EccoS*, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 45-65, 2008.
- CARDOSO FILHO, J. L. C. **Caos, peso e celebração: uma abordagem do heavy metal a partir da noção de gênero midiático**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro, p. 01-14.
- DIO, We Rock, **The Last in Line**. Caribou Ranch, Warner Bros: 1984.
- FERNANDO, Miguel. **Maringá Histórica: Acervo histórico - Tribo's Bar**. <http://www.maringahistorica.com.br/2009/09/tribos-bar.html>, acessado em 18 de maio de 2018.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GRAVE DIGGER, Heavy Metal Breakdown, **Heavy Metal Breakdown**. Berlin, Noise: 1984.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.
- HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IRON MAIDEN, Different World, **A Matter of Life and Death**. Londres, EMI/Sanctuary Records: 2006.
- IRON MAIDEN, Ghost of the Navigator, **Brave New World**. Londres, EMI/Columbia: 2000.
- JACKS, N. **Mídia Nativa: indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- JANOTTI JUNIOR, J. S. **666 The number of the beast: alguns apontamentos sobre a experiência simbólica no heavy metal**. Textos de cultura e comunicação, Salvador, v. 39, n. 39, p. 97-112, 1998.
- JANOTTI JUNIOR, J. S. **Heavy Metal: O universo tribal e o espaço dos sonhos**. – Campinas: Unicamp, 1994.
- JUDAS PRIEST, Breaking the Law, **British Steel**. Birmingham, Columbia Records: 1980.
- JUDAS PRIEST, Living After Midnight, **British Steel**. Birmingham, Columbia Records: 1980.
- KREATOR, Violent Revolution, **Violent Revolution**. Essen, Steamhammer Records: 2001.
- LAHIRE, Bernard. **Dossiê: Bernard Lahire** –Ricardo Visser, Lília Junqueira Organizadores – Belo Horizonte, Editora UFMG, 2017.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais**. – Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, Bernard. **Utilité: entre sociologie expérimentale et sociologie sociale**. Paris, La Découverte, 2002.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 4ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- METALLICA, Master of Puppets, **Master of Puppets**. Copenhagen, Elektra: 1985.
- MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas: Estudos Antropológicos sobre a cultura Material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- OZZY OSBOURNE, Dreamer, **Down to Earth**. Los Angeles, Henson Recording Studios: 2001.
- PINK FLOYD, Another Brick in the Wall, Parte I, II e III. **The Wall**. Londres, Harvest Records. 1979.
- RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. **Valores pós-materialistas e cultura política no Brasil**. Maringá: Eduem, 2011.
- SCHILLING, Voltaire. **América: a história e as contradições do império**. – Porto Alegre: L&PM, 2004.
- SILVA, Wlisses James de Farias. **Incômodos perdedores: o heavy metal no Brasil na década de 1980** – São Paulo: USP, 2014.
- SOCIOLOGIAS, **Entrevista: Bernard Lahire** Porto Alegre, ano 17, no 38, jan/abr 2015, p. 280-302.
- STEPPENWOLF, Born to be Wild, **Steppenwolf**. Toronto, Eduardo Mekler: 1968.
- URIAH HEEP, The Wizard, **Demons & Wizards**. Londres, Lansdowne Studios: 1972.
- VASCONCELOS-OLIVEIRA, Maria Carolina. **Dois modos de pensar os determinantes da prática ou do consumo cultural na sociologia: Pierre Bourdieu e Bernard Lahire**. IV ENECULT, Salvador, 2008.
- VASCONCELOS-OLIVEIRA, Maria Carolina. **'Novíssimo' cinema brasileiro: práticas, representações e circuitos de independência**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-19032015-172224. Acesso em: 2018-05-05
- WOODSTOCK, disponível em <http://www.woodstock.com>, acesso em: 21 maio 2017

Apêndice A

Entrevista com Robert e Jaime

Flávio: Conte-me sobre você, qual sua história? Como você acha que começou o seu gosto pelo heavy metal?

Robert: O fato de eu ter um irmão mais velho e viver rodeado por amigos mais velhos desde minha infância, eu era muito influenciado pela dinâmica própria desses colegas do meu irmão e pela rede de relações que ele tinha. Então eles gostavam de tal futebol, os caras curtiam determinado tipo de música que na época era voltada para um dance, os caras falavam sobre mulheres por exemplo, então tudo isso me influenciou muito assim na minha adolescência, principalmente no começo da minha adolescência. Ai, é claro que o convívio meu assim, as relações estabelecidas com meus amigos, também com os amigos mais velhos, eles me deram também uma visão, uma perspectiva, muito assim de identidade. Em se tratar um pouco de música, por exemplo se os caras me apresentavam um pouco de rock n roll, me lembro que com onze anos meu primeiro contato com uma coisa de “rock”, que me chamou muito a atenção foi o álbum “nevermind” do Nirvana, com a música “smells like teen spirit”, pensei “caralho” velho, só que mesmo assim achei muito agressivo, nossa que bagulho pesado, essa guitarra, o que era esse bagulho. Me lembro que isso ao mesmo tempo foi um choque, mas também comecei a criar um elo de identificação. Acho que um pouco posterior a isso, a partir dos meus doze ou treze anos, aí já comecei a me incluir nesse tipo de movimento, meus camaradas falavam “não vei, tal bagulho é loco” e eu já fui criando um ciclo de identidade com isso. Só que é claro que com esse ciclo de identidade com o rock, foi muito interessante por que eu também não consegui estabelecer outros vínculos com outros meios, principalmente, não só musicais, mas até com a superficialidade com que as pessoas lidavam com determinados pontos. Por exemplo, as pessoas só falavam de futebol, mulher, coisas muito padronizadas e parecia muito superficial e esse tipo de coisa, desde de minha pré-adolescência me incomodava muito, eu pensava, porra velho só existe esse tipo de contato, só existe este tipo de diálogo, só existe esse tipo de coisa? Então, esses meus camaradas mostravam esse outro tipo de perspectiva da realidade tá ligado, então acho que isso me chamou muito velho, a música em si tá ligado, o rock não só me chamou em uma questão de identidade com determinado grupo, mas também para mostrar velho, não existe só esse caminho, não existe só essa coisa, tem isso aqui velho. Além disso, era um mundo que me identificava com um lado meio sombrio da existência que eu não queria reconhecer, mas que existe dentro de mim, são coisas que me levaram também a psicologia. Eu pensava, o mundo não é esse sorriso, o mundo não é só Xuxa, bem astral, em que as pessoas têm que ficar só sorrindo tá ligado, falei “o caralho, se eu estou puto eu tenho que mostrar que eu estou puto, se estou triste tenho que demonstrar minha tristeza”. Então essa identificação com o rock me prendeu por que ele demonstra isso.

Jaime: E o rock e o Heavy Metal demonstram abertamente esse tipo de emoção, de sentimento.

Robert: Esse sentimento, essa emoção, que era como se eu tivesse essa emoção e não pudesse trazer ela à tona e a música me trouxe.

Jaime: A agressividade

Flávio: A agressividade é algo muito marcante do heavy metal, principalmente nos shows.

Robert: Aquele lugar, te dá sustentabilidade para que você possa mostrar aquilo, sem ser destrutivo. Por exemplo, você dá uma no cara (cotovelada) e ao mesmo tempo chega e abraça o cara para curtir o show. Tanto que um dos pontos mais marcantes para mim, com treze ou quatorze, eu já tinha começado a deixar meu cabelo crescer, tive contato com minha guitarra e aí foi minha paixão, eu digo “não mano, eu quero é tocar guita mesmo, ser bom pra caralho nesse bagulho, quero me dedicar”. Me identifiquei com a coisa, com o instrumento, daí comecei a me envolver mesmo. Aí lembro até hoje quando eu fui nos primeiros shows de, pode-se dizer rock, foi eu e uns camaradas, onde só tinha aqueles tipos de pessoas, tipo cabeludos que se identificavam com aquele estilo de música, foi uma balada grunge e eu lembro até hoje que conheci uma cara aleatoriamente, a gente se abraçou e começou a mexer a cabeça para caralho e ficamos bêbados juntos, trocando várias ideias e eu falei “mano, eu entendo seu espírito e você está entendendo o meu”. Existe uma identificação aqui, que não se reconhece necessariamente pela linguagem, tem alguma coisa aqui, tá ligado, então aquilo me chamou muito. Então é até engraçado falar, mas eu com meus quatorze anos me identificava muito com o Kurt Cobain, muito tá ligado, ele era uma pessoa que eu idolatrava para caralho e ele era um cara que tinha se suicidado, um cara que viveu muita coisa pesada na vida, mas eu tinha aquela coisa meio adolescente, como se fosse assim, “vei, aquela coisa que eu fantasiei em minha infância perfeita, não é assim a realidade”. Aí, você tem aquela identificação com um cara que mostra para você que o mundo as vezes é uma merda, o mundo as vezes é pesado, ele é ruim. Só que assim, essa é a realidade, você tem que viver, está aqui. Então, ele era uma figura assim para mim, só que tem um período em que também me perguntei, quem é “Ricardo”, será que sou essa figura? Será que sou esse cara meio perdido, meio depressivo, será que sou amigável, sou uma pessoa boa ou ruim? Então teve essa mescla que a música me trouxe, por que ao mesmo tempo que ela trouxe uma identificação, mas ao mesmo tempo ela trouxe um choque na minha vida de realidade, tipo de mostrar outra visão, tipo eu posso dizer assim, fazendo uma analogia com o Matrix, eu poderia dizer que na minha infância eu vivia no Matrix e aí eu tomei a pílula vermelha quando me apresentaram o rock n roll, tipo choque de realidade, então acho que a identificação com a música me trouxe muito isso e é muito legal, se eu for atribuir hoje para minha vivência atual, eu tenho uma pira com música muito louca, que ao mesmo tempo tem época que eu me pego muito assim, querendo voltar a tocar guita com muita determinação, escutando muita música, aí tem períodos que eu falo assim, não mano, cansei muito de ouvir música, vou escutar uns bagulho mais zen, foi ficar de boa, nem vou tocar tanta guita, então eu acabo vivendo extremos com a própria música e eu acho muito interessante.

Flávio: E você Jaime, como foi sua introdução a esse universo?

Jaime: Foi quando eu comecei a escolher, lá pelos doze ou treze anos, começo da adolescência. Me lembro que quando eu era criança, minha mãe gostava muito de MPB e uns rocks clássicos,

então quando eu era criança ela já me apresentou Pink Floyd, Queen, Beatles, esses rocks mais normazinhos e eu fui por esse viés, desde novo eu já gostava de uns sons assim, não era heavy mas era rock, assim nunca tive atração por outros estilos. Aí, quando eu tinha uns doze, treze anos começou com uns sons tipo Linkin Park, Slipknot, que eram os sons que estavam rolando. Daí foi isso, comecei a ouvir essas bandas, não eram bem um Heavy Metal ainda, mas foi onde eu conheci e comecei a escutar, eu já me identificava com esse lance da revolta, do subversivo, bem isso que o Potato falou, aquele lance de sair da infância e ir para outro momento, uma identificação com algo que traz emoções diferentes. Que não eram sonzinhos simpáticos e bonitos.

Flávio: Fugir um pouco da ideia de vida perfeita.

Robert: É, isso é certo e ou errado, se você seguir aqui, você vai ver Deus, se seguir aqui não pode e você fala “quero abrir aquela porta da sombra para ver qual é”.

Jaime: Que é uma noção (de que tudo é perfeito), que se você teve uma família bem estruturada igual eu tive, você tem também, você passa a infância acreditando que a vida é tranquila, de boa, por que tivemos uma boa estrutura familiar ali. Mas daí, nesse ponto, junto com a música veio também esse choque de realidade.

Flávio: Falando em luz e sombra, vocês são religiosos?

Jaime: Minha família é católica, sempre foi, minha mãe é uma católica espírita, ela não é muito religiosa, de ir para igreja, de cultivar ou fazer “parte” da religião, mas ela me ensinou a rezar, a “ser uma pessoa que crê”. Mas, nesse momento que eu comecei a ter minhas próprias ideias, que também coincidiu com o momento musical, foi um momento que eu também comecei a questionar isso aí, então eu não me consideraria uma pessoa religiosa, nunca, mesmo por que como eu falei, minha mãe não era uma pessoa que frequentava, então eu não fiz catequese, não fiz crisma, essas coisas, mas eu acreditava.

Robert: Se eu for falar de mim, meus pais frequentam igreja até hoje. Meu pai e minha mãe cantavam em igreja, tocavam, sempre se envolveram muito, então de certa forma assim, eu fiz catequese, fiz crisma, eu já convivi com pessoas que falavam de renovação carismática, mas é claro que eu não vou criticar a renovação em si, mas há pessoas que seguem um padrão um pouco exagerado demais no meu modo de ver. Mas eu já fui com uma camisa daquele álbum “in utero” do Nirvana, com um anjo e a catequista lá, olhar para mim e falar “pelo amor de Deus, você não pode usar isso” e o pai dela olhar de cima para baixo e criar aquele estereótipo absurdo do tipo, não use, vai queimar, você vai para o inferno. Claro que na minha pré-adolescência você ouvi isso e fala “porra velho” que foda, mas ao mesmo tempo que eu achava foda, eu achava cômico, falava “ah, vá se foder velho de bosta”. Aí, uma vez eu cheguei assim e me falavam que se eu bater uma eu ia queimar no inferno, aí pensava, ah para mano, qual é, nem fodendo. Mas eu já fiz parte disso, já fui em movimentos que, na realidade era um encontro religioso que os caras faziam lavagem cerebral.

Jaime: Você tem alguma crença hoje em dia?

Robert: Cara, hoje eu tenho uma crença muito diferente. Tanto que o conceito que eu conheço de religião para mim é o conceito de “religare”, o ligar-se a algo, algo que é propenso para o ser humano se desenvolver.

Jaime: Mas não que seja religioso?

Robert: Não que seja da forma religioso do senso comum. É uma coisa muito mais pessoal de vivência e eu acredito que essa vivência é muito diferente do que um símbolo qualquer pode representar por si só. Hoje você vê muito simbolismo religioso e muitas possibilidades de reconhecer seu caminho, mas o caminho é teu, busca o teu.

Jaime: Eu acho muito interessante na questão da música, por que a música expressa isso também, no Heavy Metal. O Metal expressa esse movimento de ter o teu, de procurar a sua crença, de procurar a sua ligação.

Robert: É até engraçado, por que se você for pegar o conceito de satanismo, por incrível que pareça, ele demonstra muito isso. Satanismo não é aquela concepção religiosa de “vamos seguir e queimar igrejas na Noruega”, tem concepções satanistas que fala assim, “vei, seja independente e busca o teu, para de só ficar lá e alguém ter que fazer por você”.

Jaime: É o movimento satanista que criou uma instituição é um movimento que prega si mesmo.

Flávio: Nesse sentido a religião seria uma muleta para deixar as coisas como estão?

Robert: O que importa é o after-life está ligado, essa vida é uma merda mas se eu rezar bem eu vou me salvar. É o caralho, por que eu não posso modificar minha vida aqui? A realidade está imposta, mas isso não quer dizer que eu tenha que ficar lamentando e buscando em alguém, eu tenho que assumir a responsabilidade da minha vida e dos caminhos que eu escolho e isso é um dos fardos mais pesados para o ser humano.

Jaime: Isso é interessante por que o Heavy Metal tem uma pegada nesse sentido.

Robert: Sabe um dos conceitos que eu acho mais foda do Heavy Metal, associando com esse conceito de religião, é que o Heavy Metal me traz uma perspectiva, não só o Heavy Metal, mas o rock n roll como um todo, é ver o lado positivo da agressividade. É como se fosse o bom no ruim.

Jaime: Concordo.

Robert: Você tem uma coisa pesada, mas não quer dizer que seja ruim. O bagulho pode ser o bom do ruim. Isso não me traz necessariamente algo ruim, pelo contrário, está me esclarecendo algumas coisas.

Jaime: Se expressa que nesse momento eu estou com raiva.

Robert: Nesse momento eu estou com raiva, por que eu não posso ter raiva? Se nesse momento eu quero escutar um negócio meio perturbador, por que eu não posso me perturbar? Parece um paradoxo, mas é um paradoxo que completa a busca do ser humano.

Jaime: Faz muito sentido, por que além da questão da religião, o Heavy Metal vai para outros tabus, sexo.

Robert: Drogas, rock n roll

Jaime: Suicídio.

Robert: Pior que você falou uma coisa que eu acho muito foda, suicídio é um tabu muito “cabuloso”, mas se você deixar a moralidade de lado um pouco, será que você não passa a dar mais valor na sua vida, quando você pensa na possibilidade da sua morte? E ela ganha um outro significado quando você pensa, velho será que minha vida está valendo ser vivida dessa forma? Particularmente eu posso falar, quantas vezes eu já passei por momentos de pensar, será que minha vida está valendo a pena? Será que não vale mais a pena morrer? Já passei, eu já tive crises existências voltadas para isso. Só que hoje, hoje eu sou uma pessoa que já tive essas crises e falar que essas crises foram ruins, elas não foram, só passa por uma forma simbólica de como eu quero ver esse fenômeno. Esse fenômeno ele foi fundamental para a construção do que eu me tornei e para o que eu quero me tornar. Nem de tudo é ruim.

Jaime: Exato e no rock e no Heavy Metal aborda-se temas como suicídio.

Robert: Aborda-se temas pesados.

Flávio: **É difícil encontrar realmente alguma música de heavy metal que esteja falando como a vida é maravilhosa.**

Jaime: Eu arrisco a dizer que é um dos únicos estilos musicais que abordam temas pesados como o suicídio.

Robert: Eu posso falar assim, o Doom metal, o Death Metal. Eu acho engraçado quando eu converso com uns camaradas meus e falam assim, “velho, se sente esse bagulho Potato, esse bagulho manda real mesmo tá ligado, bagulho mostra a realidade, esse bagulho vei”. Por que que é uma característica humana mano, você está falando de uma essência, que não é, digamos assim, é como se o próprio organismo tivesse uma tendência em reconhecer que um dia ele vai se finda, ele vai acabar.

Flávio: **O que vocês sentem com a música? Já tiveram alguma experiência legal para contar de algum show ou momento marcante?**

Jaime: A música é como uma droga, a música propicia emoções que são como as drogas, ela traz a multidão, dá uma energia e isso é uma coisa que no dia-a-dia é útil. As vezes estou com um humor mais rebaixado, pego uma música para ouvir, já melhora meu dia.

Robert: Fica elétrico.

Jaime: Já vou para luta, melhora a autoestima para o dia.

Robert: Então, a relação que eu estabeleço com música, é claro que ela sai um pouco do Heavy Metal, eu particularmente teria que falar de várias.

Jaime: Eu também.

Robert: Tem músicas que mexem muito comigo, tem músicas que mexem até mesmo com emoções muito pesadas. Mas posso falar de uma música em si, do Heavy Metal, que é muito “calminha” mas ela mexe muito com minhas emoções, uma música do Ozzy que chama Dreamer. Essa música, até mesmo hoje, eu ouço ela e ela me arrepi. Eu já chorei ouvindo essa música. Aquele momento que você pensa, “nossa que música pesada”, mas era um choro de alívio. Chegou uma hora que eu percebi que nunca havia prestado atenção na letra, mas quando eu vi, aí eu fui aos prantos. Pesada. Só que não necessariamente, assim podemos falar de tristeza, só que minha perspectiva de tristeza seja algo só pejorativo. Tristeza pode significar muitas coisas, assim como o sofrimento. Sofrimento não necessariamente é algo que te causa dor, pode ser algo que te paralisa para refletir sobre as coisas. Então há concepções e simbolismos a respeito das palavras que dizemos. Então tenho uma concepção de analisar uma parte mais abrangente da coisa. Mas com certeza, tem músicas de Metal que eu ouço e falo “meu deus do céu”, me arrepi até o cabelo do ... e me traz uma adrenalina, só que as vezes, eu como psicólogo posso dizer, já chegou a me dar uma adrenalina que supera o âmbito da consciência, de eu não conseguir assimilar os sentimentos que estava sentindo.

Jaime: Uma euforia.

Robert: Eu não consigo assimilar o que estou sentindo e a música as vezes me traz muito disso.

Jaime: Principalmente em contexto de show. Em performances ao vivo.

Robert: O último show que eu fui, foi marcante, foi um Show do Katatonia, foi em um momento meio pesado, onde eu e minha atual namorada estávamos em uma crise. Sabe aquele, namora ou não namora, gosta ou não gosta e eu fui no show bem no dia que tivemos aquela conversa bem aberta, mas pesada.

Jaime: E você foi em um show de Doom.

Robert: Ai eu fui no show do Katatonia e já tem esse âmbito muito “depre”. Mas velho, foi uma “depre” de uma vivência única. Foi uma reação forte e eu olhava para o meu amigo e ele tem uma relação forte com a banda, ele estava em prantos e ele é um amigo meu de muitos anos, muito difícil você ver o cara chorando. A galera em prantos e de algum modo, bêbado eu encontro um cara do Rio de Janeiro e o cara me fala “Sabe por que curtimos Katatonia? Por que de algum modo estamos todos fodidos, ninguém vem curtir Katatonia por que não está fodido”. Daí eu pensei, “meu deus velho, muito real”. É uma realidade que ultrapassa muito a minha concepção de consciência da coisa, foi muita assimilação de várias coisas aleatórias que coincidiu com aquele momento em que eu pensei “isso é um momento sagrado”. Por que era um momento de vivências compartilhadas que estava demonstrando a realidade do fato. Esse para mim foi um momento único.

Flávio: Já indicaram algumas músicas ou bandas para amigos que não gostavam de Heavy Metal?

Jaime: Com certeza.

Robert: Com certeza, de falar “vou mostrar um negócio que você vai gostar, antes de seu preconceito”. Assim, você vai escutar um gutural, daí tem uns brother meu que nunca escuta gutural, daí você fala “escuta esse bagulho”, aí eles falam “o velho, mas esse bagulho é errado, não sei o que”. Eu posso estar sendo preconceituoso no que eu vou falar agora, mas assim cara, as pessoas podem falar muito que elas são ecléticas, mas a partir do momento que você mostra um gutural pesado que o cara está urrando, elas tendem a ter preconceitos. Eu falo, aqui vai morrer, aqui você vai ver que não é eclético. Por que as pessoas têm tendência de falar “por que você é roqueiro, você não gosta de nada fora disso”. Mas eu quero ver, eu duvido você escutar isso aqui que eu escuto. Então você mostra esses Metal, mais voltado para um Death, que o vocalista está lá urrando ao extremo, as pessoas têm uma tendência, não querendo generalizar, mas um padrão que eu particularmente vejo, é que as pessoas têm preconceito e principalmente assimilar que é uma coisa muito ruim. Mas é muito legal quando você mostra para uma pessoa e fala “velho pera, flagra”. Já aconteceu de eu mostrar para meus amigos o meu Opeth.

Jaime: Opeth é quase uma dança, é um passeio no Mary go round. rs

Robert: É, Opeth tem uma ou outra música que é um gutural, mas não é nada demais perto do que eu já ouvi. Então se você chega para seus amigos, mostra uma música do Opeth, bem gutural, daí os caras ficam com o pé atrás.

Jaime: Eu tive muito isso com minha ex-namorada, ela gostava de rock, ela tinha uma tendência a gostar por causa do irmão, mas ela não conhecia e eu mostrei muita coisa para ela.

Robert: Assim, eu sempre tive uma convivência em relação a isso muito recíproca, de mostrar som para meus amigos, mas também de receber muita coisa. As vezes eles chegavam “O Potato, escuta esse bagulho, você pode não curtir muito da primeira vez, mas escuta melhor”. Eu tive isso com uma banda, Pain of Salvation, um amigo me mostrou, falou vamos ouvir essa banda, ouvir direito, com o tempo eu estava muito gamado. Só que a pira do cara do Pain of Salvation, do Gildenlöw, o cara tem umas piras muito boas, o cara pegou uns pensamentos muito mais complexos sobre a vida, deus e outros fatos. Tem um álbum do Pain of Salvation que chama “be”. O que é ser? O cara faz uma reflexão sobre o ser em um álbum temático, o cara fala desde o surgimento da espécie humana, da evolução até uma perspectiva do que o humano está propiciando e o que ele quer ser.

Jaime: Não conheço esse som, me passa esse som aí. Manda lá. Está rolando o compartilhando de música no momento da entrevista rs.

Robert: Um dos momentos marcantes da banda para mim, foi que o Gildenlöw compôs uma música para o filho dele que ele viu nascer morto. Só que a música, simbolicamente, ela é perfeita, na composição, na harmonia. “Eu nunca vou ver seu rosto, mas nunca vou deixar de ama-lo. Eu te vi parindo a bordas de sangue, mas eu reconheci em você minha essência”. O

cara pegou a representação de uma vivencia dele e conseguiu compor uma música simbolicamente foda e absurdamente pesada. O cara trouxe algo, essencialmente foda, mas ao mesmo tempo ele compôs algo com isso, ele trouxe a emotividade, uma música que as vezes me paralisava, por que você se sensibilizava com aquilo que o cara vivenciou.

Jaime: Arrepio total e rola uma identificação de alguma vivencia sua, que você coloca ali também e que faz sentido.

Robert: É muito louco, tem identificações, tem vivencias que a gente não consegue compreender, mas ao mesmo tempo tem uma relação me parece de empatia. É como se você estabelecesse uma troca em que você não está na pele do cara, mas você entende por que é humano. Você faz parte dessa espécie, está em seu DNA. Então assim, Pain of Salvation foi uma banda que marcou muito a minha geração, Symphony X. Assim, meu período metal começou em 2001, quando os caras me apresentaram metal e eu formei banda com meus 14 ou 15 anos. Daí assim, eu sai do grunge e fui para o metal, ai conheci muitas bandas, mas lembro que na minha adolescência, lembro que até meus 19 ou 20 anos, Symphony X, Pain of Salvation, que mais, tipo Angra.

Jaime: Thrash?

Robert: Thrash eu não escutava muito, mas eu gostava. Metallica, Megadeth, algumas coisas, Ozzy, mas eu lembro do Metal Melódico, Stratovarius e eu não sei se vocês conhecem ...

Jaime: Sonata Arctica

Robert: Sonata Arctica é demais.

Jaime: É um dos melhores

Robert: Tanto que tem aquela música, qual o nome... pain of alguma coisa, lembro que o clipe eles estão na neve, essa música me marcou muito em um período que passei na vida. Sabe, pensando agora, as vivencias que eu tive com músicas em períodos específicos da minha vida foram coisas marcantes. Às vezes eu estou passando por um momento, daí escuto uma música, vou pegar a letra e penso “caralho faz muito sentido com o que eu estou passando”.

Jaime: Cara, tem vezes que você escuta uma música, ela te marca, você não sabe do que fala a música, mas quando você pega a letra você vai ver e faz total sentido com seu momento que você está passando.

Robert: Isso com o rock n roll, comigo em particularmente aconteceu muito, muito mesmo. De músicas representarem muitos momentos que estou passando em minha vida. Eu falo do rock em maneira geral por que não é necessariamente somente com o heavy metal.

Flávio: Até por que somente do Heavy Metal saíram 42 vertentes, são muitos nomes que derivam inicialmente do rock n roll.

Robert: Nossa, eu já escutei muita coisa de dentro do Heavy Metal, desde power, apesar de eu não ter me identificado muito, talvez o Angra se você considerar o Angra power metal, mas eu tive uma época de muito melódico, principalmente com Sonata.

Jaime: Qual a diferença entre Heavy Metal Melódico e Power Metal? Para mim é a mesma coisa.

Robert: Cara, não sei;

Flávio: Para mim o Power sempre foi mais alegre rs.

Robert: rs alegre. Então, é foda.

Jaime: Você considera o Sonata melódico não power?

Robert: Se for parar para pensar, ele tem um pouco da agressividade do Power, principalmente pela batida da bateria, que marca tudo, bem rápida.

Jaime: Blind Guardian, você acha que é mais Power ou Melódico?

Robert: É mais Power na minha concepção, por que ele é um pouco mais agressivo. O melódico ele tem uma característica, por exemplo, o Angra eu considero mais Power do que Melódico, o melódico, como posso dizer, ele é mais meloso, ele quer tocar seu coração.

Jaime: Olhando por essa perspectiva o Power ele é mais épico. Uma fantasia.

Robert: O melódico ele tem aquela coisa de querer tocar seu coração, umas melodias marcantes, uns vocais mais altos. “Tocou meu coração está ligado” rs. Não em um sentido de melancólico, pejorativo, mas no sentido de isso me tocou. É emoção.

Flávio: **Por causa dessas categorias, existe uma certa divisão dentro do grupo, por exemplo, das pessoas que gostam de Thrash, outras de melódico, Power. Já passaram por alguma situação de serem taxados de posar por curtirem alguma banda ou estilo específico?**

Robert: Acho que na adolescência, por causa dessa coisa de identificação, você acaba se situando em um grupo.

Jaime: O adolescente curte os rótulos né. Criar umas categorias, para dizer eu faço parte disso ou daquilo. A minha identidade é essa, então defender esse rótulo.

Robert: Bom, falando agora como psicólogo, o Freud tem uma obra chamada “a identificação com os pequenos grupos narcísicos”, se você não se identifica com um grande grupo narcísico, se fala, “oh eu sou burguês por que eu tenho esse carrão, uma casa grande”, você vai criando grupamentos e fala meu lugar é aqui.

Jaime: É importante para o ego.

Robert: Então na minha adolescência eu falava “eu curto um rock, então eu sou melhor que você por que eu curto rock e sabe por que eu curto esse som, por que minha capacidade emocional de assimilar a música é muito melhor do que você”.

Flávio: O Heavy Metal tem essa pegada meio elitista.

Jaime: Sim, um lance meio “intelectual”.

Robert: Sim, acho que não somente intelectual, mas quando comecei minha jornada, escutando mais prog, na minha fase assim, adolescente, mas já voltando para umas coisas mais adultas, digamos assim um pré adulto, eu comecei a pegar muito heavy metal, mas assim um prog metal. Aí eu falava assim, “Ah eu escuto prog metal sabe por que? Por que eu sou mais inteligente” rs. Eu tinha essa coisa muito clara.

Jaime: rs é uma idade complexa.

Robert: É complexo, por que nessa assimilação fácil de música, bem padronizadas, aquele padrão 4x4, então a coisa está aqui, o refrão vai acontecer nesse momento, “bla bla” e fim. Uma coisa bem assim, padrão, que todas as músicas seguiam. Então eu falava, “não velho o prog é uma coisa que você não esperava” muito imprevisível. Então ele quebra muito, você sai de um padrão musical básico para um estilo que quebra muito.

Flávio: O progressive causa dissonância, se você não está preparado para ele, você não consegue escutar.

Robert: Exatamente, só pelo fato de trabalhar com a dissonância as pessoas tendem a ignorar e voltar para o padrão. Aí eu falava, “Sabe por que eu sou foda, por que eu entro na dissonância e eu consigo ver uma bela coisa sendo feita ali”. Então de certa forma isso inflava o ego um pouco.

Jaime: É bem isso, as pessoas estão muito acostumadas com refrão, músicas estruturadas e ser capaz de escutar esse estilo de música progressive, nesse sentido, dá um boost para o ego. De você se sentir superior.

Robert: Sim, em vários momentos eu dava esse boost para o ego exatamente por que eu escutava esse tipo de coisa rs. Hoje eu tento diferenciar um pouco, mas eu não posso deixar de lado meu narcisismo, se eu consigo assimilar músicas mais complexas que a maioria das pessoas eu me sinto mais inteligente rs eu não posso deixar isso de lado.

Jaime: É isso é FATO rs.

Robert: rs isso não se restringe necessariamente ao Heavy ou Prog, mas quando eu escuto jazz ou outros tipos de músicas que saem um pouco desse padrão, principalmente falando da realidade brasileira, eu me sinto uma pessoa muito melhor. Sem brincadeira, hoje eu ainda vejo que existe uma decadência relacionada com a música, objetificação maciça, por exemplo com o funk ou sertanejo.

Jaime: Funk ostentação.

Robert: Hoje acho que o funk está pior do que o sertanejo universitário, se a uns dois ou três anos o sertanejo estava no seu ápice, parece que hoje está se voltando muito para o funk.

Jaime: Verdade.

Robert: Cara, se a música está sendo muito pautada no funk é que a música fala muito da realidade condizente com o que o ser humano está vivenciando, a música ela representa muito. Acho que esse elo não tem como romper.

Jaime: Mas essa música, ela é uma música de consumo. É uma mercadoria.

Robert: É uma música de consumo, mas ao mesmo tempo ela se torna popular, por que uma massa condizente da população se identifica com essa coisa, com esse momento. Pelo menos essa é minha perspectiva. Então, se eu escuto uma coisa muito melhor que esse padrão, quer dizer que eu estou muito melhor que esse padrão, não é certo falar isso, mas me sinto um ser humano melhor rs.

Jaime: É que a interpretação que surge a partir disso é algo que não requer muita análise, não requer muita abstração. É uma coisa simples, superficial.

Robert: Exato. A partir do momento que você não tem muita assimilação das coisas, a partir do momento que você não tem uma questão reflexiva, sem análise dos fatos, isso já demonstra que você tem uma inteligência, digamos assim, inferiorizada nesses aspectos.

Jaime: É uma superficialidade e eu concordo quando você diz que rola uma identificação, nesse sentido da forma, no sentido do superficial, mas eu tenho uma dificuldade muito grande de pensar que no dia-a-dia as pessoas se identificam com o que o funk fala, “ah novinha é terrorista”.

Robert: Eu não vejo essa identificação em relação somente a letra, mas do próprio ritmo, simples e feito com o mesmo padrão, não sei muito disso. Então são coisas muito empobrecedoras. Então a dinâmica das próprias letras, a dinâmica dos próprios ritmos são, digamos, pobres. Então são coisas de uma fácil assimilação, você não precisa entender de música para assimilar de forma simples.

Jaime: Sim, é muito simples, não tem profundidade.

Robert: Então a questão assim, da minha crítica a respeito disso é exatamente essa, a música te dá uma perspectiva ou uma linguagem. Por que a música em si é uma frequência de energia que ela possibilita uma concepção de uma linguagem que não necessariamente as palavras em si emitem. Mas para você assimilar, quer dizer que você precisa se esforçar para assimilar e você pegar uma música com uma certa profundidade em um primeiro momento ela é difícil de assimilar, mas quando você entende é uma música que mexe com você. Não sou um expert em música, mas se você pega os campos harmônicos, maior e menor, pode se tornar muito fácil fazer assimilação independente se você tem conhecimento musical ou não. Quando você entra em uma concepção mais de minuta, dominante de minuta, você vê que ele soa estranho,

independente do seu conhecimento em música, é dissonante, mas quando você consegue assimilar você abre outras portas.

Flávio: Para você o Heavy Metal é música ou também atitude?

Robert: Cara, opinião própria, dependendo de como você se envolve com o Heavy Metal ele pode ser até perigoso. Por que, você não cria somente um vínculo com o Heavy Metal, mas você se aliena naquele própria vínculo que você estabelece. Por que você pode até se fechar em uma coisa e julgar as coisas que você acha ruim, mas você não vai se observar enquanto está fechado naquilo. Então assim, para mim você se alienar no Heavy Metal é tão ruim quanto se alienar no sertanejo por exemplo.

Jaime: Sim, é uma coisa que gera muito preconceito. Por exemplo, o caráter subversivo dentro do Heavy Metal, mas ao mesmo tempo um conservadorismo exagerado que você dentro das pessoas que fazem parte do Heavy Metal. Há muito preconceito.

Robert: Sim exato, por que há um conservadorismo massivo, extremamente perigoso que pode se tornar tão preconceituoso quanto outras concepções. Do que adianta, por exemplo, uma pessoa, eu sou contra o Bolsonaro, por que ele é um asno, por que ele é um idiota, por que fala coisas padronizadas e superficiais, como alguém da corda para um cara que fala que “bandido bom é bandido morto” fazendo uma análise extremamente superficial da coisa, mas do que adianta ser um metaleiro e falar “isso aqui é o melhor que tem e se você não concorda vtnc você é um lixo”. Então ser um metaleiro ao extremo e aceitar essas concepções não é só perigoso, é burrice.

Jaime: Então, eu ia falar exatamente isso, não é só perigoso, é burrice, ignorante. Eu já passei por essa fase, não sei se você já, mas uma das fases de minha identificação com o Heavy Metal durante minha adolescência, foi justamente este, de me encontrar neste estereótipo e acreditar que aquilo era superior. Tudo fora daquilo era bosta, era lixo.

Flávio: Acredito que tenha muito haver com a adolescência e não necessariamente com o gosto particular.

Robert: Acho que essas coisas acontecem na adolescência por que é o lugar onde você quer criar e se identificar com alguma coisa, criar algo para você, então é muito comum as vezes você se fechar. Mas, hoje ao meu ver, é muito perigoso se você estende isso, posterior a adolescência. Por exemplo, um homem de 35 anos que se identifique massivamente com o Heavy Metal, daí o cara fala que o único lugar que existe é o Tribos, único lugar existe é não sei o que, único padrão que existe é esse padrão. Então acho que para um homem mais velho, acho que ele deve ter uma concepção mais abrangente da realidade, mais complexa, ao ponto que diga “é uma escolha sua gostar desse tipo de música, não é melhor nem pior”. Ter a maturidade de saber que a escolha é restrita à minha escolha. Isso para mim é maturidade.

Jaime: Eu ia dizer algo no mesmo caminho, além de ter a impressão que o Heavy Metal tem um lance jovem, não adolescente, mas jovem, um apelo a juventude.

Flávio: É Hormonal, um fluxo de revolta, violência, sexo e tesão.

Grossura: Isso e esse exemplo de estender da adolescência para a vida adulta, dos estereótipos da adolescência, ele tem um apelo para isso. Por que você percebe, você vê muita gente que fica presa no passado dentro do rock n roll, no Heavy Metal e as próprias bandas. Às vezes você vê né, no movimento de conservar, aquela coisa né, de não mudar o estilo, que os fãs né, muitas vezes eles piram quando uma banda não faz mais o mesmo estilo de som, de manter um status quo ali.

Flávio: **Metallica é um exemplo que perdeu fãs com suas mudanças, mas também ganhou novos fãs.**

Jaime: fãs de outros momentos.

Robert: A vida muda. Eu acredito assim, falando como psicólogo, se eu fosse estabelecer um padrão, é claro que vai partir para uma generalização errônea da minha parte em fazer uma análise selvagem talvez, mas esses tipos de fãs, que não aceitam as condições das mudanças e principalmente não vê que ele mudou, “ele tem 35 anos, mas está com aquela mentalidade de adolescente é a manutenção de um pensamento fruto de que ele não quer se tornar um adulto, que quer ficar preso na adolescência por que aquilo eu não quero mudar”. Então assim, as bandas têm que manter o mesmo padrão, eu tenho que manter o mesmo padrão, tenho que manter o mesmo estilo. Quando você é um ser maduro passa a entender que existem outras perspectivas e outras realidades que não necessariamente são ruins e as pessoas podem mudar, você pode mudar, as bandas podem mudar, qual o problema com isso.

Jaime: Mas eu tenho esse sentimento, de que o Heavy Metal propicia uma estagnação, uma manutenção do status quo, do tipo “está bom assim, não muda”. “A juventude é massa, o role é massa, vamos fazer isso para sempre”.

Robert: Tanto que existem muitas bandas que se popularizaram dentro do Heavy Metal que os caras tendem a não mudar a receita.

Jaime: Manowar

Robert: Por que sabem que se mudar a receita vai dar merda. Eles sabem que vai vir muito fã e críticas a respeito disso. Mas se for fazer uma análise é exatamente o que eu falei, esses fãs que não aceitam as mudanças, são exatamente esses fãs que não compreendem a maturidade da vida. As coisas mudam, se eu for falar por exemplo dentro do Opeth, assim como ouvi muitas críticas positivas, eu ouvi críticas negativas, por que eles foram os caras que deram um passo muito diferente do que eles faziam anteriormente. Por que lá em 2011 eles lançaram um estilo de som que era inspirado na década de 70 e o próprio vocalista deixou de fazer gutural e passou a fazer um vocal mais limpo. Daí a galera, assim, ao mesmo tempo que a galera da música falava “os caras criaram uma música conceitual muito avançada”, mas os fãs padrões falavam “o Opeth morreu”. Está bom, aquele Opeth morreu, qual o problema de outro nascimento? A vida em si é isso, constantes mortes e constantes renascimentos, então tem horas que as coisas devem morrer, mas não precisa morrer por inteiro. Não é por que minha banda preferida mudou que tenho que deixar de ouvir, não é por que o Potato de 19 anos “morreu” que eu preciso deixar

de escutar Metal, hoje eu escuto, mas a música tem uma conotação diferente de quando eu tinha 19 anos. Qual o problema? Somente quer dizer que eu amadureci.

Flávio: Consegue pôr em palavras o que mudou nessa conotação diferente? Por que as bandas são as mesmas, ou você não ouve mais?

Robert: Ah, acho que eu amadureci, o processo de amadurecimento condiz muito com o som que você escuta. Hoje eu escuto outros tipos de som, mas tem alguns clássicos que eu escuto até hoje. Mas por exemplo, não tem como eu ouvir “smell like teen spirits” e falar “nossa é um tesão do caralho”, eu respeito o fato de Nirvana ter uma influência em minha vida, mas é só respeito, uma nostalgia. Se me perguntar se eu pego um álbum do Nirvana, do Iron Maiden, do Sonata e escuto com o mesmo gosto? Não. Hoje tenho outras preferencias musicais, só que não quer dizer que eu não possa ter momentos nostálgicos e querer escutar, não tem problema nenhum. A questão é conseguir assimilar que a vida é feita de várias perspectivas e momentos.

Flávio: Você já sentiu alguma forma de preconceito, pelo estilo que se veste, sua aparência ou mesmo pelo som que escuta?

Jaime: Eu nunca sofri nessa perspectiva, talvez seja uma questão da época mais liberal que estamos, mas nunca sofri esse tipo de preconceito. Nunca notei esse tipo de preconceito por ser cabeludo, ter tatuagem ou usar roupas pretas. Mas eu sinto um preconceito velado, isso existe. Tipo, “esse cara é mal-encarado”, “esse cara não é legal, ele é negativo”, “ele é agressivo”, “é cuzão”, esse tipo de preconceito sim.

Robert: Eu acho que sim, por que eu era cabeludo na escola e a galera falava, “ah velho esse cara aí é um pouco temido, é um pouco não sei o que”. Eu não posso afirmar com convicção, mas acho que o preconceito maior foi na época da catequese que eu falei agora pouco.

Flávio: Nem questões familiares? Comentários do tipo, corte esse cabelo de menina, não faz tatuagem.

Robert: Família, sim, sim. Não sei se era tão explícito assim, do tipo “corta seu cabelo agora”, mas falavam. Minha mãe e meu pai falavam, “olha acho que seu vô não vai gostar muito disso”. Por que eu estava deixando o cabelo crescer, na época eu gostava de usar umas correntes e aí meus primos viam e eles são de uma cidade no interior e falavam “ahh pelo amor de deus, tira isso”. Então é uma coisa engraçada, ao mesmo tempo que tinha um preconceito, havia uma certa admiração. Então em meados de 2003 quando eu ia a uma cidade do interior de Goiás, onde minha avó morava, eu era o único cabeludo na cidade, então todos olhavam, algumas meninas vinham tocar no meu cabelo.

Flávio: Então esse status, sobrepunha o preconceito?

Robert: Isso, sobrepõe. “Eu sou diferente e é legal ser diferente”.

Jaime: Eu vivi a mesma coisa também. Por que havia esse preconceito velado, que você sentia claramente que algumas pessoas não iam com sua cara.

Robert: Eu vivi muito assim, de pessoas chegarem para mim e falarem “nossa eu achava que você era um cuzão”.

Jaime: É isso aí, “eu achava que você era um cuzão”, é isso aí. Mas ao mesmo tempo, esse temor, essa admiração, não sei ao certo até onde vai o temor ou admiração, as vezes pode ser puro temor, mas isso proporcionada algo legal também, algo bom.

Robert: É por incrível que pareça. Por mais que as pessoas te olhassem torto, eu pensava “é eu só diferente mesmo”.

Jaime: É, “eu só diferente”, por que no colégio eu era o único cabeludo, o único moleque, então tem que ter coragem, para ser cabeludo em um ambiente ali, de bullying.

Robert: Sim, sempre tinha os caras que me sacaneavam, “ahh cabelo de mulher”. Aí eu deixava a barba crescer, era a mulher barbada. Mas era uma relação legal, eles me “zuavam” mas eu também “zuava” eles. Só que quem era de fora, os caras não gostavam não. Mas eu era um pouco agressivo, se alguém tocasse no meu cabelo no meio da zueira, chegasse puxando meu cabelo eu já virava descendo o murro. Eu não tinha muita tolerância, então eu meio que demonstrava, “eu sou diferente, mas não vem querer me zoar não”.

Jaime: Eu acredito que o estilo, que veio do Heavy Metal, me serviu também como uma armadura. Um escudo, uma forma de me defender do julgamento, da intolerância.

Flávio: Você aceita o estigma de mal-encarado para evitar o bullying?

Jaime: Exato.

Robert: Sim. E eu posso falar até assim, não só como mal-encarado, mas para admitir a minha própria agressividade. Por que antes, eu via como uma conotação negativa, de ser ruim, agressivo. Mas parece que quando veio para mim o Heavy Metal, esse lado mais sombrio é uma aceitação, do tipo “sou agressivo mesmo” e se mexer comigo e eu não gostar eu vou demonstrar essa agressividade. É um lado meio briguento, então me ajudou a demonstrar que assim “se mexer comigo eu vou me defender”. Não vou apanhar atoa, eu vou morder, vou dar murro, vou me defender. Então acho que mostra um pouco disso, por que poxa vida, vou levar bronca quieto, apanhar calado? Vou o caralho, vou erguer minha voz também, é um momento que você lida diferente com a questão da autoridade. Existia muitas coisas dos meus pais, do meu irmão do tipo “você tem que ouvir isso e ficar quieto” e eu sempre fui um cara questionador e me perguntava “por que tem que ser assim? ”.

Flávio: Essa questão de questionar as autoridades, questionar o sistema, isso remete a ideia de que o Heavy Metal é formado por indivíduos subversivos, você acha que isso é um discurso interno do grupo ou ele ultrapassa as barreiras?

Robert: Acredito que seja ambos, se eu falar uma concepção meio psicológica da coisa, acredito que uma coisa chama a outra, acho que o Heavy Metal tem essa característica, as pessoas que escutam também têm essa tendência e a impressão que tenho é que uma coisa chama a outra, como se fosse um ímã.

Jaime: Não é à toa que o Heavy é do jeito que ele é, assim também são as pessoas que gostam, elas são do jeito que elas são.

Robert: Isso, acredito que a própria pessoa que conduz esse estilo tenha essa vivência.

Jaime: Uma característica que propicia essa identificação.

Robert: Há uma empatia que une essas coisas, como uma união do útil e do agradável. Por que quer queira ou não, historicamente o movimento do rock é uma coisa subversiva.

Jaime: Contra cultural.

Robert: Contra cultural, esse é o conceito. Acho que desde o nascimento, como exemplo o Elvis, no início, as pessoas ficavam “como assim? O cara mexe a cintura, rebola, cara sedutor”.

Jaime: Sensualiza na televisão.

Robert: Então sempre foi assim, de repente já surgiram outros, daí surgiu o Black Sabbath, daí já falaram “nossa rasga a bíblia”. Então mexe com um padrão já estabelecido.

Jaime: Começa a mexer com a religião. Com tabus, com o suicídio.

Robert: É como conversávamos antes, mexe com os tabus, com a agressividade, com a tristeza, é esse lado sombrio humano que o padrão, no aspecto geral, tenta camuflar.

Jaime: É que muitas coisas antes do rock, antes do Heavy Metal eram tabus. Era um tabu absoluto, quando você iria abordar esse tipo de assunto?

Robert: Então o rock, o heavy e o death, eles trazem em si características da condição humana que é muito difícil o humano reconhecer nele mesmo. Então é legal você se conectar com o grupo, mas também é saudável para a psique humana que você não estabeleça isso como uma projeção, do tipo “o ruim está fora de mim”, não cara, o ruim está aqui, essa vivência é minha. Então não é só o fato de eu me identificar, que está no som, não, isso está em mim, se eu escuto esse tipo de som, é por que isso está em mim também.

Jaime: Foi uma pessoa que fez.

Robert: Sim, foi uma pessoa e empaticamente isto está em mim. Então é esse reconhecimento ao meu ver que é fundamental. Acho que nessa concepção, há ambas, o Heavy chama essas pessoas a fazer parte do grupo, chama essas pessoas que vivenciaram isso a fazer uma crítica da própria vidas delas. É muito difícil você escutar de um cara de banda, ou um compositor do Heavy que ele tenha tido uma vida boa, pacífica e maravilhosa. A maioria desses caras tiveram vivências pesadas.

Jaime: Isso é fato. Além disso, não sei se haverá alguma pergunta em relação a isso, mas é até um dos motivos pela qual, hoje em dia eu não me considero mais fazendo parte dessa tribo. Eu me afastei, apesar de eu ainda ser cabeludo e ainda ouvir as músicas é por que eu gosto, mas o ambiente do Heavy Metal, embora seja muito saudável, abordarmos essas emoções e esses temas tabus, quando você fica muito nele, daí é uma coisa pessoal minha, traz uma negatividade, ele traz também um padrão de negatividade.

Flávio: O Heavy Metal sustenta um padrão de agressividade da adolescência que você não pode mais suportar quando é adulto?

Jaime: Não é mais cabível.

Robert: Uma coisa é você ter aquela vivencia, outra coisa é quando você expande e só fica vivenciando aquelas emoções, como se fosse um ressentimento, como algo não superado. Se você, se mantém bruscamente naquilo, você vive em uma concepção meio ressentida. Eu tenho camaradas meus, que eles ainda ficam ouvindo muito aqueles death, pesados, cada vez mais pesados e os caras só querem viver nesse ciclo, mas ao mesmo tempo são pessoas que tem características muito depressivas, ressentidas de emoções que ainda não superaram. É uma concepção que pode te ajudar a se identificar com características da vida, mas não sei até que ponto você se identificar maciçamente com ela vai te trazer benefícios, aí acho que é o oposto.

Jaime: É uma coisa que eu vive, por que eu tive depressão por muitos anos e ainda tenho uma tendência a deprimir. A minha personalidade é assim e se fico muito no heavy metal há uma tendência de eventualmente meu humor deprimir ficando nessa música.

Flávio: Conversávamos mais cedo sobre a capacidade do Heavy Metal em elevar nossas energias, essa capacidade se restringe apenas aos shows?

Jaime: Isso é uma coisa peculiar, por que o Heavy Metal é muito diverso, tem muitas vertentes. Um Manowar por exemplo não vai me deprimir.

Robert: Eu acho, que depende da energia de potência, por que uma potência levada ao extremo também tem uma condição mutiladora. Tipo assim, essa música está elevando tanto minha potência que não sinto medo, nada vai me acontecer, nada pode me atingir. Então você cai em uma falsa concepção de que se tiver poder demais nada vai te acontecer. É como se fosse a falsa imortalidade para não reconhecer que sou mortal.

Jaime: Isso não é um enfretamento.

Robert: Entretanto, eu não observo que essa busca pela potência vai me levar ao suicídio, ou melhor ainda, uma autodestruição. Por que é uma característica da agressividade exacerbada, ela te leva a destruição.

Jaime: Uma auto agressividade e é uma característica da pessoa do Heavy Metal, do Headbanger.

Robert: É tanta energia naquela vivencia que eu não estou dando conta de consumir.

Jaime: Para beber, para fazer sexo, tudo ao extremo.

Flávio: O mosh é uma representação física disso.

Jaime: Acho que de uma forma simbólica, isso que você diz faz sentido, por que o mosh é uma manifestação da energia extrapolada, é violência, mesmo sendo uma brincadeira, é violento. Então acredito que simbolicamente, sim ele representa essa autodestruição presente na cultura Headbanger.

Robert: Álcool, drogas ...

Jaime: Álcool, drogas pesadas, sexo sem proteção.

Flávio: Em relação as drogas ilícitas, qual a concepção de vocês, como é a relação delas seu círculo de amizades?

Robert: Cara, para mim as drogas apareceram muito recentemente, explicitamente digo, muitos camaradas meus dizem usar bala, já tomaram LSD, usam baseado, assim baseado é uma coisa muito comum, na minha concepção nem é droga. Mas eu não vejo muito isso nos meus camaradas do Heavy Metal, eu vejo muito isso em amigos meus que escutam eletrônico. O eletrônico eu vejo que eu posso comparar com o Heavy, por que ela tem essa característica de dar uma potência, mas uma potência também muito destrutiva. A galera ir lá, ficar na balada, depois em um after, depois em outro, na outra, sem parar, sem limite. Não se dando conta que estão se destruindo.

Jaime: É engraçado que o headbanger ele chega em um limite, ele vai na bebedeira completa até ele cair e para, diferente desses caras, que vai na balada toma uma bala, cheira cocaína e não tem limite, fica lá três dias. O headbanger chega as 8h00 da manhã, o cara está morto (gastou as energias batendo cabeça e bebendo).

Robert: Eu particularmente, vejo isso nos meus amigos, são mais novos do que eu, eu tenho 32, eles 22, uma diferença de 10 anos, quando vejo eles entrando nessa eles são frenéticos. É uma coisa inconcebível, eu chego a fala “mano, para, calma, não precisa de tanto”. Acho que isso é uma concepção que vemos muito hoje, de uma ansiedade dessa geração, dos adolescentes da contemporaneidade. São ansiosos, niilistas demais, “nada está me segurando”. É um momento que eu estou tão próximo de conhecimento, está tão fácil de adquirir conhecimento, mas que nenhum me dá garantias de que a vida vale a pena ser vivida. Daí a vida que vale a pena ser vivida fica nesse extremo. Então vou cheirar tudo que tenho, vou tomar um monte de bala. Então tem camaradas meus assim, o cara tem que ir em um puteiro, pegar três putas, ficar horas no motel, gastar toda a grana, pagar R\$3.000,00 em uma noite, eu chego assim e falo “para que? ”, calma velho, isso não é nem um pouco bom.

Jaime: Torrar todo o salário.

Robert: Você vive em um mundo de emoções, em busca de prazer que não vai te beneficiar.

Jaime: Fica uma impressão que as fronteiras do limite estão menos visíveis, são menos palpáveis.

Robert: Se eu for falar do rock n roll, da galera que eu tive essa vivencia, eu não vejo eles tão extremados, comparado com o que vejo hoje. O Heavy Metal, seu extremismo está na concepção de criar uma defesa, se for dizer pejorativo, em um sentido de “criar uma defesa para você não me tocar”, mas não essa vivencia extrema de hoje.

Jaime: Acho que o rock e o Heavy Metal contribuíram para esse processo, de chegarmos como está hoje, a essas questões do limite e do extremo. O Heavy Metal foi um movimento de contracultura que começou com isso, com os excessos. Começou a romper as fronteiras ali, mas hoje em dia o Heavy Metal não é o mais extremo. Mas respondendo à pergunta original, sobre as drogas, eu que ainda estou nos role, é muito comum, rola muita droga, qualquer tipo, mas principalmente baseado.

Flávio: Já passaram por alguma situação perigosa por fazerem parte do grupo dos **Headbangers**?

Robert: Um dia eu estava dando um role, de bola, eu comecei a andar descendo uma ruazinha perto do Tribos, eu estava recém cabeludo, com uma camiseta do Kurt Cobain na época, porra velho, moleque de 15 anos, sei que eu estava descendo e eu só senti um cara puxando meu cabelo e vindo outros caras assim e começaram a me atropelar, eu nem sei direito o que aconteceu até hoje. Só sei que quando eu levantei parecia que eu estava em um liquidificador, todo machucado.

Flávio: Em minha época isso rolava muito, hoje continua rolando esse tipo de briga entre grupos diferentes?

Jaime: Hoje você não vai ficar discriminando abertamente, você só não se aproxima.

Robert: Então, isso foi em 2001, eu tinha proximidade com uns amigos meus que curtiam punk e andavam de roller. O som que eles escutavam era uma coisa mais Rage Against the Machine, enquanto eu ouvia mais Nirvana, Metal e mesmo assim eu tinha convivência com os caras de boa. Nunca houve problemas com esse grupo, era uma relação harmoniosa. Mas naquela época era preciso manter uma tradição meio metaleiro, por que ele tinha que ter essa força, para lutar contra uma outra força que era muito contra.

Flávio: E as rixas entre os ditos posers e os true.

Robert: Isso era mais rígido do que agora, hoje o grupo não se divide tanto.

Jaime: Isso acontecia por uma necessidade, havia uma violência contra o grupo dos headbangers e havia essa necessidade de se defender contra essa violência.

Robert: É quase uma analogia do que existe hoje entre esquerda e direita. Se você falar determinada coisa ou você já é doutrinador marxista ou você é bolsominion conservador, não tem meio termo. Então tem uma coisa que você pode refletir, então você já determina parâmetros e a galera que se identifica com um ou com outro já toma com medidas extremas, “eu tenho que fazer parte desse lugar”.

Jaime: Hoje não tem conversa.

Robert: Hoje eu me vejo não necessariamente como nenhum dos dois, não é por que eu me pauto em uma perspectiva mais igualitária que eu me identifico com um grupo massivamente de esquerda. Eu não preciso concordar com tudo, não necessariamente e não é por que eu possa gostar de uma perspectiva mais de direita que eu apoio essa economia capitalista como vivenciamos hoje, eu sou um cara que quero refletir sobre ambos.

Jaime: E pegar pontas de vista uteis de ambos os lados.

Robert: É velho, criar outras possibilidades, não precisa ficar restrito. Mas há uma questão muito humana que podemos ver assim, até autores que trabalham muito com representações sociais, como por exemplo um cara chamado Moscovici, é muito legal a perspectiva dele. Para

ele a representação social quer dizer o que, o ser humano tem uma tendência tão fortemente de criar um estereótipo, para dar conta de um fenômeno que ele não conhece, que ele tem uma necessidade de assimilar aquilo para dar conta, por que se não assimilar me causa muito pânico, muito medo. Tanto que para trabalhar com essa metodologia de representação social ele trabalhou com o conceito de aids na época, nesse período a aids tinha muita representação social dentro do grupo dos homossexuais, por que não se sabia de onde vinha a aids, essa angústia criou o estereótipo de que todo homossexual tinha aids.

Jaime: Era uma necessidade resposta.

Robert: Era uma necessidade de resposta para dar uma segurança e fugir da angústia de algo que não se conseguia explicar. Então se você questiona o capitalismo é muito mais fácil para quem não sabe explicar dizer que você é um doutrinador marxista.

Flávio: O mal sempre está no outro.

Robert: Sim, é a projeção maciça. Então assim, acho que o Heavy Metal tradicional, dá para fazer uma analogia nesse sentido, aquela galera que vivenciou essa luta de força muito exacerbada, hoje eles têm essa concepção mais forte exatamente por vivenciar aquela época e não ter superado essa condição de luta.

Jaime: E hoje em dia essa violência diminuiu bastante, não há mais essa animosidade entre as tribos. Você vai lá no porão, você encontra pessoas de várias tribos.

Robert: Diversidade. Eu falo por mim assim, não sei se vocês conheceram o CrowBar. O CrowBar era de uma camarada meu, eu e minha banda quase pegamos para tocar lá.

Robert: Fizemos vários corres para tentar tocar lá, mas por questões burocráticas acabamos não pegando. Mas, pela época que frequentávamos, não era necessariamente só metaleiros, era eclético. Ele tinha aquela característica, meio dark, meio simples.

Jaime: O Crowbar tinha quase todo tipo de gente lá, mas o playback que colocavam lá era sempre Metal extremo.

Robert: Sim, mas, várias pessoas iam lá, então acho que hoje há mais aceitação de diversidade, mais pessoas diferentes. Há sim um movimento até mais conservador, só que ao meu ver, vendo o ponto de vista positivo do conservadorismo, é como se fosse um mal necessário, talvez para conter, para impedir que não surja extremos de outro ponto. Acho que até é necessário uma mescla, para dar mais equilíbrio. Mas voltando a discussão sobre como as faixas etárias vivenciam o metal, eu posso afirmar por mim, na minha vivência, eu não tive nenhuma vivência maciça com o Heavy, talvez por que eu não tenha vivido extremos de preconceito, extremo de identificações maciças. Sempre vivenciado um ambiente de diversidade, tanto que sempre tive amigos de vários tipos, até com sertanejo, me dou bem com primos que gostam de sertanejo, eu sou o patinho feio da minha família, meu pai toca viola e gosta de sertanejo clássico.

Jaime: Na minha vida, eu achava que eu tinha tido uma identificação maciça com o Heavy Metal, eu achava e pensava, eu sou headbanger, mas eu acho, olhando agora de fora, de outro

momento, que eu nunca tive para valer, embora no momento eu achasse que tinha, hoje eu vejo que não, eu nunca mergulhei a fundo. Era uma coisa de momento, eu nunca tive muita galera, meus amigos sempre foram os mesmo da infância, cada um curtindo o que curte.

Flávio: Você nunca teve um grupo de amigos formados só de headbangers?

Jaime: Não, formados só por headbangers não, nem vivi a vida headbanger e meu gosto é muito diversificado, eu sou um nerd, gosto de ler e ouvir música, ao mesmo tempo que posso parecer um headbanger clássico, eu sou um super nerd, super pacífico, nunca briguei com ninguém, então o heavy metal na minha personalidade foi uma coisa a mais, mas não o centro. Eu posso dizer que o Heavy metal foi um dos elementos que compôs minha identidade, mas não o mais importante.

Entrevista com Eduardo

Você é de Maringá? Nasceu na cidade?

Isso, sou de Maringá mesmo, morei um ano em Minas Gerais quando criança, mas tirando isso sempre vivi aqui.

Solteiro?

Legalmente, sim.

Trabalha ou estuda?

Só estudo, faço doutorado em Física.

Mora sozinho ou com os pais?

Moro com meus pais.

Você se importa em conversar sobre religião? Possui religião?

Não, não possuo religião e não me importo de falar sobre. Já tive religião.

Você era de qual religião?

Católico.

Por que deixou de frequentar a igreja ou seguir a religião?

Na verdade, nunca gostei muito, era mais por imposição da minha família, quando eu era criança ou adolescente eu não tinha muita escolha, mas quando eu pude escolher eu parei de seguir.

Aproveitando que você falou de família, qual a importância você dá a família na sua formação.

Acho de extrema importância, acho que todos os valores que tenho são graças a família, aos exemplos que meus pais me davam quando criança e adolescente. Acho extremamente importante.

Você respeitava a hierarquia em casa, ou buscava debater suas ideias.

Eu respeitava, só bati o pé mesmo, com relação a religião.

Começando pelo básico, como você conheceu o Heavy Metal? Você frequenta bares e shows, ou costuma estudar mais em casa?

Bom, comecei com uns 12 anos, com alguns amigos, principalmente com um vizinho meu, que é um grande amigo meu até hoje, ele era um pouco mais velho e curtia muito heavy metal, então ele me influenciou bastante nessa faixa da minha vida.

Você se lembra da primeira vez em que ouviu Heavy Metal?

Não, não me lembro especificamente da primeira vez, mas eu lembro das principais bandas.

Você frequenta bares ou shows?

Sim, eu ouço muito em casa, mas também vou em bares e costumo viajar para ir a shows. Já fui para São Paulo, Curitiba, para Porto Alegre e agora vou ao Wacken (festival de heavy metal) em agosto na Alemanha, então nunca tive dó de gastar para ir shows por que é uma coisa que eu gosto muito.

Então pode-se dizer que o heavy metal tem bastante importância na sua vida.

Sem dúvida, muito relevante na minha vida.

Você tem alguma história, que você ache legal? Alguma coisa marcante que tenha acontecido em suas viagens para shows?

Nada muito específico, mas acho que sempre foram experiências legais, conheci pessoas legais, sempre conheço gente nova que é uma coisa que me marca muito, além do show que tem uma pegada meio nostálgica, por exemplo, no show do Black Sabbath que foi uma das primeiras bandas que eu ouvi e depois, uns 12 anos depois, que para minha idade é bastante, ver os caras e “tals”, velhos, isso é uma coisa muito f***.

Essa cultura do heavy metal junta as pessoas, forma um grupo de amigos. Você acha que o heavy metal te ajudou nesse sentido? Aumentando seu círculo de amizades.

Acho que ajudou muito, muitas das minhas amizades foi devido a isso, sem dúvidas.

Você vê o heavy metal como um entretenimento, ou um modo de vida?

Acho que é um estilo de vida, tem o estilo de se vestir, cabelo, opiniões políticas e religiosas que vem do metal, muito mais forte do que um simples entretenimento.

Com que frequência você escuta música?

Praticamente todo dia, no trabalho, quer dizer enquanto estou estudando no doutorado, eu fico na UEM o dia todo e sempre que posso estou ouvindo.

Já teve interesse em fazer parte de algum fã clube? Ou faz parte de alguma banda?

Tenho banda, mas nunca fiz parte de nenhum fã clube. Só mais de reunir os amigos e curtir os shows.

Na banda você é?

Baterista.

Você costuma ouvir outros estilos musicais? Músicas brasileiras que vão além do estilo?

Às vezes eu ouço, tipo, minha banda por exemplo é de punk rock, um estilo que nunca fui muito fã, mas aí apareceu o convite para tocar e eu comecei a ouvir um pouco, foi uma coisa nova para mim, tem cerca de um ano. Eu costumo ouvir um pouco de música clássica, como eu faço aula de bateria, as vezes eu me deparo com um estilo que eu preciso aprender, como jazz ou blues.

Você já chegou a apresentar o heavy metal para alguém que não conhecia?

Amigos não, mas eu apresentei para uma ex-namorada que não gostava muito e com o tempo ela passou a gostar e se interessar.

Você apresentou alguma coisa específica?

Acho que apresentei de tudo, desde coisas que eu gostava no começo até o que estava escutando na época.

Se você pudesse apresentar umas 5 bandas para quem está começando, quais seriam?

Acho que apresentaria Iron Maiden, Slayer, Nightwish, Blind Guardian e Sepultura.

Existe a máxima de sexo, drogas e rock 'n roll. Você acha que isso é real ou uma construção exagerada de fora do grupo?

Acho que existe bastante, não é uma regra, mas eu vejo muito, até mesmo no meu círculo de amigos.

Você já ouviu as palavras True e poser?

Já bastante.

Qual sua opinião sobre isso? Já foi taxado de alguma maneira?

Ah, quando eu era mais novo, adolescente assim, eu ficava pirando muito nisso, mas hoje em dia eu acho uma coisa um pouco retardada na verdade. Acho que nunca é tarde para começar a ouvir e curtir, você não precisa saber tudo, pois acontece muito de quem está começando a ouvir e os amigos começam a ficar zoando, chamando de *poser* e tal, mas acho que não tem nada haver não, a pessoa está começando a ouvir, assim como eu comecei um dia. Acho que quando somos adolescentes somos mais intolerantes, mas agora sou bem mais mente aberta.

Você já sofreu algum tipo de preconceito, por gostar ou se vestir como o grupo em algum lugar que você frequenta?

Não, nunca sofri, mas eu também não costumo frequentar coisas muito diferentes.

Os locais acabam sendo sempre frequentados por pessoas que gostam das mesmas coisas.

Exatamente, mas eu tive problemas com emprego já. Já deixei de trabalhar em uma empresa por ter cabelos longos.

Você possui alguma opinião sobre o governo atual? Ou nunca parou para pensar sobre o assunto?

Bom, eu acho o governo atual bem ruim, eu sou muito leigo no assunto, não costumo falar muito disso por ser muito leigo, mas a impressão que eu tenho é que o governo atual beneficia uma classe muito específica da sociedade né, quem tem mais grana, empresas e tudo mais né, e eu por exemplo, como sou pobre acabo me ferrando um pouco mais. Parece que o poder aquisitivo do salário fica bem baixo, por exemplo antes eu conseguia viajar de avião bem mais fácil que hoje em dia. Tem combustível, alimentos, eu percebo que as medidas do governo beneficiam grandes empresas e ferram quem é da classe mais baixa.

Dos pré-candidatos, ou possíveis nomes, você tem alguém em mente?

Eu sei em quem eu não votaria. Eu não votaria no Bolsonaro. Eu acabo olhando mais para direitos humanos, uma coisa que eu valorizo muito.

Já que você tocou no assunto, sobre essas questões que são mais debatidas fervorosamente na internet, você pode dar sua opinião? Legalização das drogas, desarmamento, aborto, etc. Já participou de algum tipo de discussão a esse respeito? Já participou de manifestações ou movimentos sociais?

Eu nunca participei de protestos, mas é algo que eu apoio. Sobre a legalização, em relação a maconha eu acho que deveria ser legalizado sim, por não achar que ela seja tão nociva a sociedade se comparado ao álcool por exemplo.

Sobre as liberdades individuais? A liberdade de expressão, direito a possuir uma arma?

Eu acho que liberdade de expressão sim, mas sou contra a liberação das armas, acho que só aumentaria a violência.

Para você o heavy metal é uma cultura subversiva? Em outras palavras, é uma cultura que tenta fugir das normas e padrões sociais ou essa ideia é mais uma construção irreal?

Eu acho que é um pouco subversiva, normalmente nos meus círculos sociais, eu vejo que é um ambiente muito aberto, a todo tipo de pessoa, independente de raça, sexualidade, sempre tem pessoas muito diversificadas, algo que eu acho bem legal. É claro que tem exceções, mas acho que no geral é isso mesmo. Também tem o lance político, o punk por exemplo explora o lance do anarquismo, acho bem legal.

Entrevista Arya

Conheço você a muito tempo, sempre esteve ligada a música, na sua família a música é importante? Alguém tinha ligação com a música também, ou seu interesse foi algo pessoal?

Não, minha família nunca teve interesse na música, também não me influenciaram em nada musicalmente e eu comecei por mim mesma, comecei tocando piano. Acredito que já era da minha essência estar ligada a música.

Você sempre teve esse ímpeto de ligação com a música de forma espontânea, nunca foi uma influência dos seus pais?

Não, nunca houve influência dos meus pais e nem de amigos.

Nem amigos?

Nem de amigos.

Sendo algo somente seu, você encontrou algum tipo de resistência dentro da sua família?

Nenhuma, foi tudo muito natural. Me apoiaram sempre.

Você nasceu em Maringá e fez seus estudos aqui?

Não, até meus 10 anos eu sempre morei em cidade pequenininha. Mas, pequena mesmo, de 3 mil habitantes. Então, não havia mesmo como ter influência de amigos, nem nada, por que era muito difícil o acesso a esse tipo de música.

Sua família é religiosa? Praticamente?

Sim, mas não são fanáticos.

São católicos?

Meu pai é católico, minha mãe espírita.

Você segue alguma religião?

Sou espírita.

Tem irmãos?

Tenho um irmão.

Seus pais trabalhavam em qual área?

Meu pai é aposentado, mas trabalhava no Banco. Minha mãe sempre cuidou da casa.

Seu caminho até o Heavy Metal foi uma reação a um ambiente conservador ou foi um interesse que nasceu do convívio com a música (o piano)?

Não, foi bem natural, conforme fui me envolvendo fui conhecendo novos estilos.

Já dentro do Heavy Metal, você enfrentou algum tipo de preconceito? Pelas tatuagens ou mesmo pelo estilo de música?

Nada, nunca sofri nenhum preconceito com isso, muito pelo contrário.

As pessoas perguntam sobre e até puxam assunto?

Isso, acham bacana.

Você ficou muito conhecida na cidade entre os fãs de heavy metal por além da banda que faz parte, organizar viagens para shows, ou então por trazer shows de outras bandas para a cidade. Você se lembra o que te levou a encarar esses projetos?

As excursões nasceram da minha vontade de assistir aos shows com a vontade da galera em ver também.

Como não havia quem fazia, você resolveu encarar.

É, eu meio que comecei aqui em Maringá, eu fiquei bastante tempo fazendo né. Hoje eu não faço mais, não tenho condições, não tenho tempo né para organizar.

Você sente que diminuiu um pouco todo o cenário do heavy metal na cidade, deu uma caída?

Sim, Maringá e acho que no Brasil em geral.

Realmente, fui a São Paulo na galeria do rock e o fluxo de pessoas, as lojas voltadas ao público do Heavy Metal, no geral estavam bem abaixo do que costumava ser.

Ah não, ali já decaiu muito. Acho que é por causa da mídia. Hoje todo mundo tem acesso pelo computador. Assiste os shows pelo *youtube* e acaba deixando de lado, de ir frequentar os shows, sem comprar CD's.

Você veio morar em Maringá aos 10 anos, você estudou em colégio público ou privado?

Em Maringá era particular, mas nas cidades pequenas foi em colégio público.

Você buscou uma graduação? Chegou a se formar em alguma faculdade?

Me formei, mas trabalhei muito pouco na área.

No ambiente profissional, você disse que nunca encontrou nenhuma resistência em relação ao Metal, mas dentro do ambiente do Metal, você já encontrou algum tipo de resistência, por ser mulher?

Ah, eu senti que no começo a galera queria me testar. Aquela coisa de se eu conhecia mesmo, mas para mim isso não foi problema não.

Isso acontece mesmo.

Eu não encaro como problema.

Frequentei por muito tempo, assim como você, o Tribos' Bar antigo, mas não fui muito quando se mudou para a avenida Cerro Azul, você continuou a ir no bar?

Sim, até hoje, as vezes quando tem um show que eu gosto, ou que eu esteja aqui em Maringá eu vou.

Fui algumas vezes recentemente para fazer a pesquisa, a impressão é que a galera mudou bastante.

Ah, mudou, mudou muito.

Inclusive o foco do bar parece ter mudado e o dono disse que vai fechar em dezembro.

Mudou. É acho que vai fechar agora no final do ano. Mas, acho que mudou também por que ninguém sobrevive de Metal aqui nesse país né.

(OBS: Depois dessa entrevista, o dono do bar foi ao facebook fazer um "survey" sobre os motivos que o público deixou de frequentar. Houveram vários comentários e aparentemente o bar seguirá funcionando em 2019).

Acredito que sempre tenha sido assim né? As bandas para sobreviver buscavam atingir um público mais amplo.

Mais comercial né.

Você continua com a banda? Fazendo shows?

Ah, a gente está tocando, mas bem pouco, estamos em processo de gravação de um novo álbum. A esperança é que no ano que vem a gente toque mais. Estávamos com um projeto com o SESC né, então estávamos tocando com o SESC mais no estado de São Paulo. Então a ideia é que no ano que vem, está tocando mais com o lançamento do CD novo.

Voltando um pouco a sua história pessoal, você se lembra quando foi que você se deparou com o Heavy Metal? Quando foi que você escutou e pegou gosto?

Ah, acho que quando eu tinha uns 13, ou 12 anos. Eu já tinha conhecido KISS, essas coisas, foi quando passou o Hollywood Rock em 94, eu assisti né, então fiquei bem deslumbrada. Mas, como eu morava em cidade pequena eu não tinha muito acesso, era mais moda de viola, Sandy e Junior, essas coisas (risos). Então era mais esse tipo de coisa que eu ouvia na época né e coisas de piano. Ai, foi aqui em Maringá que eu tivesse acesso a tv a cabo, estava passando um clip do Aerosmith e eu fiquei simplesmente deslumbrada, apaixonei.

Você acha que não foi algo só musical, mas o visual também te chamou a atenção?

Lembro que foi algo do acaso, sem influência de ninguém, eu estava passando os canais e achei, acabei me apaixonando.

Quando você encontrou esse novo estilo? Deixou de tocar piano? Pensou “quero ser baterista”?

Ah, eu sempre quis ser vocalista, mas logo vi que não deu muito certo (risos), daí tentei guitarra, tentei baixo, mas nunca me dei bem com instrumento de corda e a bateria foi a última opção. Ninguém queria ser, eu falei, vou tentar né.

Essa brincadeira tem tempo já né?

A banda mesmo já tem 18 anos, faz um tempinho.

E desde o começo você já se propôs a ser a baterista?

Sim, desde o início da banda.

Vemos que no Metal o Front Stage atrai muito a atenção do público em geral, existe uma idolatria ao vocalista e o guitarrista/baixista e os bateristas acabam ficando restrito aos fãs mesmo. Isso já te incomodou?

É verdade, mas isso aí eu não ligo, acho até melhor. Prefiro assim (risos).

Atualmente você trabalha na polícia Civil.

Isso, faz mais de 4 anos já.

Nesse ambiente de trabalho também nunca houve nenhum questionamento?

Nada, a maioria gosta de rock, gosta de metal. Uns 80% gostam.

É bem tranquilo então.

Sim, já foram em shows já.

Quando você entrou de cabeça no Heavy Metal, foi uma coisa mais musical, apenas do som, ou você sempre buscou associar à musica a uma atitude?

Ah, acredito que quando você é fã, você sempre busca associar as duas coisas. Sempre vesti a camisa das bandas, eu sempre estava vestida com a camiseta de uma banda que eu gostasse. Depois vieram as tatuagens e todas as tatuagens que eu tenho ou são de bandas que eu gosto, ou elas têm algum significado para mim. Acho que nunca foi algo do tipo, “quero participar do grupo X”, nunca, foi naturalmente sabe.

Você ainda se considera uma Headbanger?

Sim, com certeza.

Você ainda é uma pessoa gosta de frequentar o ambiente e os shows.

Sim, sempre que possível eu vou aos shows, o que me dá prazer quando vou sair é ir e assistir o show.

Há algum show especial? Algo que te marcou? Uma história que venha a cabeça?

Ah foram vários, vários. Um que eu posso citar foi o show do AC/DC, acho que foi em 2008, ou 2009 não lembro. O show em si foi bem bacana, a galera que foi na excursão. Ah, teve vários.

O show foi onde você lembra?

AH, foi lá em São Paulo, no estádio do São Paulo.

No Morumbi.

É. Ah, teve vários, a amizade que você faz com as pessoas, todos foram especiais.

Voltando aqui para nosso cantinho, em Maringá. No Tribos tínhamos um grupo que frequentava o bar independente do show.

É, para encontrar os amigos né, não só no Tribos, mas as vezes fazíamos churrascos né.

Você acha que esse tipo de interação, que era independente do evento também mudou quando o bar mudou de endereço?

Ah, mudou também por causa do público né. Muita gente casou, criou outras responsabilidades que impediram de ficar frequentando né o bar. Então assim, foi o público que mudou.

Mas isso foi instantâneo? Ou foi uma mudança gradual, com o tempo?

Acho que foi um pouco instantâneo viu.

A galera meio que deixou mesmo de ir ao bar com a mudança.

É. Meio que deixou de ir mesmo no bar.

Em relação ao momento que o país tem passado, com a divisão política que aconteceu nas eleições, você tem alguma opinião sobre este momento? Acredita que a música pode contribuir? Essas questões que geram discussão política hoje, sempre tiveram peso para você?

Para mim sempre acompanhou, não é coisa de momento. Tanto que a maioria das letras da banda são questões políticas. Tem uma letra que eu escrevi baseada em um livro chamado Urania e a música também chama Uranie, a música fala em um trecho que nós humanos

erguemos estatuas para líderes que nós matam, então tem tudo haver, foi bem atemporal assim digamos. Por que as pessoas acabam venerando, falando vulgarmente, pessoas que estão fodendo com a gente, sabe e não percebem isso. Então eu sempre gosto de escrever a respeito disso. Tem outra letra nossa também, a Partners in Crime, que fala sobre guerras religiosas, a questão da ganância, sobre a destruição do mundo e no clipe nós tentamos retratar tudo isso, então também é um tema bem atual. Gosto de escrever letras que as pessoas possam refletir.

Isso me leva a outra questão que acredito que você tenha algo a dizer. Existem as pessoas que buscam na música essa visão mais crítica e outros que escutam a música pelo som, pela batida, sem se preocupar com o que a letra tem a dizer. Você deve ser familiarizada com o termo POSER e com o caráter pejorativo que isso trazia no meio, o que você pensa sobre isso?

Ah, acho que automaticamente quando você é fã mesmo de Heavy Metal, de rock n' roll, você cria um senso crítico para questionar tudo que acontece ao nosso redor. Então acho que isso é uma coisa natural que acontece, então acredito eu, que se a pessoa não cria esse senso crítico, eu não posso generalizar, mas acredito que essa pessoa esteja apenas passando por uma fase.

Não se importou com a letra ou não entendia.

É, gostava só do som. Não chegava a analisar de maneira profunda o que estavam querendo dizer.

Gostavam do som, do ambiente.

É, do visual. Mas eu também não julgo as pessoas. É legal também da mesma forma, é bacana você ir em um show e ver quantidade também. Para você que está no palco, para quem está organizando. É legal, pelo menos tem gente ali que está gostando da sua música, gostando do show que você está fazendo.

Você tem alguma ideia, ou hipótese do por que o Metal deu uma quebrada?

Olha, me faço essa pergunta até hoje. Eu não sei o porquê, hoje a galera está mais acomodada e não é uma questão de grana, nós éramos mais quebrados de grana e a galera ia. Acho que a galera está mais velha, a idade pode ter influência. Acho que a idade faz isso nas pessoas. Inclusive eu, antes eu era show assim, toda semana, hoje não. Hoje eu fico mais em casa, sabe, então acho que a idade, é a única explicação.

Muito legal a entrevista Arya, obrigado por responder todos os questionamentos e legal por saber que você continua com força.

Opa, sempre, até hoje eu saio daqui ouvindo um Running Wild, então Metal, Rock é uma coisa assim que eu escuto diariamente, então é o tempo inteiro. Se estou dirigindo eu estou ouvindo, se estou no meu quarto estou ouvindo. Eu não me limito só ao Heavy Metal e rock n' roll, eu gosto de música clássica, trilhas sonoras de filmes, tipo Conan, então também gosto muito dessa área. Mas basicamente é o rock n' roll e o Heavy Metal que eu escuto.